

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

PAULO HENRIQUE DO ESPIRITO SANTO NESTOR

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DA SEMÂNTICA
ESTRUTURAL DE GREIMAS**

Goiânia
2012

PAULO HENRIQUE DO ESPIRITO SANTO NESTOR

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DA SEMÂNTICA
ESTRUTURAL DE GREIMAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

N468h Nestor, Paulo Henrique do Espirito Santo.
Historiografia-linguística da semântica estrutural de
Greimas [manuscrito] / Paulo Henrique do Espirito Santo
Nestor. - 2012.
95 f. : figs, tabs.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2012.

Bibliografia: f. 93-95.
Inclui figuras e tabelas.

1. Historiografia. 2. Linguística. 3. Semântica
Estrutural. 4. Greimas, Algirdas Julien. I. Título.

CDU: 81'2/'44

PAULO HENRIQUE DO ESPIRITO SANTO NESTOR

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DA SEMÂNTICA
ESTRUTURAL DE GREIMAS**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professor Dr. Sebastião Elias Milani
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Faculdade de Letras - UFG
Presidente da Banca

Professor Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
FFLCH - USP

Professor Dr. Alexandre Ferreira da Costa
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Faculdade de Letras - UFG

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

À Márcia, minha mãe, pela motivação constante.

À Universidade Federal de Goiás e à CAPES pela bolsa de estudos.

Ao Professor Dr. Sebastião Elias Milani, pela orientação e pela amizade.

Aos colegas de grupo de pesquisa, pela amizade.

Aos professores e técnicos da Faculdade de Letras (UFG) pelo apoio.

“Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo”.

Machado de Assis

RESUMO

Os estudos da significação suscitarão várias controvérsias, internas e externas à linguística, desde as reflexões iniciais de Platão e Aristóteles na Grécia antiga. No século XX, tais discussões se intensificaram e construíram uma polarização, na qual havia os que defendiam a importância dos estudos da significação e os que acreditavam serem impossíveis tais pesquisas. Esta dissertação realiza uma abordagem historiográfico-linguística que busca interpretar a produtividade teórica da obra *Semântica estrutural*, escrita por Algirdas Julien Greimas, um dos linguistas que defenderam com maior veemência a relevância e a legitimidade do exame acerca da significação. Tal diretriz se justifica graças à pertinência dessa obra no cenário da linguística, evidenciada nos vários textos que a tratam como um divisor de águas nos estudos da linguagem. A *Semântica estrutural* foi publicada pela primeira vez em francês (1966), trata-se de um texto revelador de vários aspectos concernentes às ideias existentes nesse período relacionadas à significação. Greimas viveu durante o período que, talvez, tenha sido o mais produtivo para os estudos da linguagem no século XX. Basta lembrar que nesse intervalo foram publicadas as obras: *Curso de linguística geral* (Ferdinand de Saussure), *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (Louis Hjelmslev), *Morfologia do conto maravilhoso* (Vladimir Propp) etc. Além disso, Greimas viveu durante muito tempo na França, epicentro da ebulição de várias discussões teóricas relativas à linguagem e à língua. Porém, seus escritos não circularam apenas nesse país, chegaram a vários outros, inclusive no Brasil, onde a *Semântica estrutural* passou a fazer parte de muitas bibliografias de artigos, dissertações e teses. A respectiva obra causou alterações no contexto das pesquisas acerca da significação que repercutiram além do âmbito próprio da semântica linguística, tanto no que diz respeito ao objeto, a significação e não mais o signo, quanto no que se refere ao método, que se diferenciava drasticamente dos utilizados, até então, em linguística.

Palavras-chave: Historiografia-Linguística, Semântica estrutural, Greimas.

ABSTRACT

The studies of meaning brought many internal and external controversies to the Linguistics, since the early thoughts from Plato and Aristotle in the old Greece. In the twentieth century, such discussions were intensified and built a polarization, in which there were the ones who defended the relevance of the studies on meaning, and the ones who believed to be impossible to develop those researches. In addition, the Linguistic Historiography is the approach developed in this thesis, in order to interpret the work *Structural Semantics`* theoretical productivity from the author Algirdas Julien Greimas, one of the linguists who defended vehemently the importance and legitimacy of the meaning analysis. Moreover, this guideline is justified due to the pertinence of this work in the linguistics setting, highlighted in different texts that deal with it as a watershed in the language studies. The *Structural Semantics* was published for the first time in French (1966), and it portrays surprisingly many aspects concerning the existing ideas in that period related to the meaning. Perhaps, Greimas lived in the most productive moment for the language studies of the twentieth century. Furthermore, it was in this period that *Course in General Linguistics* (Ferdinand de Saussure), *Prolegomena a Theory to Language* (Louis Hjelmslev), *Morphology of the Folktale* (Vladimir Propp) etc were published. Besides, Greimas lived for a long time in France, the epicenter of many theoretical discussions concerning both, language (langue) and language (langage). Though, his writings were not only read in this country, but also in many others, such as, Brazil where the *Structural Semantics* started to be part of many articles, dissertations and thesis` references. The respective work made changes in the research contexts of meaning that went beyond the linguistic semantic field, not only about the object, but also to the meaning and no longer to the sign, concerning the method that was completely different from the ones used so far in the Linguistics.

Key-words: Linguistic Historiography, Structural Semantics, Greimas.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: APONTAMENTOS SOBRE A CIÊNCIA NO SÉCULO XX	18
1.1 OS ESTUDOS DA LINGUAGEM.....	18
1.2 SITUAÇÃO DA SEMÂNTICA NO SÉCULO XX.....	19
1.2.1 As dificuldades próprias à definição do objeto da semântica.....	20
1.2.2 A “onda” do formalismo.....	21
1.2.3 A intervenção de Greimas.....	24
1.2.4 A semântica de Greimas.....	26
CAPÍTULO 2: O ESPAÇO-TEMPO DE ALGIRDAS JULIEN GREIMAS	30
2.1 O PERCURSO ACADÊMICO DE GREIMAS (1934-1966).....	30
2.2 OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA FRANÇA: A DÉCADA DE 1960.....	31
2.3 GREIMAS E O ESTRUTURALISMO.....	34
2.4 OS CONCEITOS NA <i>SEMÂNTICA</i> : A ORDEM PARADIGMÁTICA E A ORDEM SINTAGMÁTICA.....	35
CAPÍTULO 3: A ORDEM PARADIGMÁTICA	38
3.1 DA ESTRUTURA ELEMENTAR DA SIGNIFICAÇÃO À DESCRIÇÃO.....	38
3.1.1 Os procedimentos de descrição.....	49
3.2 A ESTRUTURA ELEMENTAR DA SIGNIFICAÇÃO E SUAS FONTES.....	50
3.3 OS ACTANTES E A TRANSFORMAÇÃO.....	54
3.3.1 As reflexões de Greimas sobre os modelos actanciais.....	55
3.3.2 Actante e ator no projeto de Greimas.....	58
3.3.3 A privação no percurso da transformação.....	59
3.3.4 A função prova.....	61
3.3.5 O(s) lugar(es) da privação.....	62
3.3.6 O actante e a transformação como partes da <i>Semântica</i>	68
CAPÍTULO 4: A ORDEM SINTAGMÁTICA	76
4.1 O CONCEITO DE ISOTOPIA.....	76
4.1.1 O conceito de isotopia na análise de textos.....	80
4.2 A ISOTOPIA E SEU SENTIDO NA <i>SEMÂNTICA</i>	85
4.3 RUMO À SEMIÓTICA.....	86
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A Linguística, como qualquer outra ciência, possui uma história, integrada por indivíduos, teorias e eventos. Segundo o ponto de vista da Historiografia-Linguística (doravante, HL), tal história pode ser objeto de um estudo interpretativo, sob a condição de existir um recorte metodologicamente definido que busque realizar uma reconstituição descritiva e narrativa de conceitos e eventos.

O interesse pela história da linguística tem sido demonstrado por muitos autores nas últimas décadas¹. Em consonância com esse interesse surgiu esta dissertação, especificamente em razão das discordâncias quanto à proposta de uma semântica estrutural. Essa área diz respeito à teoria do significado desenvolvida, principalmente, na França, e se baseou principalmente em ideias oriundas da Linguística de Ferdinand de Saussure e da Glossemática de Louis Hjelmslev.

Por ser sincrônica, a semântica estrutural se diferencia da semântica diacrônica de Michel Bréal (1992 [1897]²). Mesmo que se saiba de antecessores como J. Trier (1931)³, G. Matoré (1953)⁴ e Hjelmslev (1957), foi na década de 1960, a partir, principalmente, das obras de Bernard Pottier e Algirdas Julien Greimas que, efetivamente, surgiu a semântica estrutural como disciplina, com seus conceitos e metodologia. Enquanto Pottier se volta, principalmente, para os estudos gramaticais, nos limites da frase, Greimas partiu do texto em sua maior abrangência encaminhando-se para a semiótica. Esse seu percurso teve início na *Semântica* (1973 [1966]) e se encerrou ao final de sua carreira, como professor e linguista, quando ele faleceu.

Quanto às discordâncias acerca dessa diretriz, é possível percebê-las a partir das opiniões de determinados autores. Uma das divergências mais conhecidas sobre esse assunto é a referente a Hjelmslev (1991[1957]) e Leonard Bloomfield (1935). Enquanto o primeiro acreditou ser cientificamente legítima a tentativa de estudo da significação, recorrendo aos princípios estruturalistas, o segundo considerou o sentido como algo inacessível, cujo estudo era inviável.

¹ Algumas publicações que demonstram esse interesse: Altman, 1998, 2009; Apresjan, 1980; Auroux, 2009; Coseriu, 1980; Dosse, 1993; Hénault, 2006; Koerner, 1978, 1995, 1996, 1999; Leroy, 1971; Milani, 2000; Neto, 2005; Normand, 2009; Saussure, 1995; Silva, 2009; Swiggers, 2009.

² Neste texto, as datas colocadas entre colchetes servem para indicar o ano da primeira edição da respectiva obra.

³ Segundo Irène Tamba (2009, p. 20), J. Trier com o seu estudo *Der Deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eine sprachlichen Feldes*, marcou o ponto de partida da *semântica lexical estrutural*.

⁴ Matoré foi responsável por definir os *campos lexicológicos* (TAMBA, 2009, p. 21). É interessante observar que esse mesmo linguista influenciou determinantemente Greimas, quando este se encontrava no início de sua carreira acadêmica (ARRIVÉ, 2010, p. 204).

Giulio Lepschy (1971, p. 132), por exemplo, afirmou que o estudo do significado aparece, na Linguística, como o menos redutível a um tratamento rigoroso. Para esse autor, possivelmente, isso contribuiu para garantir às questões semânticas uma condição pouco satisfatória no âmbito da Linguística. Lepschy (1971, p. 135) acrescentou que qualquer que seja a posição teórica, assumida na linguística, permanecerá sempre o problema concreto do tratamento do significado e, em particular, de seu tratamento estrutural.

Sobre esse mesmo assunto, Bertil Malmberg (1971) expôs que a análise semântica estava ainda em curso nas línguas e não ultrapassava o estágio em que se proporião problemas. Em oposição, Maurice Leroy (1971) defendeu que o número e o valor dos trabalhos dedicados à semântica, em sua época, já mostravam o quanto se justificava o recurso aos métodos estruturalistas para estimular essa disciplina.

Hjelmslev, um dos mais conhecidos adeptos ao paradigma estrutural, no VIII Congresso Internacional de Linguistas, em Oslo (1957), ao definir o programa de uma semântica estrutural, disse: “introduzir a noção de estrutura no estudo dos fatos semânticos é introduzir a noção de valor lado a lado com a de significação” (HJELMSLEV, 1991, p. 118). Na ocasião, Hjelmslev demonstrou como as noções de comutação e de substituição podiam intervir positivamente na análise semântica.

Um de seus grandes leitores foi Greimas, que, é importante frisar, durante a década de 1960, período culminante do estruturalismo na França, tornou-se um dos maiores representantes dessa vertente. Lecionando na França e no Egito, e, concomitantemente, realizando suas pesquisas, Greimas teve um período longo e intenso de leituras e diálogos, inteirando-se das obras de Saussure, Hjelmslev, Claude Lévi-Strauss, Vladimir Propp, Etienne Souriau, Lucien Tesnière e Sigmund Freud. Pôde, assim, fazer com que sua obra *Semântica estrutural* (1973 [1966])⁵ pudesse deslocar a pesquisa das estruturas superficiais referentes à frase para as estruturas mais profundas relacionadas ao discurso.

Greimas viveu justamente no período em que as discordâncias citadas se constituíram e aproveitou as circunstâncias para acolher o empreendimento de estabelecer bases para a semântica, com isso, assimilou as tensões relativas ao assunto. A *Semântica* foi publicada pela primeira vez em 1966, que Dosse (1993) considerou como a data principal dos sucessos estruturalistas. Essa obra, segundo ele, é o resultado do seminário desenvolvido por Greimas (1963-1964) no Instituto Poincaré da Faculdade de Ciências de Paris.

⁵ Doravante, quando a referência for relativa apenas ao título da *Semântica estrutural* (1973), será utilizada a forma *Semântica*. Neste trabalho, foi utilizada a edição brasileira de 1973 da respectiva obra, contudo, fez-se uso também da edição francesa (1966), cotejando-as quando necessário.

Em vários artigos e livros se diz que a *Semântica* marcou uma divisão nos estudos da linguagem, principalmente, na esfera da semântica. “A *Sémantique structurale* foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de idéias, um livro-mestre desse período”, disse Jean-Claude Coquet (*apud* DOSSE, 1993, p. 245).

No entanto, é preciso questionar, em conformidade com Milani (2011, p. 20), sobre como essa obra configura uma ruptura e/ou continuidade. Em outras palavras, qual era o cenário dos estudos semânticos na Europa do século XX antes dessa publicação, e o que sucedeu logo após? Existe a concepção de que essa obra está vinculada ao método estrutural, mas quais características uma obra, assim classificada, apresenta? Onde, ou como, essas características são evidenciadas na *Semântica*? Como pontua Lima (1968), o termo estrutural, ou estruturalista, foi bastante utilizado, porém, seu sentido ainda é de difícil compreensão:

A possibilidade de incompreensão do estruturalismo principia por seu nome. Hoje é tão empregado o conceito de estrutura, nas ciências humanas, e tão divergentes são os seus sentidos, inclusive ao longo da mesma ciência, que o leitor ou analista tende a ficar embaraçado ou a sair pela tangente, tomando a designação como fato secundário, concessão a um modismo transitório. O único modo para que mostremos a substancialidade da designação consiste em repensar o próprio conceito (LIMA, 1968, pp. 29-30).

Essas perguntas e suas respectivas respostas são relevantes aos pesquisadores das áreas de Semântica, de Semiótica, de Historiografia-Linguística, da História das Ideias Linguísticas e áreas afins. Em se tratando de um trabalho de HL, é importante mencionar que:

[...] é fascinante e importante, por uma razão fundamental: na história das culturas, das sociedades, na história das ciências, assim como na trajetória de cada ser humano, tem um papel central e basicamente constitutivo a linguagem. A história das aproximações ao fenômeno linguagem é, pois, não só um objeto digno de estudo, mas também um campo de altíssimo interesse intelectual (SWIGGERS, 2009, p. 72; tradução nossa)⁶.

Fica claro que este texto deve atender aos contornos que a abordagem historiográfico-linguística implica: o tratamento de obras e eventos na esfera dos estudos da linguagem. É de seu interesse entender e elucidar como o conhecimento acerca da linguagem se desenvolveu através dos tempos. Seu objeto, quase sempre, é encontrado nos textos escritos, portanto, é desse suporte que a HL, fundamentalmente, depende. Assim, o trabalho

⁶ [...] es fascinante e importante, por una razón fundamental: en la historia de las culturas, de las sociedades, en la historia de las ciencias, así como en la trayectoria de cada ser humano, tiene un papel central y básicamente constitutivo el lenguaje. La historia de las aproximaciones al fenómeno lenguaje es, pues, no solo un objeto digno de estudio, sino un campo de altísimo interés intelectual (SWIGGERS, 2009, p. 72).

aqui apresentado, segue os passos de um “estudo de documentos” (KETELE; ROEGIERS, 1995, pp. 35-37).

Esta dissertação resultou, portanto, de uma pesquisa documental, isso quer dizer que foi realizado um estudo sistemático de materiais bibliográficos, trabalhando com objetos não quantificáveis, por isso, em vez dos instrumentos formais e estruturados, foram usados questionamentos na produção teórica, com o intuito de captar o objeto de pesquisa em sua extensão.

Nesse processo, as questões foram formuladas mediante o exame interdisciplinar dos documentos estudados. A seleção voltou-se à literatura científica relativa ao objeto de pesquisa (KETELE; ROEGIERS, 1995, p. 35-37): Linguística, História, Filosofia entre outras. É preciso frisar que o caráter complexo e abrangente da HL deve-se, em boa parte, à característica interdisciplinar, conforme pontuou Swiggers:

A complexidade do campo reside em sua interdisciplinaridade através de sua larga historia, assim como na variedade de tradições, de aproximações, de “produtos linguísticos”, de contextos sociais e culturais que constituem o curso evolutivo da linguística. O trabalho do historiador/historiógrafo da linguística abarca uma fase de documentação, uma fase de análise e interpretação, e uma fase de “exposição” dos resultados (SWIGGERS, 2009, p. 67; tradução nossa)⁷.

A HL propõe três princípios metodológicos fundamentais (KOERNER, 1996): *contextualização*, *imanência* e *adequação*. O primeiro diz respeito ao levantamento do clima de opinião da época em que a obra foi produzida, tendo como objetivo retomar o passado e caracterizá-lo, o mais aproximado possível, à forma como ele se encontrava na época de sua elaboração. O segundo consiste no levantamento de informações e no entendimento amplo da obra, tanto no que se refere às concepções linguísticas quanto às manifestações históricas e culturais nela registradas. Já o terceiro se refere à possibilidade de aproximar a obra às teorias e terminologias atuais, a fim de que os contemporâneos possam compreendê-la de forma mais clara. A esses princípios podem ser acrescentados os apontamentos metodológicos de Swiggers (2009):

A descrição historiográfica se baseia na constituição de um corpus (a extensão do corpus pode ir desde uma obra particular, do conjunto da produção de um só autor, a um leque mais ou menos extenso de textos, em relação com uma

⁷ La complejidad del campo reside en su interdisciplinariedad a través de su larga historia, así como en la variedad de tradiciones, de aproximaciones, de “productos lingüísticos”, de contextos sociales y culturales que constituyen el curso evolutivo de la lingüística. El trabajo del historiador/historiógrafo de la lingüística abarca una fase de documentación, una fase de análisis e interpretación, y una fase de “exposición” de los resultados (SWIGGERS, 2009, p. 67).

delimitação – geográfica, histórica e/ou temática – do objeto de estudo) (SWIGGERS, 2009, p. 68; tradução nossa)⁸.

Considera-se, assim, a *Semântica* como texto e, ao mesmo tempo, como objeto de pesquisa. O texto, segundo Bakhtin (2003, p. 307), é o dado primário, a realidade e o ponto de partida das disciplinas nas ciências humanas: “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. Ter uma obra particular, como objeto de pesquisa, faz parte, evidentemente, dos princípios da HL.

A partir de pressupostos oriundos da HL (KOERNER, 1978, 1995, 1996, 1999, 2004; SWIGGERS, 2009), a pesquisa identifica e expõe como Greimas, mantendo frequentes diálogos com os estudiosos de sua época e lendo obras de antecessores e contemporâneos, interpreta o respectivo clima de opinião vigente e o refrata na *Semântica*. Realiza-se uma abordagem que integra o conjunto de opiniões da época em que a obra emergiu, os acontecimentos pessoais e públicos (sócio-históricos, institucionais) relativos ao autor, as correntes intelectuais e culturais a que ele se vincula e as reflexões e processos conceituais que são relevantes ao conteúdo da obra.

Para complementar, é necessário expor que o núcleo desta dissertação se estabeleceu sob os seguintes parâmetros: *cobertura*, *perspectiva* e *profundidade* (SWIGGERS, 2009). A *cobertura* compreende o período do século XX, e, para isso, a retomada de períodos anteriores foi pouco necessária. O campo geográfico delimita-se à Europa, por esse motivo o tratamento de outras regiões ocorreu poucas vezes. Quanto à *perspectiva*, trata-se de uma historiografia que discorre sobre as ideias e as práticas no âmbito dos estudos da linguagem, juntamente com o contexto sócio-histórico em que surgiram. Acerca da *profundidade*, devido à *perspectiva* adotada, foram apresentadas informações que respondem, principalmente, as questões relativas aos estudos da linguagem.

Toda a investigação dos pontos citados nos parágrafos anteriores serviu para consubstanciar às seguintes afirmações acerca de Greimas:

a) ele propôs sua *Semântica* em resposta às divergências existentes na comunidade científica;

⁸ La descripción historiográfica se basa en la constitución de un corpus (la extensión del corpus puede ir desde una obra particular, del conjunto de la producción de un solo autor, a un abanico más o menos extendido de textos, en relación con una delimitación – geográfica, histórica y/o temática – del objeto de estudio) (SWIGGERS, 2009, p. 68).

b) ele respondeu aos problemas que a questão do significado apresentava aos estudos da linguagem, ainda que a maior parte deles não tenha conseguido ser elucidado até o presente momento;

c) ele seguiu vários preceitos que comumente são atribuídos ao estruturalismo (BARTHES, 1967).

Essas três afirmações tangenciam este texto e, por isso, seu desenvolvimento discute como tais fatores interferiram na produção e na repercussão dos conhecimentos linguísticos oriundos e constituintes da *Semântica*. Nessa diretriz, são muito importantes os conceitos presentes na respectiva obra.

Pode-se afirmar que nenhum conceito que permita interpretação e repercussão pode surgir isoladamente, como algo que se origina de suas próprias partes. Do mesmo modo, o uso de um determinado conceito jamais cria algo novo se os meios de tratá-lo forem sempre os mesmos. Nesse sentido, é importante a citação a seguir, na qual são expostos os quatro pontos fundamentais no estudo historiográfico-linguístico, ou seja, conceito, continuidade, método e ruptura:

Assim, há sempre no interior de qualquer sistema, em específico nos sistemas de comunicação verbal, uma parte que é permanente, ou continuidade, e uma parte passageira, ou ruptura. Nos estudos científicos ou em tudo que se faz, a ruptura responde pelos avanços do conhecimento, pelas inovações, porque são precisamente os novos pontos de vista, ou métodos de abordagem, do objeto estudado. Os conceitos não variam, são sempre retomados como foram aprendidos, mas todo indivíduo tem uma concepção metodológica para qualquer objeto da natureza, sempre diferente de todos os outros indivíduos, por isso tal conceito certamente será transfigurado em um conceito diferenciado individualmente (MILANI, 2011, p. 20).

Este trabalho não visa tratar de todos os conceitos presentes na *Semântica*, o foco recai sobre aqueles conceitos que se destacam ao tornarem mais evidentes os aspectos de continuidade e ruptura presentes na *Semântica*, para isso, recorrer-se-á, por várias vezes, à paráfrase de trechos que necessitem ser precisamente descritos.

Greimas se referia a seu trabalho como projeto, ou seja, como algo em constante mudança, mesmo em suas últimas obras, em que suas ideias se encontram mais maduras. Essa postura, além de modesta, revela a visão do autor quanto a seu fazer científico que, mesmo impossibilitado de dar uma resolução total às questões da significação, busca realizar um recorte e ir o mais longe possível para depreender o maior número de conhecimentos.

Por esse motivo, é preciso frisar que a *Semântica*, por ser a obra fundadora desse seu projeto, conseqüentemente, possui conceitos ainda embrionários, além de algumas diretrizes

bastante singulares⁹. Dessa forma, não é possível, mesmo com uma descrição atenta, elucidar certos trechos da obra com uma definição cabal.

Todavia, a síntese das ideias de Greimas¹⁰ proposta nesta descrição dos seus conceitos, já pode evidenciar que o autor é enfático quanto a seus objetivos desde o início, ao demonstrar o local preciso, no âmbito dos estudos da linguagem, em que pretendia se inserir.

Busca-se, então, tratar de questões relativas à continuidade e à ruptura, tal como se anunciam na *Semântica*, e demonstrar como suas respectivas interpretações podem ajudar a compreender melhor a existência da respectiva obra no âmbito dos estudos da linguagem. Portanto, os conceitos são tratados a partir de um ponto de vista que ressalta o fato de eles pertencerem a uma continuidade e de seus usos particulares configurarem uma ruptura.

Vale lembrar que a pertinência atribuída a tais pontos no estudo da *Semântica* se deve ao fato de entender que, por um lado, essa obra se assenta em uma continuidade, pois se colocou como continuadora de uma tradição, especificamente, relativa aos estudos da linguagem. Por outro lado, ela instaura uma ruptura, pois promoveu inovações a partir novas perspectivas de abordagem do objeto estudado.

Como bem explicou Milani (2011, p. 20), os conceitos são invariáveis, pois os indivíduos os retomam de acordo com o modo como foram aprendidos. Pode-se dizer que Greimas, por exemplo, em suas leituras e diálogos, pôde ter acesso a várias ideias e conceitos. Dessas informações, ele retirou as que eram mais pertinentes ao seu projeto e as tratou sob o seu ponto de vista. Cada indivíduo possui uma concepção metodológica singular para qualquer objeto, portanto, aquelas ideias e conceitos, aos quais ele teve acesso, acabam se transformando em algo diferente graças a sua atuação.

O conceito de estrutura elementar da significação, assim como os de actante, transformação e de isotopia são oriundos de uma continuidade. O uso que Greimas fez deles configurou um âmbito novo de estudos, primeiramente denominado de semântica estrutural e, posteriormente, de semiótica, termo utilizado nos dias atuais para se referir ao projeto de Greimas.

Faz-se necessário, portanto, discorrer sobre cada um dos conceitos e demonstrar a relação deles com a historicidade que circunda a *Semântica*. Também é importante expor,

⁹ Uma dessas diretrizes é, por exemplo, a análise do *corpus* extraído do texto. Essa abordagem diferencia-se de tantas outras que tomam o texto diretamente sem o intermédio do *corpus*.

¹⁰ Vale fazer a mesma recomendação de Hénault (2006, p. 130): “a condensação dos trabalhos de Greimas aqui tentada só será compreensível para aqueles que, de um modo ou de outro, buscarem um conhecimento mais amplo de sua obra”.

mesmo que brevemente, traços da semiótica em que essa obra de Greimas veio a se transformar.

CAPÍTULO 1

APONTAMENTOS SOBRE A CIÊNCIA NO SÉCULO XX

1 Os estudos da linguagem

De uma maneira geral, o século XX foi bastante conturbado devido às guerras mundiais e, ao mesmo tempo, muito admirável em razão do desenvolvimento tecnológico que produziu diversos benefícios para a sociedade, ainda que, muitas vezes, com o ônus da poluição. Entre eles, destacam-se o avião, o carro fabricado em larga escala, o rádio, o cinema, a televisão etc. O número publicações de obras científicas aumentou bastante, a comunicação pôde atravessar o planeta rapidamente e, pela primeira vez, a maior parte da população passou a se concentrar nos centros urbanos e a ocupar-se de atividades além das referentes ao trabalho rural e às fábricas (BLAINEY, 2008).

Na segunda metade do século XX, a exploração espacial teve início, e a medicina alcançou curas para várias doenças até então consideradas sem tratamento. As pessoas passaram a viver por mais tempo e com menos sofrimento causado pelas enfermidades para as quais já eram produzidos medicamentos. Saber ler e escrever, que era uma exceção em 1901, passou a ser a regra nas décadas posteriores (BLAINEY, 2008). Do mesmo modo que nesses setores citados, o século XX foi marcado pelo maior salto existente nos estudos linguísticos, desencadeado pela publicação do *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1995 [1916]).

Saussure nasceu em Genebra (Suíça) no ano de 1857 e veio a falecer em 1913 nessa mesma cidade. Tornou-se bastante conhecido graças ao *Curso*, publicado em 1916, organizado por Bally e Sechehaye. A obra póstuma do linguista genebrino resultou de suas atividades de pesquisa e docência, como demonstra a citação a seguir:

Esse texto, que foi inspirado nas aulas dadas durante os anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911, é o resultado final do trabalho filológico que esse lingüista desenvolveu durante toda a sua vida intelectual. Saussure era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva, o que pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação no estresse. A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que Saussure levou ao extremo da perfeição uma metodologia de trabalho, que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções. A obra de Saussure se destaca por uma consciente perspectiva de implantar nos estudos lingüísticos um modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada (MILANI, 2000, p. 107).

Saussure promoveu a discussão mais pertinente, relativa ao signo linguístico, desde Platão e Aristóteles. Ainda assim, não houve oportunidade ou tempo para que se estabelecesse o estatuto próprio da semântica, contudo, seu objeto, a significação, foi brilhantemente tratado no *Curso* a partir dos conceitos de significante e significado que, através de uma relação de pressuposição recíproca, são os termos constituintes do signo linguístico.

A situação da semântica, no início do século XX, era, portanto, a de possuir um objeto bastante estudado, mas cujo estatuto era pouco elucidado. Tais circunstâncias se modificaram nas décadas seguintes.

1.2 Situação da semântica no século XX

Os estudos semânticos surgem tardiamente no cenário da linguística, fato indubitável, como atestou o próprio Greimas (1973, p. 12). Sabe-se que Michel Bréal fundou e nomeou a disciplina semântica na França, no final do século XIX; esse autor fez, nessa época, estudos importantes, como os voltados à polissemia. Contudo, essa vertente motivou os pesquisadores muito menos que as referentes à fonologia e à sintaxe.

No *Curso*, por exemplo, não há uma exposição metodológica sobre o assunto. A perspectiva diacrônica de Bréal (1992 [1898]) contrastou com o direcionamento sincrônico preconizado por Saussure anos depois. Restava, então, ocupar-se da disciplina instaurada por Bréal a partir da diretriz saussuriana, em síntese, esse foi um dos objetivos da semântica estrutural.

A preocupação com o futuro e também com o passado da semântica fez com que Greimas, antes de expor sua teoria na *Semântica*, realizasse uma espécie de balanço da área, mediante um brevíssimo histórico elucidativo do percurso teórico que precedia seu trabalho. Esse balanço (GREIMAS, 1973, pp. 11-14) é muito importante para se perceber a visão que Greimas tinha, naquele momento, acerca do seu âmbito de estudos, já que nessa oportunidade ele buscou explicar o atraso da semântica comparada às demais disciplinas linguísticas. Em tal explicação, o autor (1973) reconheceu três razões que foram determinantes para a omissão ou o desvio dos linguistas em relação às pesquisas sobre a significação: o tardar histórico dos estudos semânticos, as dificuldades próprias à definição de seu objeto e a “onda” do formalismo.

A pertinência da semântica foi muito bem acentuada quando Greimas (1973, p.11) enfatizou a onipresença da significação e a sua capacidade de se apresentar como

denominador comum das ciências humanas, que se colocava, portanto, como o centro das preocupações naquele período. Em seguida, ele expôs um paradoxo em relação aos estudos semânticos.

A linguística, segundo o autor, teve a possibilidade de surgir como a disciplina mais bem situada diante do assunto, pois naquele período era a mais aprimorada e formalizada e poderia oferecer às demais áreas os seus métodos e as suas experiências. Ainda assim, e aí o paradoxo se evidencia, a linguística se mostrou, segundo Greimas (1973, p. 12), hesitante à pesquisa semântica.

Greimas (1973, p. 12) pontuou a necessidade de se reconhecer que a semântica foi sempre a “parente pobre da linguística”. Isso porque era a mais nova das disciplinas linguísticas, vindo a ser denominada só em fins do século XIX. A semântica foi precedida, na linguística histórica, primeiro pela fonética e depois pela *gramática*. Greimas afirmou que ainda que tenha sido denominada e instaurada, a semântica havia buscado apenas empréstimos da retórica clássica e da psicologia de introspecção.

Nessa mesma ordem de prioridade, segundo Greimas (1973, p. 12), seguiu a linguística estrutural em seu desenvolvimento. Os pesquisadores da Escola de Praga se ocuparam da fonologia e a fundamentaram solidamente. Posteriormente, os integrantes da Escola de Copenhagem viram como centro de interesse a elaboração de uma teoria linguística que buscavam aplicar à renovação dos estudos gramaticais.

Ainda que possa haver discordâncias, o esquecimento da semântica foi, para Greimas (1973, p. 13), algo evidente e voluntário. O autor ainda enfatizou que, no âmbito linguístico, era normal, à época, questionar se a semântica possuía um objeto homogêneo e se tal objeto era propício a uma análise estrutural. Desejava-se, de fato, saber se a semântica tinha as características necessárias para ser considerada como uma disciplina linguística. É certo que seu objeto motivou essa questão.

1.2.1 As dificuldades próprias à definição do objeto da semântica

Greimas (1973, p. 13) assumiu e demonstrou que a semântica possuía dificuldades ao determinar seus métodos próprios e ao definir as unidades constitutivas de seu objeto. Essa dificuldade não existiu, por exemplo, para a fonologia, graças ao inventário limitado dos fonemas. Esse inventário era conhecido, ainda que implicitamente, desde a época da primeira revolução científica da humanidade e foi constituído a partir da elaboração dos primeiros

alfabetos que, de forma direta ou indireta, favoreceram a progressão dos estudos relacionados à fonética e à fonologia.

Na concepção de Greimas (1973, p. 13), nada igual ou semelhante ocorreu com a semântica. Ao contrário, as novas descobertas fizeram com que seu domínio se tornasse ainda mais disperso e a definição tradicional de seu objeto, considerado timidamente como “substância psíquica”, impediu sua clara delimitação do âmbito psicológico e, posteriormente, do sociológico. Quanto a suas unidades constitutivas, Greimas questionou sobre a efervescência terminológica (sememas, semiemas, semantemas etc.) que revelavam apenas dificuldades típicas da deficiência de método. Ele percebera que, nessas circunstâncias, até um linguista com os melhores propósitos poderia considerar a semântica como uma ciência que procurava a si mesma.

Esse parece ser o caso de Giulio Lepschy (1971, p. 132) ao afirmar que o estudo do significado se apresentava na linguística como o menos redutível a um tratamento rigoroso. Para esse autor, possivelmente, isso teria contribuído para manter as questões semânticas em um estado pouco satisfatório no âmbito da linguística. Nesse sentido, Lepschy (1971, p. 135) acrescenta que qualquer que fosse a posição teórica, assumida na linguística, permaneceria o problema concreto do tratamento do significado e, em particular, de seu tratamento estrutural.

De acordo com o desenvolvimento da linguística, os modos de analisar essa problemática se modificaram, e em vez de dizer que a significação escapa ao domínio da semântica, passou-se, comumente, a pontuar que “Há várias semânticas” (OLIVEIRA, 2003, p. 18). Isso se confirma quando se considera os diferentes pontos de vista relacionados ao estudo da significação, por exemplo, Greimas, Pottier, Ducrot, Katz e Fodor, Lakoff entre outros.

A heterogeneidade dos pontos de vista é algo comum às ciências em geral e à linguística em específico¹¹. A existência dessas diversas vertentes de análise do significado e a amplitude do objeto (significado/sentido) são pouco decisivas para sugerirem que esse âmbito de estudos seja confuso ou até mesmo inviável. Contudo, no decorrer do século XX, não houve consenso quanto a isso.

1.2.2 A “onda” do formalismo

Para Greimas, um forte golpe foi dado na semântica pelo triunfo de uma concepção da linguística que se fundamentava na psicologia do comportamento, tratava-se do

¹¹ É o caso das diversas vertentes da Sintaxe (estruturalista, gerativista, funcionalista etc.), da fonética (articulatória, acústica, histórica etc.), entre outros.

formalismo de cunho behaviorista. Ele citou (1973, p. 13), para justificar essa sua afirmação, a conhecida definição do signo linguístico de Leonard Bloomfield: “uma forma fonética que tem sentido [...] um sentido do qual nada se pode saber [...]”. Segundo Greimas (1973, p. 13), ao considerar essas “atitudes behavioristas”, tornou-se comum considerar a semântica como desprovida de sentido.

O exame da obra *Language* corrobora a afirmação de Greimas. Nela, Bloomfield (1933, pp. 161-162) sustentou que um morfema pode ser descrito foneticamente, já que consiste em um ou mais fonemas, mas seu significado não pode ser analisado pela linguística. Segundo ele, por exemplo, o morfema de *pin* carrega uma semelhança fonética com outros morfemas, como *pig*, *pen*, *tin*, *ten*, e, na base dessas semelhanças sonoras, pode ser analisado e descrito em termos de três fonemas, “contudo, uma vez que essas semelhanças não estão relacionadas com semelhanças de sentido, não é possível atribuir significado para os fonemas, e não se pode, no âmbito da linguística, analisar o significado do morfema” (BLOOMFIELD, 1935, p. 162; tradução nossa)¹².

Bloomfield (1933, p. 162) afirmou que o significado de um morfema é um semema, e cada semema é uma unidade constante e definitiva do sentido, diferente de todos os outros sentidos, incluindo todos os outros sememas na linguagem. O linguista não pode ir além disso, pois não há nada na estrutura de morfemas como o *wolf*, *fox*, e *dog* que confirme a relação entre seus significados. Ou seja, os sinais podem ser analisados, porém, as coisas, sinalizadas por eles, não podem. Para Bloomfield, isso reforçou o princípio de que o estudo linguístico deve sempre começar a partir da forma fonética e não do significado.

Greimas (1973, p. 13) também se apoiou em Roman Jakobson¹³ para se posicionar contra a concepção de Bloomfield. Jakobson relata que havia ainda quem dissesse que as questões de sentido não tinham nenhum significado, mas, quando eles diziam “sem sentido”, das duas uma: ou eles sabiam o que significava e, assim, a questão do sentido fazia sentido, ou eles não sabiam, e então a sua fórmula não possuía sentido algum (JAKOBSON, 1963, pp. 38-39; tradução nossa)¹⁴.

¹² [...] but, since these resemblances are not connected with resemblances of meaning, we cannot, attribute any meaning to the phonemes and cannot, within the scope of our science, analyze the meaning of the morpheme (BLOOMFIELD, 1935, p. 162).

¹³ Roman Osipovich Jakobson (1896-1982), linguista russo, foi um dos fundadores do Círculo Linguístico de Praga.

¹⁴ Il y a encore des gens pour dire que les questions de sens n'ont pas de sens pour eux, mais, quand ils disent “pas de sens”, de deux choses l'une: ou bien ils savent ce qu'ils veulent dire, et par le fait même la question du sens prend un sens, ou bien ils ne le savent pas, et alors leur formule n'a plus de sens du tout (JAKOBSON, 1963, pp. 38-39).

No âmago desse debate, está em discussão o estatuto linguístico da semântica. Consciente disso, Jakobson (1963, p. 40) pontuou que alguns teóricos afirmaram que enquanto a sintaxe lidava com as relações entre os signos, a semântica tratava das relações entre os signos e as coisas. Chega-se a essa conclusão de forma inespecífica quanto à área científica, mas, quando a questão se atém exatamente ao quadro da linguística sincrônica, qual diferença pode ser observada entre sintaxe e semântica? Segundo Jakobson, a sintaxe se ocupa do eixo das sequências (concatenação) e a semântica do eixo das substituições. O autor exemplifica:

Suponha que eu diga, por exemplo, “o pai tem um filho”: as relações entre “o”, “pai”, “tem”, “um” e “filho” se situam no nível da cadeia verbal, estas são as relações sintáticas. Se eu comparar os contextos – “o pai tem dois filhos”, “a mãe tem um filho”, “o pai tem uma filha”, “o pai tem dois filhos”, eu substituo certos signos por outros e as relações semânticas com que estamos lidando não são menos linguísticas que as relações sintáticas (JAKOBSON, 1963, p. 40; tradução nossa)¹⁵.

Ao concluir que as relações semânticas não são menos linguísticas do que as relações sintáticas, Jakobson explicou que a concatenação envolve a substituição e que o estatuto linguístico da semântica é patente. Segundo Jakobson (1963, p. 40), insistir no caráter intrinsecamente linguístico da semântica não seria uma novidade, pois já havia sido apontado, só que caíra no esquecimento. O autor fez lembrar que em 1867, Charles Sanders Peirce demonstrou a natureza linguística da semântica.

Outro argumento central em Jakobson (1963, pp 39-40) se refere a sua afirmação de que o problema da identificação e da diferenciação, tanto no nível da expressão quanto no nível do conteúdo era, para os linguistas, um material intrinsecamente linguístico. Assim, a ênfase na categoria da junção (conjunção e disjunção) que se apresenta de forma extensiva na *Semântica*, assegura, nessa perspectiva de Jakobson, o caráter linguístico da semântica estrutural de Greimas.

Isso evidentemente foi um alento para Greimas que se incomodava com a marginalização da semântica e, por correspondência, de si próprio, no âmbito da linguística: “[m]esmo que agora os linguistas me rejeitem e não me considerem como um deles, eu me

¹⁵ Supposons que je dise, par exemple, “le père a un fils”: les relations entre “le”, “père”, “a”, “un”, et “fils” se situent au niveau de la chaîne verbale, ce sont des relations syntaxiques. Si je compare les contextes – “le père a deux fils”, “la mère a un fils”, “le père a une fille”, “le père a deux fils”, je substitue certains signes à d’autres, et les relations sémantiques auxquelles nous avons alors affaire ne sont pas moins linguistiques que les relations syntaxiques (JAKOBSON, 1963, p. 40).

pretendo linguista em minhas origens e em minha maneira de conduzir meu pensamento (GREIMAS, 1987 *apud* ARRIVÉ, 2010, p. 209).

1.2.3 A intervenção de Greimas

Greimas constatou três motivos que, segundo ele, explicariam o atraso da semântica: o tardar histórico dos estudos semânticos, as dificuldades próprias à definição de seu objeto e a “onda” do formalismo. Essa breve contextualização fez o autor tomar conhecimento da desconfortável condição do estudioso que sabia da urgência dos problemas semânticos e que desejava refletir sobre as condições que propiciariam um estudo científico da significação. Segundo Greimas (1973, p. 14), esse estudioso precisava enfrentar duas espécies de dificuldades: as de ordem teórica e as de ordem prática.

Para Greimas, as dificuldades teóricas originavam-se da vasta dimensão do empreendimento dos semanticistas nas várias perspectivas adotadas. Pois, se for considerado que a semântica precisaria encontrar seu lugar na linguística e se integrar aos postulados e ao corpo de seus conceitos instrumentais, seria necessário a ela visar a um caráter de generalidades suficientes para que seus métodos, que estavam para ser elaborados, fossem compatíveis com qualquer outra pesquisa que visasse à significação. Em outras palavras, “se a semântica tem por objeto de estudo as línguas naturais, a descrição dessas faz parte dessa ciência mais vasta da significação que é a semiologia, no sentido saussuriano do termo” (GREIMAS, 1973, p. 14).

Já as dificuldades práticas se referiam ao destinatário. Greimas (1973) enfatizou que, nesse estágio das pesquisas, a necessidade de formalização e a insistência na univocidade dos conceitos só poderiam ser expressas através de uma neologia das denominações e por uma redundância das definições, que seriam umas mais rigorosas que as outras. Na concepção de Greimas, esse “tateamento” pré-científico poderia ser considerado pedante e supérfluo ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico. De outro modo, poderia ser entendido como insuficiente e excessivamente qualitativo aos lógicos e aos matemáticos, grupo que Greimas acreditava ser bastante importante para a linguística.

Situado entre essas exigências diferentes, Greimas optou pelo caminho mediador, já que a semântica, sem o auxílio da matemática e da lógica, segundo ele, poderia continuar apenas na contemplação de seus próprios conceitos gerais. Da mesma forma, Greimas teve a consciência de que uma iniciação semântica que não visasse às ciências humanas e que, numa

guinada, as ultrapassasse, permaneceria, ainda por bastante tempo, como “un exercice de chapelle” (GREIMAS, 1966, p. 08), ou seja, uma prática isolada.

Na primeira metade do século XX, os estudos tradicionais de língua e linguagem centraram-se sobre a fonética e a fonologia. O estudo da significação foi feito de modo parcial e indireto, assim, não se configurou um espaço próprio e adequado à semântica. Isso constituiu um grande contrassenso, pois se sabe que a linguagem é antes de tudo uma atividade semiológica, em que expressão e conteúdo, nos termos de Hjelmslev, se reivindicam de modo recíproco, assim, a razão de existência de cada um é unicamente a materialização e a manifestação de ambos.

Tal constatação pode ter induzido o empreendimento de Greimas, e diferente dessa contextualização elaborada por ele, que compreende as primeiras páginas da *Semântica* (1973, pp. 11-14), o restante da obra não buscou fazer unicamente um balanço da área. Após apresentar essa breve história da semântica, Greimas prosseguiu com uma série de exposições epistemológicas, teóricas e metodológicas, e ainda elaborou várias aplicações explicativas.

As primeiras páginas (GREIMAS, 1973, pp. 11-14) não são menos importantes que as posteriores, e isso por vários motivos. Nelas, Greimas buscou de forma incisiva inserir a linguística e a semântica nas ciências humanas, ao afirmar (1973, p. 11) que a significação é o denominador comum desse campo de estudos. Além disso, essa espécie de preâmbulo que o autor criou pode ajudar a entender a história da disciplina em questão e a interpretar algumas tendências em linguística.

Isso se adéqua muito bem ao empreendimento de Greimas, pois, ao trazer para o seu presente a problemática da semântica, e ao propor uma obra que dela se ocupasse, ele também se colocou no respectivo eixo diacrônico. Esse eixo teve início na Grécia antiga, desde as primeiras discussões sobre a significação, como as que estão presentes no *Crátilo* (PLATÃO, 1973) e no *Da interpretação* (ARISTÓTELES, 2010).

Em síntese, o autor continuou lidando com conceitos centrais como expressão e conteúdo¹⁶ (HJELMSLEV, 1975 [1943]; GREIMAS, 1973), porém, buscou um novo método para abordá-los, como enfatiza o próprio subtítulo de sua obra (GREIMAS, 1966): “recherche de méthode”.

¹⁶ Segundo Fiorin (2003, p. 34), “[o] signo nas teorias lingüísticas tradicionais era visto como a expressão de um conteúdo exterior ao próprio signo. Uma definição medieval dizia que ele era *aliquid pro aliquo*. Saussure começa sua teoria do signo, dizendo que ele não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica, ou seja, é um todo formado por um significante e um significado, ou, nas palavras de Hjelmslev, uma expressão e um conteúdo”.

1.2.4 A *Semântica* de Greimas

A *Semântica* foi a primeira grande obra escrita por Greimas voltada à teoria da significação. Desde sua publicação, tal obra se colocou, no âmbito dos estudos de semiótica, como um clássico, no sentido usual do termo, porém, sem a carga de obsolescência que possa denotar. Isso, porque, como pontuou Landowski (2007, s/p), o resultado potencial da semiótica de Greimas, assim como as dificuldades inerentes ao estudo da significação, permaneceram em grande parte, até os dias atuais, relacionadas às principais opções teóricas que articulam a obra em questão. Assim, o interesse do leitor de hoje pela *Semântica* não é apenas de ordem histórica, pois tal texto não reflete um estado ultrapassado, já que é possível a esse leitor descobrir nessa obra uma possibilidade de diálogo atualizado.

Landowski (2007, s/p) fundamentou sua afirmação demonstrando que a escolha de um modelo gerativo, a tentativa de solucionar o problema do significado a partir de uma gramática da narrativa, e, a atribuição de um papel essencial à percepção, como a base para a apreensão do significado, continuam sendo perspectivas norteadoras na semiótica francesa. A *Semântica* continua a ser um livro atual, pois instalou princípios básicos¹⁷ que evoluíram, se modificaram e se ampliaram de vários modos por meio do próprio Greimas e, também, dos seus seguidores. Esse processo de desenvolvimento ocorreu de modo coerente, pois as novas concepções não invalidaram o projeto inicial, ao contrário, ajudaram a enriquecê-lo e consolidá-lo.

É preciso pontuar que o leitor da *Semântica* pode facilmente perceber um caráter fragmentado da obra, o que leva a pensar que cada capítulo foi escrito em um momento diferente, a partir de um recorte distinto. A causa dessa impressão não é gratuita. De fato, a *Semântica* não foi, como se costuma afirmar, escrita de uma só vez, ela resultou principalmente de seminários ministrados por Greimas em cerca de dois anos. Capítulos inteiros foram publicados em periódicos antes mesmo da edição de 1966, como é o caso do artigo “La structure élémentaire de la signification en linguistique” publicado por Greimas na revista *L'Homme* em 1964.

Além de publicar bastante, Greimas era um exímio leitor, mesmo não conhecendo pessoalmente todos os autores que ele apresenta em seus textos, possuía propriedade para discutir suas ideias. Greimas tinha consciência de que as concepções de Hjelmslev (1975) e Leonard Bloomfield (1935), responsáveis por publicarem obras canônicas na primeira metade do século XX, divergiam quanto à semântica.

¹⁷ Um desses princípios é ter a significação como objeto de estudo.

Distante, espacialmente, desses dois linguistas, porém ligado a eles em razão de objetivos semelhantes, se encontrava Greimas, que propôs sua *Semântica* sustentando-se em três grandes bases teóricas que, até então, não pareciam ter uma conexão epistemológica explícita. O primeiro diz respeito a Saussure (1995), responsável pelo surgimento da Linguística. Dele, Greimas acolheu a ideia de que a significação ocorre através das diferenças percebidas, e não somente das analogias observadas.

O segundo refere-se a Hjelmslev, responsável pela concepção de que a semiose existe graças a dois planos, o do conteúdo e o da expressão, e que ambos possuem forma e substância. Essa divisão permitiu que Greimas visse claramente um espaço propício ao estudo da significação: a forma do conteúdo¹⁸. Enfim, o terceiro diz respeito a Propp, seu trabalho sobre os contos maravilhosos evidenciou para Greimas que a narrativa, ainda que se manifeste com conteúdos singulares, possui formas fixas reiteráveis, o que possibilitou pensar no estudo sistemático do texto.

Apesar de esses três autores terem contribuído para o trabalho de Greimas, nenhum deles elaborou uma teoria semântica. Saussure já atendia a uma demanda extremamente difícil e, do mesmo modo, Hjelmslev e Propp. Não era possível a eles antecipar a si mesmos para obterem as mesmas condições que, graças a eles próprios, auxiliaram Greimas. Contudo, um número maior de estudiosos, contemporâneos desse último, poderia ter se ocupado de tal trabalho em diretrizes semelhantes às da *Semântica*. Portanto, a pequena quantidade de obras fulcrais sobre o assunto¹⁹, publicada antes de 1966, legitima a indignação de Greimas.

O empreendimento de Greimas é justificado em razão da constatação de que as pesquisas sobre semântica não ocuparam o merecido lugar no âmbito dos estudos tradicionais de língua e linguagem. Isso viabilizou que o estudo da significação fosse feito de modo parcial e indireto e, assim, não foi possível configurar um espaço próprio e adequado à semântica. Contudo, essas tentativas parciais e indiretas, quando apresentaram pertinência (Saussure, Hjelmslev, Propp), puderam fazer com que Greimas, propriamente, pudesse configurar o respectivo espaço para a semântica e, posteriormente, para a semiótica.

Nesse sentido, é correto afirmar que Greimas (1973) não se esforçou para promover uma separação entre semântica e semiótica, no intuito de viabilizar dois rumos distintos de

¹⁸ Fiorin (2003, p. 36) explica que: “[a] forma do conteúdo, que é independente do sentido, com o qual ela mantém uma relação arbitrária, transforma o sentido em substância do conteúdo, ou seja, em conceitos. Isso significa que a substância não precede a forma como em Saussure, mas é resultado de uma forma. Os conceitos (substância do conteúdo) presentes em cada língua são resultantes de diferenças paradigmáticas e dos modos de organização dos conteúdos (forma do conteúdo). A substância depende da forma e não se pode atribuir a ela um sentido independente”.

¹⁹ Podem ser citadas as obras de Bréal (1992 [1897]), Katz e Fodor (1977 [1963]) e Pottier (1977 [1965]).

pesquisa. De qualquer modo, os anos que se passaram após 1966 fizeram com que o termo semiótica se sobrepusesse à semântica. Contudo, isso não significou abandono das bases do projeto inicial por parte dos seguidores de Greimas, ou por ele próprio, que retomou vários aspectos desse contexto em obras posteriores. É importante pontuar que, segundo Landowski (2007, s/p), toda uma geração de pesquisadores se manteve fiel ao espírito da *Semântica*, ora voltados ao desenvolvimento da linguística, ora orientando a semântica do texto.

O caráter antecipatório presente na *Semântica* não é preciso o bastante para permitir ao leitor a visão clara de todos os deslindamentos futuros da semiótica francesa. Porém, é necessário expor que a pertinência do livro reside em mais de um aspecto, pois os problemas que Greimas articulou possuem um caráter global. Ele lidou com grandezas que derivam de perspectivas específicas oriundas tanto de processos dedutivos quanto indutivos que estão longe de procederem apenas do âmbito da manifestação linguística. Greimas se interessou igualmente por questões psicanalíticas, artísticas e culturais, de uma maneira geral. Sua atenção recaía justamente no aspecto que antecede e sucede de maneira comum esses campos: a significação.

As primeiras 135 páginas da *Semântica* (1973) têm como intuito principal apontar as unidades que constituem o significado, tais como os semas, os sememas, os clasemas e os lexemas. Greimas, em seguida, engajou-se em um novo patamar de reflexão e passou a considerar o universo em seu sentido pleno. Ele buscou introduzir conceitos (conjunção, disjunção, eixo semântico, entre outros) no âmbito da semântica visando articular, de modo condizente, distinções básicas desse novo contexto.

Nota-se que, nesse nível, as intenções de Greimas se tornam muito maiores, já que ele procurou elaborar um conjunto de princípios de organização de aplicação geral (normalização, redução, homologação etc.)²⁰, destinado a permitir a descrição da produção ou da apreensão de qualquer significado no discurso. Sem intenções como essas, dificilmente, Greimas conseguiria construir a base de sua teoria que, nos moldes por ele desejados, se encontrava quase na estaca zero.

Greimas não se adentrou em um ambiente completamente vazio, ou seja, a semântica não se encontrava abandonada, e isso é um fato (KATZ; FODOR, 1977 [1963], POTTIER, 1977 [1965]). Quando ele afirmou que a semântica era a “parente pobre da linguística”

²⁰ Esses princípios têm a função de objetivar o texto, ou seja, eliminar, no texto em foco, as categorias referentes à situação não linguística do discurso. Tais categorias são: pessoa, tempo, dêixis e elementos fáticos. Em relação à pessoa, é conservada a forma que marca a não participação no discurso “a terceira pessoa”. No que concerne ao tempo, é mantido o sistema de não concomitância temporal “então”. A respeito da dêixis, mantém-se a referência espacial objetiva “alhores”, enquanto que os elementos fáticos são todos excluídos.

(GREIMAS, 1973, p. 12) foi simplesmente para destacar o desnível, em termos de resultados, existente entre as abordagens em linguística, ou seja, para Greimas, a fonética e a fonologia, por exemplo, se encontravam em um estágio muito mais avançado.

Sabe-se que existiam correntes de semântica na época, só que em número pequeno e com intuítos que discerniam, desde a base, do ideal de Greimas. Esse ideal consistia em uma semântica sincrônica que tem como objeto a significação e não o signo ou o lexema. Nesse sentido, de fato, ele estava praticamente sozinho, até o momento em que sua obra viesse a conquistar seguidores.

Tudo o que se disse acerca de Greimas já permite desvelar traços de sua postura como pesquisador, contudo, uma abordagem mais apurada do contexto sócio-histórico no qual ele esteve inserido pode auxiliar na compreensão de várias escolhas por ele tomadas, já que a *Semântica* é essencialmente sua refração individual do conjunto de fatores históricos, científicos, institucionais relativo a sua época.

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO-TEMPO DE ALGIRDAS JULIEN GREIMAS

2.1 O percurso acadêmico de Greimas (1934-1966)

Greimas nasceu em Tula (Rússia)²¹, contudo, após a Lituânia ter declarado sua independência em 1918, seus pais retornaram à sua pátria e ele se graduou no ginásio em Marijampole (Lituânia) em 1934 e, logo após, ingressou na Faculdade de Direito de Vytautas Magnus na Universidade de Kaunas (Lituânia).

Anos depois, em razão de uma concessão do Ministério da Educação Lituano, ele foi para a França realizar estudos de dialetologia e tornou-se também interessado pela Idade Média. Em 1939 voltou à Lituânia para o serviço militar e encontrou-se, juntamente com seus conterrâneos, em um país ocupado, primeiro pelos soviéticos e depois pelos alemães. Essas circunstâncias parecem ter motivado Greimas a publicar seu primeiro artigo, “Cervantes e seu Dom Quixote”, em 1943, no almanaque Varpai (Bells), em lituano, sobre o significado da resistência antinazista.

Em 1944, Greimas regressou à França para continuar os seus estudos linguísticos para o doutorado na Sorbonne. Sob a orientação respectiva de Charles Bruneau e de Robert-Léon Wagner, e com a colaboração de Georges Matoré, ele preparou e defendeu, em 1948, duas teses, como era obrigatório na época para a obtenção do título de doutor em letras, ou doutor de Estado. A tese principal se intitulava “A moda em 1830. Ensaio de descrição do vocabulário vestimentar segundo os jornais de moda da época”, e a tese complementar foi “Alguns reflexos da vida social em 1830”.

Como se percebe, através de sua tese principal e de outros trabalhos, a lexicologia fez parte do início da carreira de Greimas, que chegou, inclusive, a publicar textos de caráter teórico sobre o assunto, juntamente com Matoré. Sabe-se da proximidade, relativa ao objeto, entre lexicologia e semântica; portanto, no percurso de Greimas pode ter ocorrido uma ampliação de objetivos, que parece ter se iniciado, de modo mais evidente, após sua ida ao Egito.

Greimas chegou em Alexandria no ano de 1949, onde permaneceu por nove anos, se ocupando principalmente do ensino da história da língua francesa no Instituto Francês da Faculdade de Letras (Universidade de Alexandria). Esse período é tido como um momento intenso em que Greimas realizava suas leituras. Ele cuidadosamente estudou e discutiu, com

²¹ As informações biográficas relativas a Greimas foram retiradas de Arrivé (2010) e Beliauskas (s/d).

amigos e colegas, várias obras. Como as de Saussure, fundador da Linguística, de Hjelmslev, responsável pela Glossemática, de George Dumézil, mitólogo comparatista, de Claude Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista, de Vladimir Propp, estudioso de contos de fadas, de Étienne Souriau, pesquisador da estética do teatro, de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, filósofos ligados à fenomenologia, de Gaston Bachelard, psicanalista, e de André Malraux, historiador de arte.

Em Alexandria se manteve próximo a um importante pensador da semiologia, Roland Barthes. Os interesses de ambos eram variados: língua, linguagem, literatura, história, matemática e filosofia. Nessa mescla de idéias heterogêneas, a possibilidade de uma semiótica voltada para o mundo e seu significado pôde obter a sua origem. Nesse sentido, eles se esforçaram para entender o mundo com a ajuda de instrumentos linguísticos básicos que lhes estavam disponíveis, a fim de ultrapassar os limites habituais da disciplina para seguir por horizontes mais amplos.

Em pouco tempo, Greimas se tornou chefe do Departamento de Língua Francesa e Gramática em Ancara (Turquia), ministrado na Universidade Istambul. Nessa época tornara-se interessado e iniciado na lógica moderna, na tradução automática e na aplicação de métodos estatísticos em linguística. Em 1960, juntamente com os outros simpatizantes da aplicação de métodos precisos para a análise da língua, estabeleceu a *Société d'Étude de la Langue Française*, o que marcou profundamente a linguística na França, pois se opunha ao tradicional estudo filológico da língua.

Em 1962, Greimas foi nomeado professor de Ciências da Linguagem da Universidade de Poitiers. Nesse momento, os conhecimentos trazidos do Egito já o faziam considerar o idioma como digno de uma investigação mais ampla, ou seja, como um sistema que contém em si, sob condições especiais, a capacidade de gerar e transmitir sentido e, também, de proporcionar as possibilidades de percebê-lo. Isso o conduziu a uma abordagem estritamente sistemática, que veio a ser chamada de análise estrutural da linguagem ou linguística estrutural. As aulas em Poitiers e no Instituto Poincaré, assim como as demais atividades de Greimas a partir de 1962, vieram definitivamente maturar suas reflexões e dar origem a sua *Semântica*.

2.2 Os estudos da linguagem na França: a década de 1960

Dosse (1993) denominou o ano de 1966 de “o ano luz” do estruturalismo, em razão do número de publicações e da efervescência de discussões realizadas em torno do assunto

nesse período. O autor (1993, p. 429) vinculou esse “fenômeno” diretamente à França e buscou explicar o motivo disso.

Segundo Dosse (1993, p. 429), primeiramente, é preciso destacar a importância das humanidades na França, que foram responsáveis por desempenhar uma espécie de papel de bloqueio referente à implantação das chamadas *ciências sociais* que, diferentemente, obtiveram um êxito brilhante nas universidades norte-americanas. Esse modo de reagir da vanguarda filosófica relativo ao desenvolvimento das ciências sociais, que monopolizava o programa estruturalista, fez com que prevalecessem as humanidades renovadas em uma competição entre os antigos e os modernos. Essa disputa, tradição *versus* modernismo, é tipicamente francesa, e naquele momento apenas repetia as discussões do início do século entre a “nova” e a “antiga” Sorbonne.

Outro fator importante, lembrado por Dosse (1993, p. 430), diz respeito ao fato de a voz dos intelectuais franceses não ecoar apenas nos âmbitos acadêmicos, como acontece em muitos outros lugares. A importância das humanidades possibilitava ao intelectual francês falar em nome da humanidade e ser porta-voz, inclusive, para além de sua competência específica. Mesmo que o estruturalismo não aderisse à figura de intelectual engajado, o fato é que essa corrente ultrapassava os aparelhos institucionais com o intuito de se voltar ao público, de forma direta, para infundir suas ideias.

O fator histórico do período é bastante importante e ultrapassa o campo universitário. Sobre isso, Dosse (1993, p. 430) discutiu a relação que os intelectuais franceses mantinham com o passado de sua pátria. Segundo o autor (1993, p. 430), eles adquiriram de modo repentino a consciência em uma França descolonizada e pacificada, e descobriram que já não viviam no mesmo contexto que se apresentava desde 1789, tal como uma diretriz da humanidade.

Na década de 1960, a França já não se encontrava entre as grandes potências mundiais²², compunha modestamente aquela que era uma Europa plural. Por essa razão, como afirmou François Furet, o intelectual francês “apesar da retórica gaullista, não possui mais o sentimento de fazer história humana: essa França, expulsa da história, aceita bem mais facilmente expulsar a história” (*apud* DOSSE, 1993, p. 430).

²² Um dos índices dessa perda de prestígio relativo à França pode ser notado através da redução do número de falantes do idioma francês. Em 1900, como demonstrou Blainey (2008, pp. 290-291), a língua francesa era a predileta em discursos internacionais e a mais utilizada por políticos em vários países. Competia como o latim como língua estrangeira mais popular no currículo de escolas secundárias do âmbito anglófono. Nessa época, o francês se associava ao que havia de mais aprimorado na civilização. Porém, no decorrer do tempo, não conseguiu mais competir com o inglês, que se impunha veemente como língua do comércio, já que Londres e Nova York, no mesmo período, eram as capitais comerciais do mundo. Soma-se a esse fator de abalo do idioma, também, a derrota militar da França em 1940.

Jean Duvignaud, nesse sentido, notou a particularidade francesa do sucesso do estruturalismo como “uma fuga diante da história” (*apud* DOSSE, 1993, p. 430). Surgiu então entre os franceses a necessidade de uma “armadura ideológica” capaz de criar uma coesão tranquilizadora. Isso fez comprometer os alicerces da história e, conseqüentemente, alavancou o êxito do estruturalismo²³ na França.

Outra hipótese, mencionada por Dosse (1993, p. 431), que ajuda a entender a razão de a França ter sido o país de eleição do estruturalismo, vem de Thomas Pavel, que utilizou como explicação a lógica interna do desenvolvimento da epistemologia na França. Para ele, a atração exercida pelo estruturalismo era oriunda do atraso que se acumulou na França em comparação aos países vizinhos na Europa. A França se encontrava distante das discussões, do início do século, voltadas à linguagem. Dessa maneira, a importante Escola de Viena, integrada por Rudolf Carnap e Karl Popper, não foi observada pelos franceses na década de 1930.

Essas circunstâncias possibilitaram que, na França, os adeptos ao estruturalismo se tornassem grandes personalidades, cujo público fora aumentado graças à grande expansão do número de estudantes nas faculdades de letras e ciências humanas nos anos 60. Assim, observa-se que foi na França que o estruturalismo pôde se expandir para depois atrair intelectuais dos outros países.

Tudo o que se disse acerca da França e do estruturalismo serve especialmente para compreender o “clima de opinião” (KOERNER, 1996) no qual Greimas estava inserido quando escreveu a *Semântica*. Percebe-se que não existem muitas coincidências entre o fato de essa teoria ter sido elaborada em uma perspectiva estrutural e o fato de Greimas ter estudado e vivido tanto tempo na França.

Contudo, ele não permaneceu passivo diante de seu contexto, pois, apesar de não ser tão lembrado quanto Lévi-Strauss²⁴ e Roland Barthes, como um dos responsáveis pelo apogeu do estruturalismo naquele período, não se pode negar que Greimas foi um dos sustentáculos desse “fenômeno”. A melhor maneira de relacioná-lo ao estruturalismo é dizer que esse fenômeno influenciou e foi influenciado por Greimas, respectivamente, através dos autores que ele leu e dos autores que o leram.

²³ É bastante conhecida a ênfase dada pela maioria dos estruturalistas à sincronia em detrimento da diacronia. Essa, aliás, foi uma questão bastante polêmica relativa ao método estrutural, em geral, e a Greimas, em específico.

²⁴ Claude Lévi-Strauss (Bruxelas, 1908 - Paris, 2009), antropólogo fundador da antropologia estrutural.

2.3 Greimas e o estruturalismo

Segundo o próprio Greimas, sua “[...] semântica tornou-se, graças a Dubois, estrutural em letras vermelhas. Disse-me ele: ‘Mais mil exemplares vendidos se você acrescentar estrutural ao título’” (*apud* DOSSE, 1993, p. 354). Para Dosse, esse qualificativo de estrutural no catálogo era um bom argumento de venda em meados dos anos 60. Contudo, é importante pontuar que, atualmente, o termo estrutural pode resultar em um determinado desprestígio. A causa disso é bastante clara, visto que trabalhos vinculados, de alguma forma, ao estruturalismo, são acusados de desconsiderar aspectos históricos, sociais e individuais, um ponto, como se sabe, bastante controverso.

Uma anedota como essa, contada por Greimas, não explica por si só que a razão de a *Semântica* ser denominada estrutural se deve apenas a uma questão de mercado e, por outro lado, afirmar, simplesmente, que Greimas era um estruturalista nada resolve. O que vem a ser estruturalismo, afinal de contas?

Com essa mesma interrogação, Barthes (1967 [1963], p. 58) iniciou o seu texto “A atividade estruturalista”, uma das mais claras e concisas explicações sobre o assunto naquele período. Para o autor, o estruturalismo não foi escola e nem movimento, a justificativa disso é o fato de a maior parte dos autores, ligados comumente a essa palavra, não se sentirem vinculados entre si por interesse comum relativo à doutrina. Para Barthes, estruturalismo e, por conseguinte, estrutura, é apenas um léxico, que é certamente antigo (de origem anatomista e gramatical), bastante usado em sua época nas ciências sociais, contudo, tal uso da palavra não podia distinguir e situar ninguém.

Ainda que o termo estruturalismo não possibilite identificar uma agremiação, Barthes (1967, pp. 58-59) buscou definir o que ele denomina de “atividade estruturalista”, cujo objetivo, seja ela reflexiva ou poética, é recompor um objeto, de modo a fazer manifestar, nessa recomposição, as regras do funcionamento (as funções) desse objeto. Então, a estrutura é, de fato, simulacro do objeto, mas é um simulacro orientado, pois, o objeto imitado evidencia o que se mantinha invisível, ou ininteligível, no objeto natural.

O homem estrutural, segundo Barthes (1967, p. 59), toma posse do real e o decompõe, depois o recompõe. Isso, que parece ser simples, é algo decisivo, porque, entre os dois tempos da atividade estruturalista, se produz algo novo, que é o inteligível geral. Assim, “o simulacro é o intelecto unido ao objeto”, nessa soma se encontra um valor antropológico, pois ela é essencialmente o homem, “sua história, sua situação, sua liberdade e a resistência mesma que a natureza opõe a seu espírito”. Na atividade estruturalista, a criação ou a reflexão

não são impressão original do mundo, elas são fabricação verdadeira de um mundo análogo ao primeiro, não com a intenção de copiá-lo, mas sim de torná-lo inteligível.

Nesse sentido, Barthes (1967, p. 59) elencou vários estudiosos (Lévi-Strauss, N. Troubetskoy, G. Dumézil, V. Propp, G. -G. Granger etc.) e os associou à atividade estruturalista. Como se pode perceber, esses são autores que possuíam vários pontos de vista comuns aos de Greimas. Contudo, esse último não é citado, possivelmente por uma razão temporal, já que o texto de Barthes foi escrito antes de a *Semântica* ser publicada. Pode-se cogitar que esse é o motivo mais plausível, pois o que Barthes propôs como atividade estruturalista é bastante compatível com o que Greimas realizou.

Greimas buscou recompor a *significação* a partir das formas como ela se manifesta nos textos. O modo mais evidente de isso ser caracterizado é lembrar que sua semântica se associava à perspectiva componencial²⁵. Ele fez isso com o objetivo de tornar evidente, nessa recomposição, as regras do funcionamento da significação. Greimas tomou posse do real, pois trabalhou com textos autênticos, os decompondo em actantes e funções, para depois os recompor por meio da descrição.

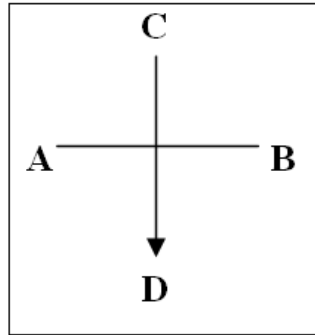
Greimas realizou esse percurso através de suas escolhas, algumas mais individuais, outras menos, imprimindo sua situação e liberdade na história. Ele sabia que criara, na *Semântica*, um simulacro da significação, que procurou ser uma fabricação de um universo análogo ao mundo a ser descrito. Como a narrativa, para Greimas, é um simulacro das ações dos seres no mundo, o autor procurou através de conceitos, como actantes e funções, criar correspondentes em sua teoria tanto para os seres praticantes dessas ações quanto para as próprias ações.

Pode-se argumentar, também, que outro exemplo desse simulacro da significação é sua explicação (GREIMAS, 1973) acerca das linguagens (linguagem descritiva, linguagem metodológica, linguagem epistemológica), todas elas criações humanas que surgem a partir da ação do indivíduo investigador sobre o objeto investigado, ou seja, uma atitude epistemológica. Não se trata, portanto, de grandezas ontológicas relativas à significação. O objeto estudado por Greimas se apresenta no mundo de modo expansivo quanto a sua manifestação, porém hermético quanto a sua natureza. O esforço do autor consistiu na intenção clara de torná-lo inteligível através de método e conceitos.

2.4 Os conceitos na *Semântica*: a ordem paradigmática e a ordem sintagmática

²⁵ A expressão *componencial* foi utilizada pela linguística americana para se referir a uma perspectiva de estudo muito similar à semântica estrutural.

Questões epistemológicas estão presentes em várias partes da obra de Saussure. Em uma dessas partes ele propõe (SAUSSURE, s/d, p. 95) que as ciências deveriam demarcar com mais rigor os eixos sobre os quais estão situadas as coisas das quais tratam. Para isso, segundo o autor, é necessário destacar os seguintes eixos:



Quadro adaptado de Saussure (1995, p. 95)

O primeiro é o *eixo das simultaneidades* (AB), “concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui” (SAUSSURE, 1995, p. 95). Já o segundo é o *eixo das sucessões* (CD), “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (SAUSSURE, 1995, p. 95).

Nessa mesma linha de raciocínio, Saussure discute o conceito de sintagma e de família associativa: “[e]nquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, p. 146). O sintagma é composto por dois ou mais termos consecutivos (por exemplo, “a vida humana”, “se fizer bom tempo, sairemos”). Já uma família associativa (paradigma)²⁶ é formada por uma relação mental entre termos, que se realiza através de prefixos, sufixos e analogias de significado (“ensino”, “ensinar”, “ensinamento”, “instrução”).

Sintagma e paradigma são, portanto, importantes conceitos no *Curso* e permitem, inclusive, uma categorização da *Semântica* ao dividi-la em duas partes. A primeira diz respeito às discussões acerca de conceitos relacionados ao paradigma, ou seja, conceitos que se estabelecem por meio de relações opositivas. Já a segunda diz respeito às discussões sobre

²⁶ Os paradigmas de flexão, como os do latim (*dominus, domini, domino*), são exemplos de família associativa, portanto, a ideia de paradigma coaduna bem com a de família associativa, por esse motivo o termo paradigma é utilizado como oposição a sintagma por vários leitores de Saussure (cf. MILANI, 2012).

os conceitos relacionados ao sintagma, em outras palavras, aos conceitos vinculados às relações contrastivas.

Os conceitos que Greimas discutiu na *Semântica* podem, então, muito bem serem distribuídos nessas duas categorias: sintagma e paradigma. Pois, tais conceitos se organizam por meio de relações similares às que Saussure (s/d) discutiu quando tratou do sistema linguístico, a diferença é que Greimas pensou a língua em uso materializada nos textos. Por exemplo, os actantes se organizam por meio de oposição (sujeito vs oponente), na qual um termo substitui o outro, enquanto a isotopia se constitui por uma sequência linear de termos que se contrastam e se complementam sem haver substituição. Faz-se necessário, no entanto, discorrer sobre essas questões mais detalhadamente.

CAPÍTULO 3: A ORDEM PARADIGMÁTICA

3.1 Da estrutura elementar da significação à descrição

Greimas iniciou o capítulo acerca da estrutura elementar (GREIMAS, 1973, pp. 27-41) da significação localizando-se em meio à tradição dos estudos linguísticos. De acordo com o autor (1973, p. 27), a linguística tradicional, coerente com as tendências gerais de seu tempo, focalizava o caráter contínuo dos fenômenos linguísticos. O autor exemplificou esse fato comentando a passagem do *a* latino de *mar* para o [E] francês de *mer*, que era considerada inconsciente, não captável e sem solução de continuidade, segundo a linguística histórica do período. Para Greimas, a tarefa dos estudiosos desse campo era, portanto, conduzir as diferenças às identidades, com o interesse de que essa abordagem fosse elevada o mais adiante possível.

Nesse contexto, Greimas considerou revolucionária a afirmação de que a língua é feita de oposições, atribuída a Saussure (1995). Ainda assim, Greimas não aceitou que essa constatação fosse clara, restava, ainda, ter certeza acerca da possibilidade de captar o caráter descontínuo dos fatos linguísticos, ou afirmar sobre a língua algo diferente dos “tudo se liga” ou “tudo está contido em tudo”.

Para Greimas (1973, p. 27), a única forma de focalizar o problema da significação era afirmar a existência de descontinuidades²⁷ no plano da percepção e, espaços diferenciais criadores de significação, a exemplo Lévi-Strauss. Nessa diretriz, o interesse não incidia sobre a natureza das diferenças percebidas e, a partir desse ponto, Greimas apresentou uma série de conceitos: estrutura, conjunção e disjunção, eixos semânticos, relação, articulações sêmicas, forma e substância, semas e lexemas.

Greimas pontuou (1973, p. 28) que o mundo se configura graças à percepção que o indivíduo tem das diferenças. No plano linguístico, perceber diferenças é captar ao menos dois termos-objetos presentes de forma simultânea, e, principalmente, captar a relação entre esses termos, cotejando-os de uma forma ou de outra. Nesse sentido, o autor propõe a primeira definição do conceito de estrutura, já utilizada naquele período: “presença de dois termos e da relação entre eles”.

Disso decorrem as seguintes conclusões: um só termo-objeto não comporta significação; a significação pressupõe a existência da relação; e, o aparecimento da relação entre os termos é a condição necessária da significação.

²⁷ Greimas e Courtés (2008, p. 127: grifo dos autores) explicaram que “[a] categoria *contínuo/descontínuo* é indefinível e deve, por isso, ser arrolada no inventário epistemológico dos conceitos não definidos”.

Segundo Greimas, o aprofundamento acerca da noção de estrutura exigiria a análise dos elementos de sua definição. É o caso da relação, do termo-objeto, da presença e da simultaneidade:

Portanto, será necessário considerar sucessivamente a noção de *relação* e a de *termo-objeto*. Quanto à expressão *presença*, não é analisável nesse nível; pois implica, com efeito, o modo de existência dos termos-objetos na percepção; levaria à investigação acerca da própria natureza da percepção. Sua análise, de acordo com o princípio do mínimo epistemológico, não pertence mais à lingüística. O mesmo ocorre com o conceito de *simultaneidade*, que, livre de seu caráter temporal, deixaria ainda um resíduo não analisável, próximo dos conceitos epistemológicos de continuidade e identidade (GREIMAS, 1973, p. 28).

Em princípio, quando se trata da relação, Greimas (1973, p. 29) pontuou que uma dupla constatação se impõe: para que dois termos-objetos sejam captados juntos, é necessário que tenham algo em comum, esse é o problema da semelhança e, em extensão, o da identidade; para que sejam distinguidos os dois termos-objetos é preciso que sejam diferentes, esse é o problema da diferença e da não-identidade. A questão do contínuo e do descontínuo, como Greimas expôs, reaparece, ainda que de maneira distinta. Assim, tem-se claramente a dupla natureza da relação, ela se apresenta, ao mesmo tempo, como *disjuntiva* e como *conjuntiva*.

De acordo com Greimas, quando dois termos-objetos são captados é preciso atentar para a conjunção e a disjunção que podem se manifestar em todos os níveis lingüísticos. O autor (1973, p. 29) utilizou o seguinte quadro para exemplificar a questão:

- α) *route nationale* (rodovia federal) vs²⁸ *route départementale* (rodovia estadual),
pato vs bato;
- β) (b) “voisé” (vozeado) vs (p) “non voisé” (não-vozeado), *
grande vs pequeno.

Quadro adaptado de Greimas (1973, p. 29)

Os dois primeiros exemplos não oferecem muitas dificuldades, já que o termo da relação possui dois elementos, o primeiro (*route*, *a*) conjunta, ao passo que o segundo

²⁸ É importante lembrar que Greimas utilizou a expressão “vs” para unir os termos a serem descritos e não somente para indicar oposição entre eles.

(*nationale* vs *departamentale*; p vs b) faz disjuntar a estrutura, ou seja, a conjunção se dá na repetição do termo *route* e a disjunção pela introdução da diferença em *nationale* e *departamentale*. Greimas complementou essa explicação ao afirmar que os dois últimos exemplos são mais delicados, pois, há, indubitavelmente, relação entre eles, contudo a conjunção e a disjunção não são prontamente evidentes.

Greimas fez referência, precisamente, a essa relação quando discorreu sobre a estrutura elementar. Dessa forma, é no nível das estruturas que é preciso recorrer se o intuito é procurar as unidades significativas elementares, e não no nível dos elementos, ou seja, aos signos, unidades constitutivas, que são secundários no âmbito da pesquisa acerca da significação. Ou seja, o signo não é a unidade elementar, ou mínima, da significação na perspectiva de Greimas. Nesse ponto estabelece-se uma espécie de ruptura com Saussure, quando Greimas afirmou: “[a] língua não é um sistema de signos, mas uma reunião - cuja economia deve ser precisada - de estruturas de significação” (1973, p. 30).

A partir do momento em que a estrutura elementar foi definida, tornou-se necessário saber em que ou onde procurá-la. Não seria no nível da oposição *pato* vs *bato*, mas no nível de *p* vs *b*, nesse caso, no caráter: *vozeado* vs *não-vozeado* dos dois fonemas. As condições de se poder comparar e distinguir *p* e *b* existem devido ao fato de esses dois fonemas serem comparáveis em razão do fato de sua oposição se situar sobre um só e idêntico eixo, o do *vozeamento*.

É importante frisar a existência de um ponto de vista único, dentro da dimensão em que se manifesta a oposição. Da mesma forma, irá acontecer no plano semântico, em que oposições como *branco* vs *preto* e *grande* vs *pequeno* propiciam a postulação de um ponto de vista comum aos dois termos (a questão da cor no primeiro exemplo, e a da medida no segundo).

Nessa diretriz, Greimas (1973, pp. 30-31) chegou à definição de eixo semântico, que consiste no denominador comum dos dois termos, e também o fundo em que se salienta a articulação da significação. Em outras palavras, o eixo é o ponto de igualdade entre dois termos, assim, ele se caracteriza pela função de englobar e de totalizar as articulações que o constituem.

Nesse ponto, Greimas (1973, p. 31) expôs que a partir da condição de poder encontrar, ou inventar, a cada vez, a denominação conveniente do eixo semântico, podia-se então admitir uma descrição estrutural que fosse do tipo relacional e que consistiria, basicamente, em indicar: de um lado, os dois termos da relação, e de outro, o conteúdo

semântico desta. Por exemplo, ao se encontrar o eixo semântico referente a vermelho e azul, os dois termos da relação, pode-se apontar que o respectivo conteúdo semântico é o da cor.

Sejam A e B os termos-objetos, e S o conteúdo semântico, exprime-se a estrutura por: A / está em relação (S) com / B. Essa relação decompõe-se de dois modos: pela sequência “está em relação com”, que é uma afirmação “abstrata” da existência da relação (r) entre os dois termos; e pelo conteúdo semântico da relação (S), que foi designado anteriormente como eixo semântico. Tem-se a seguinte fórmula: A/r(S)/B.

Greimas (1973, p. 31) se preocupou em precisar o estatuto linguístico de cada um dos símbolos da fórmula, então, expôs que os termos-objetos A e B pertencem à língua-objeto, no próprio desenvolvimento do discurso e são captados no ato da percepção. O eixo semântico S é, por conseguinte, “o resultado da descrição totalizante que reúne ao mesmo tempo as semelhanças e diferenças comuns aos termos A e B: S pertence, portanto, à metalinguagem semântica descritiva” (1973, p. 31). No que diz respeito à relação (r), segundo Greimas, ela foi pressuposta desde o início da respectiva interpretação, considerando que (r) pertence à linguagem metodológica, ela só pode ser analisada no nível epistemológico.

Greimas (1973, p. 32) seguiu com o exemplo do eixo do *vozeamento* (S) que consiste na relação (r) entre o elemento *vozeado* (S₁) e o elemento *não-vozeado* (S₂). Assim, o termo-objeto A (fonema b) terá a propriedade S₁ (*vozeado*) à medida que o termo-objeto B (fonema p) possuirá como propriedade o elemento S₂ (*não-vozeado*). Nesse exemplo, tem-se b (vozeado) r p (não-vozeado), enquanto que a fórmula mais geral que lhe corresponde é A (S₁) r B (S₂).

Greimas concluiu que essa fórmula fonética poderia ser aplicada à análise da relação semântica. Para ilustrar, ele propôs a seguinte relação entre dois termos-objetos: *mulher* r (sexo) *homem*. Que pode ser traduzida por *mulher* (feminilidade) r *homem* (masculinidade). Greimas fez lembrar que S₁ e S₂ são denominados por Roman Jakobson de traços distintivos, que, para esse primeiro, era simplesmente a tradução inglesa, retraduzida em francês, dos *elementos diferenciais* apontados por Saussure. Greimas, com o intuito de simplificar a terminologia, propôs que os chamassem de *semas*, termo já utilizado por Hjelmslev e outros autores.

Uma estrutura semântica elementar pode, portanto, ser captada e descrita sob a forma de eixo semântico ou sob a forma de articulação sêmica. Greimas frisou que, ao considerar o rendimento prático, a descrição sêmica é bastante superior ao inventário dos eixos semânticos

e parece ter primazia sobre eles, de acordo com o princípio de simplicidade que Hjelmslev formulou, o qual Greimas conhecia bem.

Segundo Greimas (1973, p. 33), o problema do modo de existência, ou do modo de descrição das articulações sêmicas, era um dos que mais provocavam controvérsias no âmbito da linguística em sua época. Havia aqueles que eram adeptos do binarismo lógico ou operacional, em que um eixo semântico se articula em dois semas, que se designam como “marcado” vs “não marcado”.

Nesse nível, as diferenças de articulação já aparecem. No caso de *vozeado* vs *desvozeado* tem-se um sema marcado (presente em um dos polos) que se relaciona com o sema não marcado (ausente em um outro pólo): *s* vs *-s*. Contudo, esse esquema não é adequado à oposição binária *homem* (masc.) vs *mulher* (feminino), pois constata-se a ausência do sema *masculinidade* no termo-objeto *mulher*, que possui especificamente o sema *feminilidade*, a articulação, então, pode ser expressa por *s* vs *não s*. Em linhas gerais, Jakobson se atém a esses dois tipos de articulação sêmica.

Isso resolveria a questão em absoluto se não existissem casos como o da oposição *grande* vs *pequeno*, em que se constata a existência de um terceiro termo-objeto que é, precisamente, o *médio*. Greimas retomou a axiomática das estruturas elementares, de Viggo Brondal²⁹, para demonstrar que os dois semas polares *s* vs *não s* (que este último denominou de *positivo* vs *negativo*) podem admitir mais um sema, que não seria nem *s* nem *não s*, designado como *neutro*. Assim, a articulação precedente se tornaria: positivo (*grande*) vs neutro(*médio*) vs negativo (*pequeno*).

Esse sema entremeado pode surgir, também, como *s* e *não s* e, nesse caso, ele será chamado de *complexo*, como no exemplo seguinte: *on* (alguém/agente) vs *il* (ele) vs *cela* (isto), que pode ser interpretado como: positivo (pessoal) vs complexo (e pessoal e impessoal) vs negativo (não pessoal). De acordo com Greimas, Brondal considerou mais dois outros tipos possíveis de articulações sêmicas - o complexo positivo e o complexo negativo - que se caracterizavam pelo domínio de um dos semas no interior do complexo sêmico.

Greimas, ao apontar essas duas posições teóricas, buscou explicar que era apenas aparente a contradição entre elas, já que no âmago da axiomática de Brondal só a articulação é complexa e o número de semas, nela implicados, permanece o mesmo. Por esse motivo pode-se afirmar que tal estrutura também é binária, do mesmo modo que a de Jakobson.

²⁹ Rasmus Viggo Brøndal (1887-1942), filólogo dinamarquês, professor de línguas românicas da Universidade de Copenhague. Foi, também, um dos fundadores do Círculo Linguístico de Copenhague.

Nesse estágio, Greimas (1973, p. 35) percebeu a necessidade de introduzir a distinção entre dois tipos diferentes de captação e conceitualização da significação: a significação imanente e a significação manifesta. Segundo o autor, a estrutura elementar, considerada e escrita fora de todo contexto significante, é binária, pelo consenso dos linguistas daquela época, e articulada em dois semas (*s vs não s*), fixa-se, então, sua definição e emprega-se a expressão *categoria sêmica*.

Greimas decidiu não introduzir nem postular, nesse nível, o termo *neutro* de Brondal ou o - *s* de Jakobson, pois a inexistência de um sema não pode ser considerada um sema, além disso, esses termos só podem ser designados no nível da significação manifestada. Trata-se não mais da existência de semas considerados como unidades de significação construídas a partir de sua leitura relacional, mas da manifestação dos termos sêmicos, que não se confundem com os semas, essa distinção é posta no seguinte quadro:

Termos sêmicos	Seu conteúdo sêmico	
positivo	s	(presença do sema s)
negativo	não s	(presença do sema não s)
neutro	- s	(ausência de s ou de não s)
complexo	s + não s	(presença da categoria sêmica S)

Quadro adaptado de Greimas (1973, p. 35)

Pôde-se notar que tanto Jakobson quanto Brondal foram importantes para que Greimas pudesse discutir as questões relativas aos semas. Esse ponto encaminhou Greimas a uma passagem muito importante nos estudos da linguagem, referente à definição de forma e substância proposta por Hjelmslev

Greimas afirmou que a análise da relação, que foi pensada como eixo semântico e como articulação em semas, implicava consequências que ultrapassavam a proposta de definir a estrutura. Assim, o autor utilizou um exemplo de Hjelmslev (1975) para demonstrar esse fato. Tal exemplo se refere ao espectro de cores, um eixo semântico de grande generalidade que se encontra em todas as línguas naturais. Compararam-se duas articulações sêmicas desse eixo (inglesa e galesa) na tabela seguinte:

<i>Green</i>	<i>gwyrd</i>
<i>Blue</i>	
	<i>glas</i>
<i>Gray</i>	
	<i>llwyd</i>
<i>brown</i>	

Quadro adaptado de Hjelmslev *apud* Greimas (1973, p. 36)

As articulações sêmicas diferentes, apontadas na tabela anterior, caracterizam um grande número de eixos semânticos, e são apenas categorizações diferentes do mundo, que definem, em sua particularidade, culturas e civilizações. Hjelmslev designou essas articulações de *forma do conteúdo* e, os eixos semânticos que as perfazem, de *substância do conteúdo*.

A substância só pode ser “proximizada” e captada com a ajuda de uma lexicalização que, como se sabe, encontra-se no universo significante. A substância do conteúdo não é uma realidade extralinguística, psíquica ou física, ela é a manifestação linguística do conteúdo e se localiza em um nível diferente do relativo à forma.

Situa-se, portanto, na análise do conteúdo, a oposição forma e substância. Ela não consiste na oposição do significante (forma) e do significado (conteúdo), tal como a tradição do século XIX postulava. A forma, segundo Greimas, é significante assim como a substância. O fato de essa concepção tão importante de Hjelmslev não ter encontrado, naquele período, a receptividade necessária, espantava Greimas³⁰.

As articulações sêmicas de uma língua constituem sua forma, enquanto o conjunto de eixos semânticos traduz sua substância. Por esse motivo, a descrição de qualquer conjunto significante pode ser conduzida em dois planos distintos - o plano sêmico (ou formal) e o plano semântico (ou substancial) - nesse sentido, pode-se chegar a resultados diferentes.

Dois conceitos então são colocados, sema e lexema, e para se entender a definição e a relação entre eles é preciso, antes de tudo, partir do pressuposto de que as palavras possuem

³⁰ A pouca popularidade da obra de Hjelmslev, no período ao qual Greimas fez referência, é justificada pelo tempo que tal obra levou para começar a circular nos meios acadêmicos franceses. Segundo Dosse (1993), Hjelmslev definiu seu projeto em 1943 nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, porém, essa obra só foi traduzida para o francês em 1968. Antes de sua tradução na França, o único destaque dado à obra foi realizado por André Martinet que, apesar de não se aderir à proposta de Hjelmslev, apresentou as teses deste último na Sorbonne.

um núcleo significativo mais ou menos estável, que é seu sentido de base, e vários outros sentidos dos quais apenas um se atualiza em um determinado contexto. Isso explica a razão de algumas palavras terem o seu sentido modificado ao serem introduzidas em diferentes contextos, como, por exemplo, a palavra *cabeça*, que pode indicar parte do corpo, unidade, intelecto e extremidade. Fatos como esse ajudam a explicar a natureza dos dois conceitos em foco.

A natureza do sema é de grande importância para os estudos linguísticos e semióticos, visto que seu estudo visava a encontrar, entre outras coisas, o nível mais profundo da significação. Inicialmente, é preciso frisar que o sema é a unidade mínima da significação, no plano do conteúdo, e equivale ao fema que é o componente dos fonemas no plano da expressão.

As teorizações acerca dos fonemas tiveram muita importância no processo de elaboração de metodologias voltadas à alfabetização e ao ensino de línguas estrangeiras. Assim, entende-se o destaque dado ao sema por Greimas, pois a abordagem de tal conceito visava basicamente aos mesmos objetivos que os estudos do plano da expressão, ou seja, tornar mais profundo o conhecimento sobre a língua e a linguagem para, com isso, entender e explicar o funcionamento da significação no texto.

Greimas se fundamentou em vários autores para discutir a noção de sema. Entre os principais estão os já mencionados Saussure, Hjelmslev, Jakobson e Brondal. A partir dessas orientações e de suas próprias reflexões, Greimas afirmou que o sema não possui existência própria, só é possível pensá-lo e descrevê-lo negativamente como parte de uma estrutura de significação, por exemplo, *b* é definido assim por não ser *p*.

Nessa diretriz, o sema se coloca no interior da percepção, no âmbito em que as significações são constituídas, e recebe uma “espécie de existência” devido ao fato de ser estabelecido por disjunção e por conjunção, pois, ele é identificado tanto por suas diferenças quanto por suas semelhanças. Em um exemplo simples pode-se expor que grande vs médio vs pequeno são diferentes entre si, mas são comuns quanto a categoria tamanho.

É fácil perceber que o sema ocupa um lugar de destaque no estudo acerca da estrutura elementar da significação. Nesse constructo teórico, a hipótese central é de que ao partir dessa unidade significativa mínima se poderia conseguir organizar e descrever conjuntos cada vez maiores de significação. A compreensão da estrutura e do funcionamento do texto, evidentemente, esteve no horizonte desse estudo durante a maior parte do tempo.

Pode-se afirmar que as unidades de estudo que ocupam as extremidades de uma hierarquia, ou seja, que se colocam como mínimas ou máximas, muitas vezes, provocam

maiores dificuldades de definição que as situadas em patamares centrais. Isso ocorre devido ao fato de que são ou apenas integradas ou apenas integrantes, e disso resulta a impossibilidade de se saber o que as unidades máximas irão constituir e do que são constituídas as unidades mínimas.

O sema é uma dessas unidades mínimas, e a dificuldade de determiná-lo reside basicamente nesse fato. Ele é uma entidade construída em razão da descrição, sua natureza não é substancial, mas sim relacional e, desse modo, não há como defini-lo por sua atonicidade ou por sua autonomia.

Tal construção teórica atendeu, em princípio, às necessidades de uma teoria linguística, a semântica, que, com Greimas, posteriormente, se integrou a uma teoria semiótica. Nesses dois estágios, o sema serviu ao mesmo propósito, entender a significação em seu nível mais abstrato, profundo e universal. Ao seu redor fora constituído o nível fundamental do *percurso gerativo do sentido* (GREIMAS; COURTÉS, 2008) em que se vislumbram as oposições fundamentais (ex.: *morte vs vida*) que permeiam e ajudam a descrever, por inteiro, os textos.

A importância do semema, segundo Greimas, consiste no fato de sua realização ocorrer no texto. Isso estabelece a diferença básica entre ele e Pottier, dentre outros semanticistas. Foi a partir do exemplo (1973, p. 60) do substantivo cabeça (em francês, *tête*) que o autor definiu o semema e a sua estrutura. Fez isso a partir de várias ocorrências de *cabeça*, como em um dicionário. Ele isolou o núcleo sêmico como um invariante, com variações de sentido que provêm do contexto. O núcleo sêmico de *cabeça* constitui-se dos dois semas “extremidade + superatividade” que definem a figura nuclear simples do lexema *cabeça*.

Semas, como *solidez* e *continente*, são simplesmente variáveis contextuais do núcleo, o que é coerente com a *redução* deles ao mínimo comum. Essas variáveis contextuais pertencem ao núcleo do lexema contíguo, há, assim, outra espécie de semas que remetem ao contexto para produzir efeitos de significação no semema, já que esse contexto é considerado como uma unidade do discurso superior ao lexema. Esse contexto, quando se realiza no discurso, vai funcionar como um sistema de compatibilidades e de incompatibilidades entre as figuras sêmicas que ele pode ou não reunir, considerando que a compatibilidade acontece quando dois núcleos sêmicos se combinam com um sema contextual em comum. Tal sema contextual, especificamente, é denominado de *classema*.

O classema permite a transição, do lexema e do seu núcleo, da língua ao texto, o que provoca a isotopia, da qual se falará mais adiante neste texto. Ainda vale lembrar que o

lexema é o termo-objeto que pertence à língua-objeto e se realiza no texto, por isso é uma unidade linguística de uma ordem diferente que não se inclui na definição da estrutura elementar.

Greimas não utilizou o termo semiótica na *Semântica*, contudo, nesse estágio da discussão, ele depreende os dois níveis fundamentais do discurso. O primeiro ele chamou de nível semiológico (ou figurativo) que corresponde às figuras sêmicas nucleares; e, o segundo é denominado de nível semântico, que garante a homogeneidade semântica de um texto através das isotopias dos classemas (*humano, animal, inanimado* etc.) que podem ser discernidas pelo contexto, e não por lógica.

Para explicar melhor a relação dos três itens (sema, semema, classema e lexema) é necessário utilizar a seguinte tabela:

Semas Lexemas	Espacialidade	Dimensio- nalidade	Vertica- lidade	Horizon- talidade	Perspecti- vidade	Laterali- dade
Alto	+	+	+	-	-	-
Baixo	+	+	+	-	-	-
Longo	+	+	-	+	+	-
Curto	+	+	-	+	+	-
Largo	+	+	-	+	-	+
Estreito	+	+	-	+	-	+
Vasto	+	-				
Espesso	+	-				

Tabela adaptada de Greimas (1973, p. 48)

Percebe-se que o sema *espacialidade* está presente em todos os lexemas, enquanto os demais aparecem esporadicamente. Portanto, é muito provável que, quando um desses lexemas for utilizado, ocorrerá a referência a espaço ou medida, salvo o uso conotativo. Possivelmente, para ser preciso nesse uso, o indivíduo utilizará, de acordo com esse repertório, o termo que melhor se adequar às circunstâncias de sua enunciação.

Outra questão importante, ressaltada por Greimas, diz respeito à comunicação. Segundo o autor (1973, p. 42), as estruturas da significação manifestam-se, ou seja, oferecem-se aos indivíduos quando ocorre o processo da percepção na comunicação. Essa última reúne as condições de sua manifestação, pois é no ato de comunicação (uso) que o significado

encontra o significante. Esta junção faz aparecer as unidades mínimas do discurso: o fonema e o lexema.

Para Greimas (1973, p. 42), a constatação de que a análise do significante é impossível sem referência ao significado, e vice-versa, não deve ser a última a ser feita. É preciso ainda apontar a inexistência de isomorfia entre os dois planos, significante e significado, pois as suas unidades de comunicação não possuem a mesma dimensão. Quer dizer, um fonema não corresponde diretamente a um lexema, tal correspondência só pode ocorrer se houver uma combinação fonemas.

Por essa razão, ainda que a análise dos dois planos possa ser conduzida pelos mesmos métodos, é necessário que isso ocorra de forma separada. Desse modo, Greimas indicou a existência de femas para o significante e, por conseguinte, o de semas para o significado, que são as unidades mínimas dos dois planos da linguagem.

Greimas buscou demonstrar que o fosso que separa o significante do significado é muito mais profundo do que determinadas teorias procuraram expor. Além disso, ele alertou para os riscos de se tomarem emprestados conceitos de outras disciplinas e aplicá-los inadvertidamente ao estudo da significação:

O sentido evidenciado pelas oposições fonológicas constitutivas dentro de unidades mais longas é simplesmente um sentido negativo, uma possibilidade de sentido. Expliquemo-nos: se a oposição *bas* vs *pas* atribui a *bas* uma aparência de sentido, não se pode dizer que, quando do processo de comunicação, onde se situam todas as escolhas entre o que será manifestado e o que permanecerá subentendido, a escolha de *bas*, efetuada pelo locutor (*Le ciel est bas. Le plafond est pas*) (O céu está coberto. O forro é baixo) faz-se, necessariamente, pela presença limitativa do lexema *pas* ou será relacionada a ele. Entretanto, a manifestação de *bas* deixará na penumbra *haut* (alto) e não *pas*. Isso já mostra com que prudência é preciso manipular os conceitos emprestados de disciplinas paralelas à lingüística, como a teoria da informação, por exemplo, mas que tratam apenas dos dados pertinentes de um significante transcodificado a partir de uma língua natural, e que, por isso, podem colocar entre parênteses os problemas primeiros da significação. (Pensemos, por exemplo, na correlação significativa que se quer estabelecer entre a extensão das palavras e a quantidade de informação) (1973, p. 43).

A reciprocidade existente na junção entre o significado e o significante não a torna indissolúvel no momento em que se pretender avançar na análise de cada um deles. Contudo, existe a necessidade de se servir do significado para o estudo do significante e vice-versa, por essa razão se tornam imprescindíveis os termos-objetos.

3.1.1 Os procedimentos de descrição

Greimas tratou dos procedimentos de descrição referente a um *corpus* determinado e homogêneo, o qual deveria ser transformado em texto. O autor entendia por texto o conjunto dos elementos de significação que estão situados sobre a isotopia³¹ escolhida e estão fechados, evidentemente, nos limites de um *corpus*. Esse item que seria analisado deveria ser normalizado, homogeneizado, além disso, eram necessárias duas operações significativas: a sua objetivação e a redução (supressão de redundâncias) de suas categorias sintáticas. Trata-se de eliminar elementos típicos da enunciação para reter apenas o narrativo, que é o objeto privilegiado na *Semântica*.

A lexemática impôs problemas que Greimas procurou resolver através de uma operação que consistia em atribuir a todos os sememas a forma substantiva. Desse modo, não restariam mais classes gramaticais que pudessem ser opor ao substantivo que, enquanto classe, estaria neutralizado. Nesse processo, era necessário lexicalizar os sememas pela junção dos sufixos substantivais apropriados, tais como: *-mento, -agem, -ção, zero, etc.*, quando se tratasse de funções; *-dade, -ência, -ância, etc.*, para lexicalizar as qualificações (1973, pp. 207-208).

As reduções não param por aí, foi necessário fazer a transformação do inventário de mensagens em estrutura ou modelo, além disso, foram propostas, por Greimas, as reduções simples e complexas, supressão de redundâncias através da operação semiótica de equivalência entre vários sememas: expansão e definição, condensação e nomeação.

Mas o que operam estes processos de descrição? Nas palavras de Greimas:

A reflexão sobre os procedimentos de descrição já considerados mostra que cada passo adiante consiste ao mesmo tempo na seleção e na eliminação dos elementos de significação. O procedimento descritivo se mostra, no seu conjunto, como uma busca de constantes do conteúdo às custas de suas variáveis, progressivamente abandonadas, como uma valorização da substância do conteúdo pela colocação entre parênteses da sua forma (1973, p. 217).

Em resumo, o que é semântico, na concepção de Greimas, é retido, enquanto o estilístico é abandonado, a não ser que uma descrição suplementar possa tomá-lo como objeto. A ação de colocar em suspenso categorias linguísticas e gramaticais de fato é bastante ousada e torna bastante difícil a compreensão de quem possui como sistema de referências apenas o

³¹ O termo isotopia, como se verá no próximo capítulo, é a direção a ser tomada para a interpretação de um texto. Por exemplo, se a expressão “portas abertas” aparecer em um texto, o leitor poderá interpretá-la no sentido literal (de portas que não estão fechadas) ou então em sentido figurado (em que significaria oportunidades).

contexto linguístico; contudo, tal atitude não é gratuita, pois visa lidar com a ambiguidade a que está sujeito quase todo texto. Além disso, as idiosincrasias de cada gênero, de cada texto, que se materializam linguística e estilisticamente, tornariam impossível uma teoria que aspira lidar com a significação de um modo integral e não como a significação do texto poético, do texto publicitário entre outros.

Greimas procurou trabalhar, concomitantemente, quatro frentes - epistemologia, teoria, metodologia e descrição - e discutir dois níveis da linguagem, o semântico e o semiológico. Isso, sem dúvida, tornou seu texto bastante denso³². Vale lembrar que, segundo Hénault (2006, p. 130-131), para Greimas, a noção de teoria tem um valor altamente descritivo e se caracteriza por sua disposição a efetuar análises concretas, coerentes com a base epistemológica.

A teoria, portanto, não se opõe à prática, ela é uma metodologia axiomatizada que é validada pela prática, ao passo que o nível epistemológico da teoria é o que edifica intelectualmente o método. No que diz respeito à epistemologia, a semântica estrutural colocou em atividade o projeto defendido diante da *Sociedade de estudos da língua francesa* (SELF), daquele momento em diante, de transferir a diligência de pesquisa das estruturas superficiais, relativas à frase, para as estruturas transfrásticas referentes à coerência do discurso, através do trabalho de *redução* e de *estruturação*.

3.2 A estrutura elementar da significação e suas fontes

Greimas, quando elaborou a *Semântica*, pretendeu fundar uma teoria linguística que se ocupasse da significação. Ele se coloca em meio a uma tradição em que algumas áreas dos estudos da linguagem já se encontravam bastante desenvolvidas. Ao iniciar com o estudo componencial, relativo aos componentes do lexema, Greimas se manteve na mesma base que outros linguistas do período. Basta lembrar que Pottier também estudou os semas e os lexemas, o que o diferenciava de Greimas, nessas circunstâncias, eram aspectos teóricos bastante sutis.

Na etapa em que Greimas discutiu a estrutura elementar da significação, os traços de continuidade são evidentes. O autor se baseou em vários autores, entre os mais pertinentes, nessa parte de sua obra, estão Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss. Esses três autores tinham várias concepções em comum, contudo, possuíam projetos diferentes.

³² Esse caráter da obra, assim como o seu distanciamento da linguística tradicional, podem muito bem terem provocado opiniões contrárias a Greimas, como a de André Martinet: “Quando leio Greimas, perco-me” (*apud* Dosse, 1993, p. 241).

Não se pode afirmar, com absoluta certeza, que noções como relação, estrutura e eixo, assíduas na *Semântica*, foram importadas por Greimas diretamente dos trabalhos de Saussure, contudo, sabe-se que ele conhecia muito bem o *Curso* (SAUSSURE, 1995). Greimas publicou em 1956 um texto denominado “A atualidade do saussuriano” em que discutia, entre outros assuntos, a pouca ressonância do trabalho de Saussure na França naquele período.

Antes dessa publicação, já tinham conhecimento do trabalho de Saussure, alguns dos professores e amigos de Greimas, como Robert-Léon Wagner e Georges Matoré, por essa razão, é provável que a partir de um deles Greimas possa ter se iniciado no *Curso*, ou então, obtido opiniões que lhe instruíram quanto aos aspectos inovadores da respectiva obra.

A obra de Saussure ainda não se integrara completamente ao currículo de letras nas universidades francesas e era vista de uma maneira bastante diferente, pois, a repercussão de uma obra não é definida apenas pela data em que foi publicada, mas também pela forma e o período em que foi discutida. Assim, o *Curso* foi publicado no início do século XX, mas o auge das discussões em torno dele só ocorreu na segunda metade desse século.

No texto de 1956, ano em que se comemorou o quadragésimo aniversário de publicação do *Curso*, Greimas buscou “mostrar a eficácia do pensamento de F. de Saussure que, ultrapassando os quadros da linguística, vê-se atualmente retomado e utilizado pela epistemologia geral das ciências do homem” (GREIMAS, 1956 *apud* ARRIVÉ, 2010, p. 209).

Segundo Arrivé (2010, p. 209), Greimas visava em Saussure à extensão de uma teoria do conhecimento e de uma metodologia às outras ciências humanas. Ele teve acesso a duas dessas extrapolações realizadas por seus contemporâneos, trata-se da fenomenologia de Merleau-Ponty e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss. Mais do que perceber a amplitude dessas obras, Greimas as integrou em sua *Semântica*.

Basta lembrar que, logo no início dessa obra, Greimas (1973, p. 16) pontuou que as significações do mundo humano estão situadas no nível da percepção e isso consiste em definir a exploração no mundo do senso comum ou, em outros termos, no mundo sensível. Desse modo, a semântica busca à descrição do mundo das “qualidades sensíveis”. Sobral (2009, p. 68) ressaltou o fato de essa descrição se dirigir a essas qualidades e não a objetos subsistentes em si mesmos, muito menos do mundo natural abordado como um “existente” pelo senso comum e pelas ciências da natureza. Essas questões, assim como as da citação a seguir, evidenciam as afinidades entre a *Semântica* e a fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty:

Porque perceber, como preconizou Husserl, é já valorar, é atividade de um sujeito que vive, não num mundo natural, mas “num mundo significante” (Greimas, 1970, p. 10). Logo, perceber não é entrar em contato direto com o mundo natural, mas construir objetos a partir de fenômenos com base num dado ponto de vista vinculado com as conotações socialmente aceitas. Vemos aqui um relevante traço da “fenomenologia da percepção” greimasiana, índice de sua concepção do sentido como componente essencial da vida humana [...] (SOBRAL, 2009, p. 68).

Quanto ao vínculo da *Semântica* com o trabalho de Lévi-Strauss, é preciso destacar que a própria ideia de estrutura elementar foi amplamente divulgada por ele em suas discussões sobre o parentesco, a natureza e a cultura, principalmente, na obra *Estruturas elementares do parentesco*, publicada por Lévi-Strauss em 1949. A relação entre o etnólogo e Greimas vai muito além da afinidade de métodos. Ambos pertenceram à mesma geração e cada um em sua esfera, paralelamente, desenvolveu suas ideias a partir da perspectiva estrutural, no momento em que esta abordagem se impunha fortemente na França e em outros países.

A frequência com que Greimas citou Lévi-Strauss em seus textos não tem a mesma reciprocidade nas obras deste último, que tem em Saussure, propriamente, uma fonte metodológica. O antropólogo já era bastante conhecido quando Greimas ainda iniciava seu projeto, porém, a longevidade e a produtividade daquele jamais permitiram que esse o contemplasse como um referente passado.

Lévi-Strauss e Roland Barthes apoiaram Greimas na formação de seu primeiro grupo de pesquisa linguística e semiótica no *Laboratório de Antropologia Estrutural (EPHE)* e do *Collège de France*, logo depois recebeu um escritório de Lévi-Strauss nessa mesma instituição. Aquele grupo de pesquisa era constituído, principalmente, por Oswald Ducrot, Tzvetan Todorov, Julia Kristeva, Gerard Genette, François Rastier, Jean-Claude Coquet, C. Metz, J. Cohen entre outros.

Da mesma forma que o antropólogo, Greimas se interessava bastante por mitos. A Lituânia, sua pátria, é bastante rica nesse assunto e, dessa forma, a literatura desse país foi sempre um tema relevante para seus estudos. É importante lembrar que Greimas lecionou disciplinas relacionadas a mitos e deuses antigos na Universidade de Vilnius, e conseguiu atrair um grande público. Parece que, ao passo que seus escritos sobre semiótica repercutiam na França, seus estudos sobre os mitos se difundiam na Lituânia.

Percebe-se que Lévi-Strauss desempenhou um papel importante na carreira de Greimas, tanto no que diz respeito às questões institucionais quanto nas intelectuais. Nesse último aspecto, o antropólogo, de certa forma, corroborou o argumento da diferença,

preconizado principalmente por Saussure e assumido por Greimas em vários pontos de sua *Semântica*.

O uso desse argumento, para explicar questões relativas à noção de identidade no âmbito da língua e da linguagem, está evidente no *Curso* e, posteriormente, na *Semântica*. A partir da afirmação de Saussure, de que a língua é feita de oposições, a identidade alcançou uma definição. Vinculada a isso está a noção de valor que, segundo Saussure, é aquilo que pode ser mensurado pela semelhança e pela diferença entre as coisas.

Quando mensurado pela semelhança, o valor equivale ao que pode ser comparado a outro cujo valor está explícito. Quando mensurado pela dessemelhança, o valor equivale ao que pode ser trocado por outro cujo valor ainda está indeterminado. Em outras palavras, pode-se dizer que o signo e, por extensão, a identidade, é, justamente, aquilo que ele ou ela não são em sua esfera. Assim, não faria sentido dizer que livro é livro porque não é amizade, pois, amizade estaria em outro contexto semântico (o dos sentimentos). A comparação, assim, não contempla o vínculo direto de significação, porque constrói uma oposição mínima entre elementos de contextos distintos que não possuem um eixo semântico que os unam.

As noções de conjunção e disjunção, propostas por Greimas, são semelhantes a essa ideia do valor linguístico. Para provar a existência dessa analogia, basta lembrar que, segundo Greimas, dois termos-objetos só podem ser captados juntos se tiverem algo em comum, esse é o problema da semelhança e da identidade. Enquanto dois termos-objetos só podem ser distinguidos se forem diferentes, esse é o problema da diferença e da não-identidade.

Existem diferenças nos objetivos de Saussure e Greimas, mesmo assim, é fácil perceber o uso, em ambos, do argumento da diferença para depreender a identidade. Pode-se dizer que para eles a identidade é oriunda da diferença parcial, já que a total ausência de semelhança faz romper os vínculos de significação. Tem-se então a dialética da diferença e da semelhança que fundamentou várias concepções no âmbito dos estudos da linguagem.

Foi a partir justamente dessa dialética que Jakobson tratou do fonema, pois como se sabe essa unidade nada mais é que um feixe de traços distintivos. A teoria de Jakobson demonstra ter uma maior força sobre o estudo da estrutura elementar da significação por vários motivos, dentre eles pode-se citar a proximidade e ao mesmo tempo a alteridade que fonologia cria em relação à semântica, pois, há, de certa forma, uma justaposição de ambas

nos planos opostos (plano de conteúdo e plano de expressão) em que se constitui a significação.

Assim, o paralelismo entre essas disciplinas, proposto por Hjelmslev, ainda que não seguido por Greimas em termos de metodologia, não deixou de orientar as definições na *Semântica*. Como se viu, a definição de sema e lexema, proposta por Greimas, foi baseada principalmente na ideia dos traços distintivos difundida por Jakobson, e que Greimas também atribuiu a Saussure.

3.3 Os actantes e a transformação

A obra *A morfologia do conto maravilhoso* (1984) do folclorista russo Vladimir Propp foi publicada em 1928. Nessa época, obteve uma tímida repercussão no contexto soviético, o que viria a mudar em 1958, quando houve sua tradução em língua inglesa. Essa tradução possibilitou que Greimas e Lévi-Strauss lessem a obra, como eles mesmos confirmam (GREIMAS, 1973; LÉVI-STRAUSS, 1984).

Greimas citou esse trabalho muitas vezes (GREIMAS, 1973; 1993), mas em que consistia tal obra? Nas palavras do autor: “Obteremos como resultado uma morfologia, isto é, uma descrição do conto maravilhoso segundo as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto” (PROPP, 1984a).

Lévi-Strauss, em seu artigo “A estrutura e a forma” (1984), propiciou uma controvérsia ao tecer reflexões sobre a obra de Propp (1984a). Ele partiu da ideia de que os adeptos da análise estrutural em linguística e em antropologia são acusados com frequência de formalismo, considerando que o estruturalismo se separa desse último em virtude das atitudes diferentes que toma. Segundo Lévi-Strauss, de forma avessa ao formalismo, o estruturalismo recusa opor o concreto ao abstrato e, conseqüentemente, não reconhece valor privilegiado no segundo. O autor, então, buscou exemplificar com a obra de Propp tal diferença de atitude, afirmando que o pensamento de Propp permaneceu muito próximo ao da escola formalista russa.

Em carta-resposta a esse artigo, Propp discordou, absolutamente, dessa afirmação. O autor argumentou que as características, presentes em uma abordagem estritamente formalista, não constituíram sua obra. Entre outros fatores que motivaram a controvérsia, Propp (1984b) comentou os problemas de tradução e edição dos quais sua obra foi vítima: exclusão das epígrafes na tradução americana; modificação no título da obra etc. Os textos de

Lévi-Strauss (1984), de Meletínski (1984) e Propp (1984b) ajudam a entender a tal controvérsia.

Discrepâncias à parte, o fato é que a influência da obra de Propp sobre Greimas foi determinante para o desenvolvimento de vários conceitos na *Semântica*. A redução das funções de Propp, a importação do modelo de transformação e a discussão acerca dos modelos actanciais deixam isso evidente.

Greimas também discutiu o modelo actancial que se apresenta na obra de Étienne Souriau *As duzentas mil situações dramáticas* (1993 [1959]). Nesse trabalho, Souriau buscou realizar uma análise estrutural do drama, em que, claramente, se destacavam as funções, um total de seis, que correspondem a determinadas forças, expressas por meio dos personagens e denominadas através de uma terminologia oriunda da astrologia e da astronomia: Leão, Sol, Terra, Marte, Balança (Libra), Lua. Opõe-se a essas funções um número amplo de situações, que extrapolam as duzentas mil que o título da obra anuncia, pois chegam a um total de 210.441 situações.

A metodologia de Souriau, como Greimas demonstrou, se assemelha bastante à de Propp, ainda que a desse último pareça, devido à sua organização, muito mais perspicaz quanto à análise da narrativa, fato que pode ter feito Greimas utilizar muito mais o trabalho do folclorista russo que o de Souriau.

3.3.1 As reflexões de Greimas sobre os modelos actanciais

Greimas realizou um longo estudo acerca dos actantes na *Semântica* e, inicialmente, é necessário expor que a problemática que envolve os conceitos de sujeito e predicado, vinculados ao termo atuante, extrapola as fronteiras linguísticas e/ou gramaticais. Recobertos por camadas semânticas e/ou lexicais que particularizam o emprego de cada um desses termos no interior de cada disciplina ou ciência, eles mantêm, ainda, vários desvios que impossibilitam, em nível científico, uma definição precisa que garanta consenso no emprego de ambos.

Contudo, isso não impossibilitou o emprego de tais conceitos e, conseqüentemente, não impediu os estudiosos de realizarem as respectivas tentativas de definição. Greimas se colocou nessa mesma linha e, a partir de seu estudo acerca dos atuantes, promoveu a reunião de alguns trabalhos que buscaram depreender a organização da mensagem e da narrativa, para, então, elaborar sua própria explicação acerca desses objetos.

A discussão acerca dos atuantes é enfatizada, inicialmente, quando Greimas (1973, p. 160) propôs a fixação do nome atuante para a designação da subclasse de sememas definidos como unidades discretas. Em contrapartida, utilizou o termo predicado para denominar os sememas considerados como unidades integradas. Assim, segundo o autor, a combinação de um predicado e de pelo menos um atuante constituiria uma unidade maior, chamada de mensagem semântica. O autor ainda explicitou que: “[...] a priori, no quadro do universo semântico, tomado no seu conjunto, o predicado pressupõe o atuante, mas que a posteriori no interior de um micro-universo, um inventário exaustivo de predicados constitui o atuante” (GREIMAS, 1973, p. 161).

Apesar de essa breve exposição ser pertinente ao tema, foi no capítulo “Reflexões sobre os modelos atuacionais³³”, da *Semântica*, que Greimas se aprofundou no assunto. Nele, o autor afirmou que o actante pode ser considerado como aquele que realiza ou que sofre a ação. O autor se baseou em Lucien Tesnière, que foi o responsável pelo termo, segundo ele os “actantes são os seres ou as coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e da maneira mais passiva possível, participam do processo” (apud GREIMAS, 2008, p. 20).

Greimas (1973, p. 226) ficou impressionado com a observação de Tesnière, em que ele comparou o enunciado elementar a um espetáculo. Greimas fez lembrar que aquilo que se chama de funções, na perspectiva da sintaxe tradicional, trata-se de papéis exercidos por palavras e assim, de modo simples, se define que o sujeito é o que faz a ação, enquanto o objeto é o que sofre a ação. Nos termos de Tesnière:

Os actantes são seres ou coisas que, a qualquer título e de qualquer maneira, mesmo sob o título de simples figurantes e da maneira mais passiva, participam do processo [...] Os actantes são sempre substantivos ou equivalentes de substantivos. Inversamente os substantivos assumem normalmente dentro da frase a função de actantes (TESNIÈRE, 1969, p. 102)³⁴.

Nessa concepção a sentença é apenas, de acordo com Greimas (1973, p. 226), um espetáculo promovido pelo indivíduo para si mesmo e para o *outro*. Contudo, há um aspecto peculiar relativo a esse espetáculo, ele é permanente, ou seja, o conteúdo das ações, assim como os atores, muda incessantemente, enquanto o enunciado espetáculo não se modifica,

³³ Optou-se por utilizar a forma *actancial* (GREIMAS; COURTÉS 2008, p. 20) em vez de *atuacional* (GREIMAS, 1973). Ambas são oriundas da forma francesa *actantiel*.

³⁴ Les actants sont les êtres ou les choses qui, à un titre quelconque et de quelque façon que ce soit, même au titre de simples figurants et de la façon la plus passive, participent au procès [...] Les actants sont toujours des substantifs ou des équivalents de substantifs. Inversement les substantifs assument en principe toujours dans la phrase la fonction d’actants (TESNIÈRE, 1969, p. 102).

devido ao fato de sua permanência ser garantida graças à distribuição única dos papéis em cada eventualidade.

Isso conduz à afirmação (1973, p. 227) de que o discurso “natural” encontra-se impossibilitado de aumentar a quantidade de actantes e de dilatar a compreensão sintática da significação para além da frase. A pertinência disso para a semântica deve-se ao fato de o micro-universo semântico só poder ser definido como um todo de significação na medida em que houver a possibilidade dele surgir invariavelmente diante do analista como um espetáculo simples, isto é, como uma estrutura actancial.

Para que esse modelo actancial, oriundo da sintaxe, pudesse se adaptar a seu novo estatuto semântico e às novas dimensões do micro-universo, foram necessárias, segundo Greimas, duas tarefas práticas. A primeira consistiu em considerar a redução dos actantes sintáticos a seu estatuto semântico. E, depois, em reunir todas as funções manifestadas em um *corpus* e atribuídas, independente de sua dispersão, a um só actante semântico. O intuito disso é o de que cada actante manifestado leve junto consigo sua investidura semântica e a fim de poder dizer que o conjunto dos atuantes reconhecidos pode retratar toda a manifestação (1973, p. 227).

A hipótese de um modelo actancial pode chegar até esse ponto, entendido como um dos princípios possíveis da organização do universo semântico, que possui uma dimensão muito ampla para que seja apreendido, em sua totalidade, em micro-universos a que o homem pode ter acesso.

Nesse sentido, Greimas (1973, p. 227) frisou a necessidade de descrições concretas em domínios delimitados ou, ao menos, observações de caráter geral, que viessem confirmar as extrapolações linguísticas e trazerem informações sobre a significação e, especificamente, sobre as articulações possíveis das categorias actanciais. Tal necessidade parece ter induzido Greimas a citar e a discutir outros estudos em que continham inventários semelhantes aos da linguística, no que diz respeito aos actantes.

Um quadro comparativo, montado a partir dos próprios quadros expostos por Greimas (1973), que expõe os inventários dos autores supracitados, é bastante interessante para se perceber as semelhanças e as diferenças entre eles em relação a suas concepções acerca do assunto:

Propp	Souriau	Greimas
O vilão	Leão – a Força temática orientada;	Sujeito
O doador		Objeto
O ajudante	Sol – o Representante do bem desejado, do valor orientado;	Destinador
A princesa (personagem procurada e seu pai)	Terra – o Obtendedor virtual desse Bem (aquele para o qual trabalha o Leão);	Destinatário
O mandante	Marte – o Oponente;	Oponente
O herói	Balança – o Árbitro, atribuidor do Bem;	Adjuvante
O falso herói	Lua – o Auxílio, reduplicação de uma das forças precedentes.	

Quadro comparativo: Propp, Souriau, Greimas

Percebe-se que não há uma correspondência precisa entre os inventários, o que demonstra a singularidade de cada pensamento e projeto. Contudo, as semelhanças entre ambos são muito mais contundentes e fazem com que se perceba uma continuidade nas similaridades entre os conceitos e uma ruptura quanto ao uso deles com objetivos e métodos distintos.

3.3.2 Actante e ator no projeto de Greimas

O termo ator, paulatinamente, em diferentes áreas ou até mesmo em uma mesma disciplina, recebeu diferentes definições, o mesmo aconteceu no projeto de Greimas. Historicamente, esse termo foi substituindo progressivamente a expressão personagem, para se tornar mais preciso e geral, já que um ator não precisa ser necessariamente uma pessoa, pode ser um objeto qualquer, desde que tenha ação na narrativa, isso possibilitaria o seu uso além do âmbito literário (GREIMAS, 1973, p. 236).

O termo ator foi, primeiramente, vinculado e colocado como diferente de actante, pois se compreende que um mesmo actante pode se manifestar por meio de vários atores. O actante possui um caráter invariante, diferentemente do ator. Contudo, o ator ultrapassa as fronteiras da frase e se mantém contínuo, por um processo anafórico, ao longo de uma sequência discursiva. Nesse sentido, o qualificativo variante já não lhe cai bem, pois ele pode se manter e assumir consecutivamente vários papéis actanciais e receber um ou mais papéis temáticos distintos, pelo fato do discurso se desenvolver através de valores semânticos.

O ator é o ponto para o qual que converge e se investem os componentes sintáticos e semânticos. Um lexema só poderá ser chamado de ator se conservar ao menos um papel

actancial e um papel temático. Mas o ator não se resume apenas a um ponto de investimentos desses papéis, ele também cumpre a missão de promover as transformações desses últimos, o que garante a dinâmica do texto.

Para elucidar as questões relativas aos actantes e ao investimento temático, Greimas propôs um exemplo (1973, p. 236) em que se parte da esfera de um sábio filósofo da época clássica que desejava conhecer como os actantes de seu espetáculo de conhecimento se distribuía, assim, poderia postulá-los da seguinte forma:

Sujeito	Filósofo
Objeto	Mundo
Destinador	Deus
Destinatário	Humanidade
Oponente	Matéria
Adjuvante	Espírito

Se, por um lado, a articulação de atores constitui um texto particular, por outro, uma estrutura de actantes determina um gênero (textual ou literário) específico. Os actantes têm, portanto, um caráter metalinguístico em relação aos atores, nesse sentido, estes estão em um nível abaixo daqueles na hierarquia que a teoria de Greimas estabeleceu.

Greimas continuou em textos posteriores a discutir a questão dos atuantes, pois, como se sabe, esse é um dos pontos nodais de seu projeto semiótico. Um desses textos é “Os atuantes, os atores e as figuras” (GREIMAS, 1977), no qual ele discutiu os pormenores do assunto, relacionando-o à questão das figuras. Do mesmo modo, Greimas continuou, em outras ocasiões, a desenvolver ideias relativas aos modelos de transformação, porém, primeiramente, esse assunto apareceu na *Semântica*.

3.3.3 A privação no percurso da transformação

Antes de tudo, é preciso mencionar que Greimas focalizou, no capítulo “Pesquisa dos modelos de transformação” de sua *Semântica*, as funções apresentadas na obra de Propp (1984a [1928]). A principal questão que se colocava a Greimas, nessas circunstâncias, era a de saber em que medida tal modelo poderia ajudar na compreensão e na justificação de um modelo actancial.

Greimas então realizou uma redução das funções de Propp: as trinta e uma funções tornaram-se vinte, depois foram agrupadas em pares:

Inventário de Propp	Redução de Greimas
1. ausência	1. Ausência
2. proibição	2. proibição vs violação
3. violação	3. procura vs submissão
4. procura	4. decepção vs submissão
5. informação	5. vilania vs falta
6. decepção	6. ordem vs decisão do herói
7. submissão	7. partida
8. vilania	8. atribuição de uma prova vs enfrentamento da prova
8 ^a . falta	9. recepção do adjuvante
9. mando, ordem	10. deslocamento espacial
10. decisão do herói	11. combate vs vitória
11. partida	12. sinal
12. atribuição de uma prova	13. dissolução da falta
13. enfrentamento da prova	14. retorno
14. recepção do adjuvante	15. perseguição e liberação
15. deslocamento espacial	16. chegada incógnita
16. combate	17. atribuição de uma tarefa vs êxito
17. sinal	18. reconhecimento
18. vitória	19. revelação do traidor vs revelação do herói
19. dissolução da falta	20. punição vs casamento
20. retorno	
21. perseguição	
22. liberação	
23. chegada incógnita	
24. ver acima 8. ^a	
25. atribuição de uma tarefa	
26. êxito	
27. reconhecimento	
28. revelação da vilania	
29. revelação de herói	
30. punição	
31. casamento	

Quadro adaptado de Greimas (1973, pp. 253-254)

Esses pares, a exemplo do que se apresenta no estudo da estrutura elementar da significação, são considerados vinculados não só por uma mera relação de implicação lógica ou de contiguidade, mas por conjunção e disjunção. O intuito disso consiste em obter um rompimento com a dependência da sequência sintagmática, pois se instaura uma correlação paradigmática.

A função prova, entretanto, não se esquivava do conteúdo histórico que a preenche e, por consequência, preenche a narrativa, considerando que, para Greimas (1973, p. 273), a narrativa se reduz à sequência da prova. O caráter sintagmático e diacrônico da prova constituiu para Greimas uma problemática em que, ao mesmo tempo, ele vislumbrou a impossibilidade de análise em estrutura acrônica de todos os pares funcionais, assim como a introdução dessa expressão figurativa do modelo transformacional que criaria um interesse suplementar relacionado à análise.

Greimas (1973, p. 273) afirmou que a prova, manifestando no discurso um modelo actancial, antropomorfiza as significações e se apresenta, por essa razão, como uma sucessão de comportamentos humanos ou para-humanos. Entra em destaque, nessa sequência, o papel da privação na sequência da prova. A questão da privação é discutida por Greimas de forma bastante concisa na *Semântica*, ainda assim, por sua abrangência, é possível usá-la como um eixo para entender a questão da transformação nessa obra.

Posteriormente, com o decorrer dos estudos semióticos, Greimas e Courtés (2008 [1979]) verticalizaram a discussão ao elaborarem um verbete específico para a privação, vinculando-a, diretamente, à prova e ao esquema narrativo. Quando se entende que, no eixo das consecuições, a consequência é o último dos enunciados constitutivos da prova e que a privação é sua resultante, tem-se essa última como arremate do eixo. Contudo, como sugeriram Greimas e Courtés (2008, p. 394-395), esse eixo pode ser substituído pelo das pressuposições, então, a consequência pressupõe a dominação, que pressupõe a defrontação.

Nessa inversão, a privação poderia se colocar como determinante no primeiro enunciado da prova. Em trabalhos como os de Condillac (1979a [1754], 1979b), a privação aparece como responsável pela determinação das ações dos sujeitos. Embora tal assunto remeta a outros autores e a uma anterioridade mais longínqua, é necessário limitar o foco, nessa continuidade, aos textos de Propp, Condillac, Greimas e Courtés. Tal opção é proveniente da identificação da rede de influências mais próxima ao trabalho de Greimas, na qual Propp se destaca.

A redução promovida por Greimas (1973) das funções de Propp não obedeceu apenas ao fator quantitativo, o acasalamento de algumas das funções segue o princípio da equivalência e o da oposição, e não resulta em empobrecimento do inventário, mas sim na ampliação de seu caráter de generalização. Dentre as funções, a que mais se destaca, pela questão da diacronia, é a função 12 (*atribuição de uma prova*), e sua respectiva redução, visto que a discussão acerca da privação se deriva dela.

3.3.4 A função prova

Propp (1984a, p. 41) descreveu a décima segunda função da seguinte forma: “o herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque etc., que o preparam para receber um meio ou um auxiliar mágico”. Depois, o autor (PROPP, 1984a, pp. 41-43) criou especificações dos casos relacionados a essa função, exemplificando com o *corpus* analisado por ele em sua pesquisa.

As especificações são as seguintes: O doador submete o herói a uma prova; O doador saúda e interroga o herói; Um moribundo ou um morto pedem ao herói que lhes preste um serviço; Um prisioneiro pede ao herói que o liberte; O mesmo precedido de aprisionamento do doador; Alguém se dirige ao herói e lhe pede clemência; Pessoas que discutem pedem ao herói que reparta entre elas seu butim; Outros pedidos; Um ser hostil tenta aniquilar o herói; Um ser hostil luta com o herói; Mostra-se ao herói um objeto mágico e propõe-se-lhe uma troca.

Nesses casos, mais claramente em alguns que em outros, percebe-se que a privação (manifestada ou latente), seja de um objeto, seja da vida, é o que impulsiona o herói a seguir e, com ele, também segue a narrativa. De outro modo, mudanças e reviravoltas, com as quais a maioria das narrativas conta, não aconteceriam.

Greimas e Courtés (2008), interessados no papel que o conceito de prova poderia desempenhar no âmbito da teoria semiótica, o redefiniram e expuseram aspectos de sua constituição:

Do ponto de vista de sua organização interna, a prova é constituída pela concatenação de três enunciados que, no nível discursivo, podem exprimir-se como defrontação, dominação e consequência (aquisição ou privação): esse eixo de consecuições pode ser substituído pelo de pressuposições, o que faz aparecer uma espécie de lógica “às avessas” (a consequência pressupõe a dominação que, por sua vez, pressupõe a defrontação), de tal forma que, se numa narrativa-ocorrência só se apresenta manifestada a consequência, esta autoriza catalisar a prova no seu conjunto (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 395).

Essa redefinição partiu de Greimas (1973) e se sistematizou de uma melhor forma em Greimas e Courtés (2008). Na citação anterior, a ideia do enfrentamento (*defrontação*) se apresenta, essa noção é central na prova, contudo, é preciso frisar que ela já existia na concepção de Propp (1984a), e, manteve-se na semiótica, evidentemente, vinculada aos conceitos dessa área.

3.3.5 O(s) lugar(es) da privação

Se for observado em que item se inicia o inventário de Propp e o de Greimas, será percebido que não se trata da prova nem da privação, esse item é a *ausência*. Porém, normalmente, como Propp (1984a, p. 31) pontuou, o conto maravilhoso começa com uma “situação inicial”. Segundo o autor, nesse caso, pode haver a enumeração dos membros de

uma família ou, então, se apresenta o futuro herói pela referência a seu nome ou pela indicação de sua situação.

Para Propp, essa situação não se constitui como uma função, mesmo assim, ela não deixa de ser um elemento importante. O autor (1984a, p. 31) ainda afirma que, frequentemente, a situação inicial apresenta um quadro especial, em que se pode ver ressaltado o bem-estar e a prosperidade. Essa imagem do quadro representa bem o caráter estático da situação inicial.

A ideia de algo estático se aproxima bastante do que se entende por conformação. Essa condição não costuma, nos contos, constituir uma necessidade de aquisição ou busca, por isso, esse bem-estar serve basicamente para contrastar com o novo ambiente que advirá, condicionado por uma desgraça ou desventura, em outras palavras, esse ambiente ameno precedente torna mais perceptível quaisquer malefícios ou privações procedentes.

Paul Ricoeur publicou várias obras acerca da narrativa e se interessou pelos estudos de Greimas e Propp (1995). Seu estudo referente à obra de Propp destacou questões importantes, uma delas diz respeito ao malefício e à privação: “[o] número considerável das espécies do malefício (Propp conta dezenove!) sugere que seu alto grau de abstração deve-se menos à sua extensão genérica, mais vasta do que a das outras funções, do que à sua posição-chave na reviravolta da intriga” (RICOEUR, 1995, p. 64).

Ricoeur (1995) observou que as sete primeiras funções de Propp formam um subconjunto que introduz o malefício e seu par, a privação, o que irá proporcionar movimento ao conto. Ricoeur (1995, p. 64) comparou esse subconjunto ao que Aristóteles chamou de enlace (*désis*) da intriga, que possui como correlato o desenlace (*lusis*). Sobre o desenlace e seu correlato, é importante mencionar a própria concepção aristotélica relacionada ao desenvolvimento tragédia.

Para Aristóteles (1991), há em toda tragédia o enlace e o desenlace. O enlace se constitui de todos os casos presentes fora da ação e, muitas vezes, por outros que estão dentro da ação, todo o resto é o desenlace. O enlace é, então, toda a parte da tragédia desde o princípio até o momento em que se dá o passo para o êxito ou para o fracasso, dessa forma, resta a parte que vai do início da mudança até o fim, o desenlace.

No que diz respeito ao enlace, consideram-se as sete primeiras funções de Propp como a parte preparatória do conto, enquanto a intriga se ata no momento do malefício. Nessa qualidade, o malefício (ou a privação) constitui o pivô da intriga considerada como um todo, assim, é necessário destacar o apontamento de Ricoeur (1995, p. 64) “é notável Propp não propor termo genérico para designar o malefício e a privação”. Segundo o autor (1995, p. 64),

privação e malefício têm em comum o fato de darem lugar a uma busca, relacionados a ela, malefício e privação têm a mesma função: no primeiro caso, a ausência é criada de fora, no segundo, é reconhecida de dentro.

Ricoeur está de acordo com a ideia de que o malefício (ou a privação) é, à sua maneira, um começo. Afirma-se, então, que cabe à privação o lugar de finalização no eixo das consecuições da prova, ou seja, em uma narrativa a privação pode ser resultado, e afirma-se, também, que dela o desenrolar da narrativa se resulta. Não se trata de um paradoxo, o fato é que a privação pode ocupar mais de um lugar na narrativa. Assim, ela se apresentaria como princípio das determinações do herói que, ao se deparar com ela no início da narrativa, buscará supri-la, e, ao se deparar com ela no fim da narrativa, obterá um resultado negativo, já que a privação surge frequentemente nos contos em sua configuração disfórica.

É necessário frisar, como foi já colocado, que o tratamento dado à privação na *Semântica* é muito sucinto, e uma das passagens mais pertinentes para se pensar a privação, também, como integrante fundamental da sequência inicial da narrativa é a seguinte:

Vemos que se precisa o estatuto estrutural das seqüências inicial e final da narrativa, caracterizadas cada uma delas; por uma tríplice redundância de pares funcionais; trata-se na verdade de uma estrutura comum de comunicação (a de troca), que comporta a transmissão de um objeto: objeto-mensagem, objeto-vigor e objeto-bem; a seqüência inicial aparece como uma série redundante de privações sofridas pelo herói e pelos seus, ao passo que a seqüência final consiste numa série paralela de conquistas efetuadas pelo herói (GREIMAS, 1973, p. 262).

Como foi mencionado anteriormente, Greimas (1973, p. 273) considerou que a prova manifesta no discurso um modelo actancial que antropomorfiza as significações e se apresenta, por essa razão, como uma sucessão de comportamentos humanos ou para-humanos, portanto, é coerente que se conceba a privação do mesmo modo. Assim, a forma como Condillac (1979a, 1979b) conduziu a discussão sobre os conhecimentos e os hábitos humanos, vinculando-os à privação, é propícia para o assunto em foco.

Para Condillac (1979b), a privação de um objeto, que se julga necessário à felicidade do sujeito, provoca o mal-estar, a inquietude, chamada de carência, da qual nascem os desejos. Conforme as circunstâncias, as carências se repetem e, frequentemente, novas delas são formadas. Nesse contexto, se desenvolvem os conhecimentos e as faculdades dos seres

humanos. Para ele, foi John Locke³⁵ quem primeiro notou que a inquietude causada pela privação de um objeto é o princípio das determinações do ser humano.

Contudo, Condillac discordou de Locke quanto à ideia de que a inquietude nasce do desejo, segundo ele, ocorre precisamente o contrário. Para Condillac a inquietude é o primeiro princípio que dá aos indivíduos “os hábitos de tatear, ver, escutar, sentir, degustar, comparar, julgar, refletir, temer, desejar, amar, odiar, esperar, querer; numa palavra, que é por ela que nascem todos os hábitos da alma e do corpo” (CONDILLAC, 1979a, p. 47).

Ao discorrer sobre a questão da necessidade, Condillac (1979b) aprofundou na especificação da ideia de privação:

Ainda que, por sofrer, entenda-se experimentar uma sensação desagradável, é certo que a privação de uma sensação agradável é um sofrimento mais ou menos grave. Mas é preciso notar que ser privado e faltar não significam a mesma coisa. Pode-se nunca ter usufruído de coisas que estão ausentes, pode-se até não conhecê-las. Ocorre o contrário com as coisas das quais somos privados: não somente as conhecemos, mas temos o hábito de desfrutá-las, ou, pelo menos, imaginamos o prazer de desfrutá-las. Ora, uma semelhante privação é um sofrimento, que se denomina necessidade. Ter necessidade de uma coisa é sofrer porque se está privado dela (CONDILLAC, 1979b, p. 87-88).

A discussão acerca da necessidade conduz Condillac a argumentar sobre o desejo. Segundo o autor, a razão de a necessidade perturbar o repouso, de produzir a inquietude, se deve ao fato de ela determinar as faculdades do corpo e da alma sobre os objetos, dos quais a privação faz o indivíduo sofrer. Para Condillac, o indivíduo se lembra do prazer que determinadas coisas lhe proporcionam, sua reflexão mostra o que o prazer oriundo dessas coisas ainda lhe pode proporcionar, a imaginação intensamente o exagera e, dessa forma, para atingi-lo, o indivíduo não se recusa a lutar das mais variadas formas. Assim, todas as faculdades do indivíduo se dirigem sobre os objetos dos quais ele sente a necessidade, nisso consiste o desejo (CONDILLAC, 1979b, p. 88).

Greimas e Courtés (2008, p. 129-130) se posicionaram de forma semelhante diante desse assunto ao afirmarem que o desejo, no plano figurativo, pode ser expresso, por exemplo, pelo deslocamento para frente, ou seja, a busca do objeto-valor. Os autores lembram que a semiótica não nega a “realidade” do desejo, e o considera como uma das lexicalizações da modalidade do querer.

Condillac (1979b) concluiu que a palavra “desejo” só pode ser entendida como a direção das faculdades dos seres humanos sobre as coisas das quais se tem necessidade, em

³⁵ O aparecimento do nome de John Locke em meio a esta discussão não causa estranhamentos, visto que muitos estudiosos atribuem a ele a criação da semiótica.

resumo, é devido às necessidades e aos desejos, “o motivo de todas as nossas buscas”. Novamente, há uma afinidade de ideias entre Condillac, Greimas e Courtés, no que diz respeito ao termo busca. Para esses dois últimos autores (2008, p. 51), tal termo, considerado como figurativo em semiótica, designa a tensão entre o sujeito e o objeto-valor visado e, também, o respectivo deslocamento. Segundo eles (2008, p. 51), a busca corresponde a uma relação de disjunção entre sujeito e objeto.

Desde o início, é possível que se tenha percebido afinidades entre as ideias de privação e de disjunção, entretanto, não se deve confundi-las em razão de uma simples aproximação semântica. O conceito de disjunção, que se inscreve em mais de um nível de análise, é oriundo da categoria junção, definida no plano sintagmático como a relação entre sujeito e objeto. Já a privação se situa no nível figurativo, e se opõe paradigmaticamente à aquisição, representa, portanto, a transformação que propicia a disjunção entre o sujeito e o objeto a partir de sua conjunção anterior (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 384). Nesse sentido, a privação aproxima-se mais daquilo que Greimas e Courtés (2008, p. 149) denominaram, a partir do quadrado semiótico, de não-conjunção. A não-conjunção, diferente da disjunção (“não ter alguma coisa”), significa “não ter mais alguma coisa”. Isso faz retomar a diferença que Condillac promoveu entre falta e privação.

No conto “As moedas caídas do céu” (GRIMM; GRIMM, 1961) essa diferença se evidencia no trecho “Era uma vez uma pobre menina, cujos pais haviam morrido”. Conclui-se que o que há com a protagonista é uma privação, e isso já é exposto na situação inicial. Há privação porque se pressupõe que antes a menina vivia com os pais, é a partir do momento que ela é privada da família que se iniciam suas andanças e sua busca. Fica subentendido que antes da morte dos pais a menina desfrutava de um bem estar, pelo menos referente ao fato de não estar sozinha.

A ênfase na privação não pode conduzir à conclusão de que ela substitui todo o processo que compõe a prova, nesse sentido, a explicação de Greimas e Courtés é bastante esclarecedora:

A privação se situa no nível figurativo, a privação – que se opõe paradigmaticamente à aquisição – representa a transformação que estabelece a disjunção entre o sujeito e o objeto, a partir de sua conjunção anterior; será efetuada de modo transitivo (desposseção) ou reflexivo (renúncia). Inscrita no esquema narrativo, a privação é a forma negativa da consequência e pode por isso ser considerada como um dos componentes possíveis da figura discursiva que é a prova (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 384).

Mesmo que a privação não integre totalmente a extensão da prova, ela tem a capacidade de caracterizar determinadas espécies de narrativas. Fiorin (2008, p. 20-21), por exemplo, comentou sobre duas espécies de narrativas mínimas. Segundo o autor, essas espécies correspondem à privação e à liquidação da privação. Na primeira, há um estado inicial conjunto e um estado final disjunto. O exemplo Fiorin expôs é o da história do empobrecimento de uma família rica, no início da narrativa o sujeito estava em conjunção com a riqueza e no final estão em disjunção com ela. Ocorre exatamente o contrário na segunda espécie de narrativa mínima, nela há um estado inicial disjunto e um final conjunto (FIORIN, 2008, p. 20-21).

No conto mencionado anteriormente é possível perceber um paralelo com o que Fiorin expôs. Por inferência, pode-se afirmar que a menina inicialmente estava em estado de conjunção com a família e, depois, se encontra em estado de disjunção com ela. No conto, a liquidação da privação não se dá com a reconstrução da família, mas sim com uma oportunidade “compensatória”, que faz com que o estado inicial de disjunção com o objeto-valor riqueza se torne um estado de conjunção, graças às moedas de ouro caídas do céu: “Então, apanhou e recolheu nela as lindas moedas e ficou rica para o resto da vida” (GRIMM; GRIMM, 1961).

Como é possível perceber, a situação inicial rompe com o estático ao inserir a privação no andamento da narrativa. Pode ser que a privação não se manifeste (lexicalmente) em alguns textos, como foi o caso do conto mencionado, nesses textos é preciso catalisar e então inferir acerca da prova em seu conjunto, inclusive admitindo a privação inclusa como um começo, caso ela seja identificada nessas circunstâncias.

Quando se afirma que a privação pode ser considerada também como um começo na prova não se está dirigindo de forma oposta à disposição contrária que a apresenta como um desfecho. O que se buscou demonstrar é que a privação pode ter sua presença na narrativa em outras circunstâncias além da que se refere à consequência da prova. Isso, aliás, está latente no próprio texto de Greimas (1973).

Como se demonstrou, a privação, como conceito semântico que compõe a prova, possui lugar(es) específico(s) na teoria de acordo com o eixo adotado. Entretanto, a ideia mais ampla de privação, que ultrapassa sua expressão terminológica, cobre um enorme escopo, vinculando-se de forma direta e indireta a outros conceitos, inclusive a conceitos não pertencentes à semântica. Isso ocorre porque a privação, *lato sensu*, está longe de ser um conceito que se refira a uma condição exclusiva das personagens nos contos.

A condição daquele que se encontra impossibilitado de reaver o que estima é facilmente percebida como insuperável ao ser humano e, por consequência, ao herói. Pois, no primeiro, ela impulsiona as inclinações cotidianas (por exemplo, *trabalhar para não ser privado da subsistência*); e, no segundo, ela cria sua própria definição, pois, é difícil conceber um herói ao qual, antecipadamente, tudo seja concedido. Essa concessão total não se restringe apenas a uma pré-aquisição da riqueza ou da saúde, ela diz respeito à completa obstrução de todo o encaminhamento relacionado à busca.

Na *Semântica*, não é possível saber se Greimas já tinha a sua teoria dos actantes em mente antes de ter acesso aos trabalhos de Propp. O projeto de Propp era de fato muito distinto, no que tange aos objetivos, do trabalho do Greimas. Propp não tinha o intuito de elaborar uma teoria semântica ou semiótica, por essa razão, ele não se refere de maneira significativa às categorias sintáticas, as quais Greimas desenvolveu intensamente.

Os fatores sintáticos não encontrados em Propp foram então buscados na linguística, a partir da sintaxe estrutural de Tesnière, trata-se dos pares sujeito/objeto e destinador/destinatário que correspondem, nos textos, a substantivos. Contudo os outros dois actantes (adjuvante/oponente) são oriundos da morfologia dos contos.

Quanto à questão da análise textual, é evidente que ela foi discutida em um único gênero, o narrativo, isso possibilita questionar se o ponto de vista em outros gêneros seria diferente. A narrativa foi objeto de várias análises semióticas, foi sobre ela que Propp se centrou, contudo, não foi o único objeto dessa disciplina, também não é somente nela que a privação se apresenta. Isso é indubitável, pois, como se demonstrou, a amplitude da ideia de privação, de actante, de função, assim como de outros conceitos, podia criar uma imensa rede de relações o que possibilitaria expandir as ferramentas de descrição para outros gêneros.

3.3.6 O actante e a transformação como partes da *Semântica*

A parte da *Semântica* que corresponde ao estudo dos actantes e dos modelos de transformação, diferente da que se refere à isotopia, deixa muito claras as fontes consultadas por Greimas para elaborar suas ideias. As citações são mais frequentes e se consegue obter com mais segurança o clima de opinião da época relacionado ao assunto tratado.

Tesnière, Souriau e Propp foram mencionados mais de uma vez, e a relação entre as obras dos três autores pode ser definida através do aspecto sintático que mantém fortes vínculos com a ideia de gramática. No primeiro autor isso é mais evidente, nos outros dois Greimas teve que se esforçar um pouco mais para que esse aspecto fosse sobressaísse.

É importante frisar que o emprego da palavra gramática não é recente, assim como não o é o de sintaxe, seu uso foi bastante amplo ao longo da história, o que contribuiu com a diversificação das noções a ela atribuídas. É interessante lembrar que durante um bom tempo esse termo denominou quase todo o estudo referente à língua.

São provas da heterogeneidade do termo os vários especificadores agregados a ele: descritiva, histórica, normativa, tradicional, gerativa, universal ou semiótica. Basta conhecer mais de um desses casos para saber que a acepção de gramática varia bastante de um âmbito para outro. O denominador comum nesses campos é, em geral, a compreensão de gramática como a descrição dos modos de existência e de funcionamento de uma língua natural ou, de forma mais ampla, de qualquer semiótica.

Na condição de uma gramática que explica o arranjo das palavras em frases, ter-se-ão dois domínios: a sintaxe, que focaliza o estudo da ordem dos termos na frase, e a morfologia, que se ocupa do estudo das palavras e de suas classes. Já na condição de uma gramática, vinculada aos modos de existência e de funcionamento de uma semiótica, o conceito varia.

No projeto semiótico de Greimas, a gramática semiótica corresponde às estruturas sêmió-narrativas que tem como componentes, no nível profundo, uma sintaxe fundamental e uma semântica fundamental, e, correlativamente, no nível de superfície, uma sintaxe narrativa e uma semântica narrativa. Sintaxe e semântica, nesse sentido, não são mais consideradas como diferentes disciplinas de uma ciência, e sim, como componentes de uma teoria, a semiótica.

Na *Semântica*, o nível fundamental e narrativo são os que parecem mais bem esboçados, ainda que o quadrado semiótico venha a ser exibido posteriormente, tanto no que diz respeito ao aspecto sintático quanto ao semântico. Para se ter ideia disso vale demonstrar, através de um exemplo, o que, na semiótica de Greimas, veio a se chamar de semântica fundamental. Para isso analisa-se o poema “O laço de fita” de Castro Alves (1998) em seu nível fundamental.

O Laço de Fita

Não sabes crianças? 'Stou louco de amores...
 Prendi meus afetos, formosa Pepita.
 Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!
 Não rias, prendi-me
 Num laço de fita.
 Na selva sombria de tuas madeixas,
 Nos negros cabelos da moça bonita,
 Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
 Formoso enroscava-se
 O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
 Qual pássaro bravo, que os ares agita,
 Eu vi de repente cativo, submisso
 Rolar prisioneiro
 Num laço de fita.

E agora enleada na tênue cadeia
 Debalde minh'alma se embate, se irrita...
 O braço, que rompe cadeias de ferro,
 Não quebra teus elos,
 Ó laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala,
 Os astros se libram na plaga infinita.
 Os anjos repousam nas penas brilhantes...
 Mas tu... tens por asas
 Um laço de fita.

Há pouco voavas na célere valsa,
 Na valsa que anseia, que estua e palpita.
 Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...
 Beijava-te apenas...
 Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
 N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
 Talvez da cadeia libertes as tranças
 Mas eu... fico preso
 No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
 Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
 Ao menos arranca meus louros da frente,
 E dá-me por c'roa...
 Teu laço de fita.

O nível profundo é o ponto de partida do percurso gerativo do sentido, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Segue esse fluxo, respectivamente, através de seus três patamares: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. Cada um deles pode ser descrito e explicado de forma autônoma, ainda que o sentido integral do texto dependa de suas relações recíprocas. Dessa forma, quando se opta por focalizar o nível fundamental, pensa-se em abordar o âmbito em que surge a significação como uma oposição semântica mínima, tal como disposto na estrutura elementar.

No poema analisado são encontrados, de um lado, os lexemas: laço, serpente, enlaça, cativo, submisso, enleada, cadeia, ferro, elos, alcova, tranças; e de outro: luzes, festa, ares, agita, rompe, quebra, falenas, asas, astros, plaga, infinita, anjos, despindo, voavas, célere. A clara oposição percebida, através desses lexemas, em todo o poema, tornou possível, no nível das estruturas fundamentais, determinar uma oposição semântica mínima, a partir da qual o sentido do texto é construído.

A categoria semântica fundamental encontrada é a seguinte: liberdade vs. dominação. A liberdade é disfórica e a dominação é eufórica, ou seja, a primeira se constitui como algo,

proposto no texto, como negativo, e a última como algo positivo. Isso pode ser constatado nos versos: “Meu ser, que voava nas luzes da festa,/ Qual pássaro bravo, que os ares agita,/ Eu vi de repente cativo, submisso/ Rolar prisioneiro/ Num laço de fita”. A saudosa situação que o enunciador menciona, comparada à rotina dos pássaros, não existe mais devido ao laço de fita que o torna cativo.

Essa passagem se dá, paradoxalmente, de forma agradável ao enunciador, pois, a situação que o laço de fita criou o beneficia, já que estar apaixonado é algo positivo para ele. “O laço de fita” tem, assim, como conteúdo fundamental, a negação da liberdade inócua e a afirmação da dominação que se dá através da paixão, ainda que o próprio enunciador expresse um caráter descontente com a situação em que se envolvera. Em outras palavras, a euforia é a prisão pelo laço de fita e a disforia é ficar solto, sem o enlace.

Prova disso é a conveniente conformação, expressa nos versos (“Pois bem! Quando um dia na sombra do vale/ Abrirem-me a cova... formosa Pepita!/ Ao menos arranca meus louros da frente,/ E dá-me por c'roa.../ Teu laço de fita”), que não se dá por acaso, ela é bastante representativa do momento em que o poema foi escrito. Como se sabe, no Romantismo, os amores ideais, irrealizados ou impossíveis são louváveis, e a morte é o meio de resolução dos embates e dilemas complexos.

Como se pôde perceber, mesmo que aquilo apresentado na semântica fundamental tenha um caráter mais abstrato, ele já indica a possível problemática contida no poema. Assim como não foi aleatória a inclinação à dominação e à solução a partir da morte, não é aleatória a alegoria da fita, que não aparece como um simples adorno, mas sim como algo que amarra e domina.

Elementos com essa função são constantes na poesia de Castro Alves quando ele também trata do escravismo. Implicitamente, há, então, uma espécie de mescla contextual que enfatiza o amor vassalo de “O laço de fita”, isso é mais evidente nos versos: “E agora enleada na tênue cadeia/ Debalde minh'alma se embate, se irrita.../ O braço, que rompe cadeias de ferro,/ Não quebra teus elos,/ Ó laço de fita!”.

Tais questões vão ser mais bem evidenciadas nos patamares narrativo e discursivo do percurso gerativo do sentido. Isso permite outra análise com esse foco, todavia, percebe-se que o nível fundamental, ainda que menos concreto, tangencia os níveis superiores e, mesmo sem eles, revela os traços mais permanentes da significação do texto ao se encontrar não em sua superfície, mas em sua profundidade.

O interessante nisso tudo é perceber como a articulação binária discutida por Greimas, quando trata da estrutura elementar, ganha nova roupagem ao ser direcionada ao

texto. Além disso, há outro fato interessante referente à junção do cabedal teórico oriundo de Saussure e Jakobson com os conceitos de actante e transformação. Pois, se para a semântica fundamental basta o engendramento da oposição mínima, para a sintaxe narrativa há especificamente a necessidade de obter um caráter antropomorfo e, nesse aspecto, as ideias tanto de Souriau quanto de Propp contribuíram bastante com a *Semântica*.

A semântica narrativa é, no percurso gerativo, a instância de atualização dos valores, ou seja, a passagem do sistema ao processo³⁶, enquanto que a sintaxe narrativa é entendida como o simulacro do fazer do homem que modifica a si mesmo e o ambiente que habita. A sintaxe tem, embutido em seu próprio conceito, itens valiosíssimos para o projeto de Greimas, é importante recordar que essa área da gramática/linguística privilegia as suas relações de concordância, de ordem e subordinação.

Esses pontos não são importantes apenas para o nível frasal, mas também para o texto como um todo. Conceitos como sujeito, verbo e objeto sintetizam questões muitas amplas como a do *ser* e do *fazer* etc., que podem permear desde uma frase simples até a mais complexa narrativa. Essa é uma constatação que alguns linguistas tiveram e incluíram em suas concepções sobre o assunto.

Um dos linguistas consultados, através de leituras, por Greimas para discorrer sobre o assunto em questão foi Tesnière, conhecido como um dos expoentes da sintaxe estrutural, que já estava bem fundamentada antes da publicação da *Semântica*. Alguns dos pressupostos desse autor, relativos à frase, eram compatíveis com as ideias que Greimas desenvolveria acerca da narrativa. É interessante notar que Tesnière é o único, dos três autores mencionados, que era propriamente um linguista, e sua aproximação aos outros dois serve, indiretamente, para demonstrar que existem muitas semelhanças entre o modelo da frase, do teatro e do conto.

Desses, o primeiro é o mais compacto. Na história da humanidade, não se sabe se a força por ele exercida tinha um sentido centrífugo ou centrípeto, ou seja, não é possível afirmar categoricamente se frase, para além de si, serviu de modelo para as organizações e manifestações culturais (mitos, literatura etc.) ou se foram tais manifestações que ofereceram formas que as estruturais frasais trouxeram para dentro de si, nas diferentes línguas, para ganharem os formatos que hoje apresentam.

A maneira mais direta de colocar essa questão é dizer: a língua determina a cultura ou a cultura determina a língua? Tal pergunta é bastante antiga e de difícil consenso quanto às

³⁶ A língua, por exemplo, é um sistema que se atualiza na fala (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 46).

respostas, se for pensada em referência a origem das línguas, porém, a constatação das analogias entre os modelos é patente, e a aproximação que Greimas fez deles merece ser enaltecida.

O fato que justifica Greimas ter justamente escolhido Tesnière, para auxiliá-lo nessa proposição, parece ter sido o apresentado na *Semântica*, ou seja, a concepção desse último de que a frase é um espetáculo. É preciso aceitar que a ideia de espetáculo é bastante ampla e coloca os integrantes da frase em uma condição muito menos estática, o que aproxima tal concepção das outras duas que pensavam esses elementos como forças e personagens.

Sabe-se muito bem das diferenças entre os objetivos de cada um dos três autores, do mesmo modo, tem-se a consciência de que suas concepções não tinham a mínima obrigação de se conciliarem. Quem fez isso foi Greimas, a partir do seu próprio objetivo e de seu recorte, ou seja, ele uniu o que precisava unir para desenvolver seu método de análise da narrativa, aquilo que de alguma forma não fosse pertinente ao seu intuito não integrou, evidentemente, sua *Semântica*.

Seria um exagero afirmar que, em razão de ter citado Tesnière na discussão sobre os actantes, tal questão possuiria um caráter puramente linguístico. Esse autor tem o mérito de elaborar o conceito de actante, mas a sua especialidade não define o âmbito da discussão. Após Greimas ter optado por tal conceito, o debate passa a girar em torno de Souriau e Propp, principalmente, desse último.

Não existem dúvidas sobre a extrema importância do trabalho de Propp para a *Semântica*. Nessa obra, os modelos de transformação, assim como os actantes, são discutidos em inteira conexão com as ideias do folclorista russo, respectivamente, com o exame das funções e com o estudo das personagens.

Contudo, se fosse necessário apontar qual é o fator mais relevante da relação entre o trabalho de Propp e Greimas, poder-se-ia dizer que o primeiro, através da análise dos contos maravilhosos, demonstrou para Greimas a possibilidade de se depreender um conjunto finito de conceitos para se estudar um número infinito de narrativas. Isso quer dizer que as narrativas, ainda que singulares, podem ser analisadas por meio de um mesmo método.

As semelhanças entre o modelo de ambos parecem bastante evidentes, cumpre então apontar as diferenças entre eles. Fiorin (1995, p. 78) pontuou que Greimas deu uma dimensão paradigmática e polêmica (defrontação) à narrativa, ao estabelecer as relações entre sujeitos e objetos como relações de conjunção e de disjunção, isso não estava presente na teoria de Propp. A dimensão paradigmática busca tratar da significação da narrativa de uma maneira

acrônica, enquanto a dimensão polêmica determina a constante defrontação relativa ao sujeito, ou seja, para esse último há sempre um anti-sujeito manifestado ou latente.

De acordo com Fiorin (1995, p. 78), Greimas criou um modelo de narratividade perfeitamente acrônico ao mostrar que as unidades sintáticas da narrativa, em seus diferentes níveis hierárquicos, articulam-se por relações de implicação lógica. Pode surgir, então, a pergunta de onde residirá a temporalização, já que qualquer narrativa conta com esse aspecto. Ela se encontra em um nível mais superficial do percurso gerativo, que na *Semântica* foi apenas esboçado, mas que nos trabalhos posteriores de Greimas e seus seguidores veio a ser mais bem desenvolvido. Na obra supracitada, a ênfase recai sobre a sintaxe narrativa:

Com isso, cria-se uma verdadeira sintaxe da narrativa, pois, além de as unidades serem definidas por relações do tipo *e...e*, são também definíveis por relações de seleção e solidariedade que mantêm entre si, e por relações hipotáticas que as ligam à unidade superior a elas. Assim, o modelo narrativo não indica apenas a sucessividade de unidades co-presentes, mas cria uma sintagmática em sentido estrito. Enfim, ao mostrar que o sujeito do fazer necessita de uma competência para ação, Greimas estabelece as modalizações do fazer; ao distinguir um fazer pragmático e um cognitivo, revela que as operações do conhecimento (persuasão e interpretação) são submetidas às mesmas regras de transformação que as ações pragmáticas e, por conseguinte, desenvolve toda uma análise das modalidades veridictórias; ao demonstrar que a relação que o sujeito de estado mantém com o objeto é variável, abre caminho para o estudo das paixões (1995, p. 78).

Fiorin (1995, p. 79) concluiu que com essas modificações, nas quais se operou inclusões e exclusões, o modelo narrativo passou a ser mais geral e se tornou aplicável não apenas aos contos populares, ou quaisquer outros gêneros considerados menos complexos, mas também a outros tipos de narrativas como, por exemplo, as que lidam com a veridicção (*Dom Casmurro* etc.) entre outras.

A primazia atribuída à narrativa não limita as possibilidades de aplicação da teoria semiótica, pois “[t]odos os textos, mesmo os que a crítica considera mais sutis em suas modulações, bem como as práticas significantes em geral, sejam elas verbais ou não verbais, contêm o modelo de narratividade” (1995, p. 79).

Greimas, ao postular um modelo de transformação, fez surgir diante de si o problema da generalidade do modelo, que necessitaria dar conta das transformações diacrônicas das estruturas de significação. Esse não é um problema dos mais simples, portanto, Greimas tinha consciência de que, naquele momento, qualquer conclusão seria prematura.

O modelo transformacional, que Greimas acreditava ter demonstrado apenas as primeiras articulações possíveis, só podia ser apresentado como uma hipótese a ser aplicada à descrição das manifestações figurativas, literárias ou com características afins. A prova, por

exemplo, é um modelo figurativo de transformação, e Greimas afirmou que a sua tradução em linguagem semântica estava longe de ser concluída.

CAPÍTULO 4: A ORDEM SINTAGMÁTICA

4.1 O conceito de isotopia

O conceito de isotopia é um dos mais discutidos e fecundos dentre os assuntos abordados por Greimas na *Semântica*. Diferente de outros termos, que não aparecem em obras subsequentes, esse conceito reapareceu várias vezes nos escritos desse autor, inclusive no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 275-278).

A pluralidade de definições para texto, tanto em linguística, quanto em literatura, semiótica ou filosofia, é responsável por gerar dificuldades de aplicação de conceitos de interpretação, nessa ordem de dificuldade coloca-se a noção de isotopia. Mesmo advertidos quanto a essa dificuldade, os estudiosos dessas áreas não conseguiram silenciar a pergunta: o que é texto? É evidente que se espera como resposta algo mais do que “um conjunto de frases escritas que possua um significado”.

Parece que, de alguma forma, essa dificuldade se transferiu também aos conceitos que poderiam ajudar a entendê-lo e explicá-lo. O conceito de isotopia é um desses e, para além da problemática de sua definição, ainda existe a questão de entendê-lo como um plano ou uma grade de leitura. É importante que se conceba a disposição para a leitura como plano, e o fechamento em uma leitura como grade. Isso é pertinente, pois repercute na forma como os estudiosos o tratam, já que é difícil, atualmente, que um conceito que expresse fechamento, quanto à atividade de leitura, tenha uma boa recepção.

O termo isotopia possui um amplo emprego, é encontrado em diferentes ciências e disciplinas, foi tomado pela análise semântica do domínio da física e da química³⁷, sendo conferida a ele uma significação específica nessa área. O conceito de isotopia, caracteristicamente operatório, inicialmente, designou a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas que garantem a homogeneidade ao enunciado.

Na continuidade do conceito de isotopia, evidencia-se a fase presente na *Semântica*, em que Greimas buscou explicá-la através das categorias classemáticas:

É pois, recorrendo às categorias classemáticas, quaisquer que sejam elas, - e não necessariamente às categorias morfológicas - e, considerando, inicialmente, essas variações das isotopias que não se encontram fechadas nas fronteiras sintáticas, que estaremos em condições de avaliar as dificuldades que encontramos e as soluções que podemos considerar para dar conta da existência das isotopias amplas (GREIMAS, 1973, p. 94).

³⁷ Na Física, isótopo é o termo que designa elementos que têm o mesmo número atômico, mas que possuem massas diferentes.

Nessa mesma obra, Greimas expôs que a redundância gramatical que, tradicionalmente, é denominada de concordância gramatical (Ex: As árvores ficaram mais belas), apresenta-se como um modelo em que se têm exemplos para compreender o conceito de isotopia semântica. Porém, as categorias morfológicas constituem, do ponto de vista do plano de conteúdo, apenas um grupo limitado de classemas, por isso, não é nelas, mas sim nas categorias classemáticas que se deve recorrer, se o intuito é dar conta das isotopias amplas, ou seja, das isotopias que não estejam, simplesmente, circunscritas às fronteiras sintáticas.

O que se percebe é que Greimas, com o conceito de isotopia, visou à pesquisa de objetos mais amplos, no mínimo, superiores à frase. Na *Semântica*, ao elucidar questões relativas ao conceito, analisa uma história bastante sucinta e cômica, uma espécie de anedota, que comporta uma apresentação que prepara a história, estabelecendo uma primeira isotopia, “É uma brilhante noitada [...]” (1973, p. 95), e um diálogo em que se dramatiza a história, em que se opõe, à primeira, uma segunda isotopia. Ambas as isotopias têm como vínculo um “termo conector” comum, que em casos mais simples pode se tratar de jogos de palavras ou palavras ambíguas. No caso dessa anedota o termo conector é *toilettes*, que recobre dois sememas distintos. Assim, o efeito humorístico se estabelece e, no diálogo, quando um conviva comenta “[...] jolies toilettes, hein?” (belos vestidos/banheiros, hein?) (1973, p. 94), referindo-se a algo que não se tratava de banheiro, e o outro que o escutou responde “Non, jê n’y suis pás allé!” (Não, eu não fui lá!).

Um exemplo relevante de que a reiteração gramatical por si só não garantem a isotopia é o seguinte trecho:

A queda (bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohooordenenthurnuk!) dum dantanho wallstreetado velhonário é recontada cedo no leito, depois sabe viva no conceito ao longo de toda a cristã menestrelidade. A grande quedadesdeo altomuro recortou em curtolance a pftjqueda de Finnegan, varão outrora mais q'estável, que a humptymontesta lá dele prumptamente desvestiga quem lhe diga no Ocidente o acidente de seus tumptytumdedos: e seu parcoespaçoepouso é na porta do parque, lugar de arranjos de oranges mofados sobre o verde desde que Diadublin um diamour Livvydinha (JOYCE, 2004, p. 03)³⁸.

³⁸ The fall (bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohooordenenthurnuk!) of a once wallstrait oldparr is retaled early in bed and later on life down through all christian minstrelsy. The great fall of the offwall entailed at such short notice the pftjschute of Finnegan, erse solid man, that the humptyhillhead of humself prumptly sends an unquiring one well to the west in quest of his tumptytumtoes: and their upturnpikepointandplace is at the knock out in the park where oranges have been laid to rust upon the green since devlinsfirst loved livvy (JOYCE, 2004, p. 03).

A linguagem perdeu boa parte da reiteração sintagmática e constituiu-se de signos polissêmicos direcionadores e fundadores de várias significações. O leitor pode ater-se a uma ou mais delas, graças à ordenação dos elementos numa forma que irá garanti-las. Schüller (2004, p. 89), em nota, interpreta da seguinte forma o trecho supracitado: “Mais um passo e caímos. [...] O estrondo repercute no alfabeto, na Babel das línguas. O estrondo provoca estrondos, vibra nos ruídos, mesmo nos bem tênues. A queda é, na verdade, um avanço. Caímos... mas para dentro da história”.

Sabe-se que Schüller é um estudioso das obras de Joyce, portanto, a significação selecionada por ele leva em conta o fato de que a expressão de Joyce, no trecho, toma o caráter, de maneira isomórfica, do investimento semântico do conteúdo que transporta. Nesse caso, o que parece entrar em ação, para a constituição da significação, são processos cognitivos semi-simbólicos, que extrapolam a isotopia de ordem gramatical, parecendo coincidir mais com o que Greimas denominou de isotopias amplas.

François Rastier, na linha de Greimas, colaborou com o desenvolvimento do conceito de isotopia alguns anos depois da publicação da *Semântica*:

É chamada de isotopia toda iteração de uma unidade linguística. A isotopia elementar, portanto, compreende duas unidades da manifestação linguística; quer dizer, o número de unidades constitutivas de uma isotopia é teoricamente indefinido. [...] Uma isotopia é uma definição sintagmática, mas não sintática: ela não é estruturada; em outras palavras, este é um conjunto não ordenado. Uma isotopia pode ser feita em uma sequência linguística de uma dimensão inferior, igual ou superior àquela da frase (RASTIER, 1972, p. 82-83; *passim*; tradução nossa)³⁹.

É importante frisar que, da mesma forma que Greimas, Rastier expôs que a isotopia não se circunscreve apenas a um nível da hierarquia linguística, ela pode estabelecer-se em sequências inferiores ou superiores à frase e surgir em diferentes níveis de um texto. Por exemplo, no nível fonológico, como pontua Rastier (1972, p. 83), ela pode surgir através da assonância, da aliteração, da rima etc., e, no nível sintático, através da redundância de marcas.

Há, ainda, uma qualificação das isotopias que corresponde às isotopias figurativas, que surgem da redundância das figuras, e às isotopias temáticas, que são as que surgem da reiteração dos temas. As figuras são os termos que apontam para os elementos presentes

³⁹ On appelle isotopie toute itération d'une unité linguistique. L'isotopie élémentaire comprend donc deux unités de la manifestation linguistique; cela dit, le nombre des unités constitutives d'une isotopie est théoriquement indéfini. [...] Une isotopie a une définition syntagmatique, mais non syntaxique: elle n'est pas structurée; en d'autres termes, il s'agit d'un ensemble non ordonné. Une isotopie peut être établie dans une séquence linguistique d'une dimension inférieure, égale ou supérieure à celle de la phrase (RASTIER, 1972, p. 82-83).

(efetivamente/concretamente) no mundo natural: caneta, papel, escrever. Já os temas são as categorias que organizam esses elementos: dom, inteligência, talento.

A isotopia é da ordem da permanência, sendo responsável pela coerência semântica do texto, sem, com isso, impedir a transformação dos elementos de significação, é graças a ela que essas transformações são evidenciadas. Esse é um ponto de vista que ressalta o aspecto mais flexível da noção de isotopia; outros, porém, podem enfatizar a questão reguladora que a isotopia impõe, referente ao fato de que toda a leitura de um texto está inscrita nele em número finito, através de uma ou mais isotopias. Essa perspectiva inviabilizaria a infinitude das interpretações, em outras palavras, impediria a liberdade do leitor de atribuir o sentido que desejar ao texto.

A questão central é saber se a isotopia configura-se como plano ou como grade de leitura, pois o que ela constitui dá margem a ambas as interpretações:

Do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui uma grade de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que permite eliminar as ambiguidades. [...] Vamos acrescentar que para um dado texto, não parece que o número de interpretações possíveis seja infinito: ele está simplesmente vinculado à natureza polissemêmica dos lexemas cujas potencialidades de exploração são em número finito (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 199)⁴⁰.

O termo *grille*, em português, pode ter, entre outros, o significado de grelha ou de grade (cf. BURTIN-VINHOLES, 1956, p. 331). O substantivo *grade* está vinculado à ideia de fechamento, afunilamento e peneiramento. Então, o *grille* determina a leitura que o enunciatário pode realizar. Dessa forma, o termo se opõe à interpretação plural do texto, isso está sujeito a duras críticas, pois, com frequência, se ouve dizer que o texto é aberto e que, assim, qualquer interpretação acerca dele é válida. Porém, em ambos os extremos é preciso fazer ressalvas, “Quando se diz que um texto está aberto para várias leituras, isso significa que ele admite mais de uma e não toda e qualquer leitura” (FIORIN, 2006, p. 112).

Na discussão acerca desse aspecto do texto, é preciso lembrar a noção de obra aberta, o que faz recorrer ao trabalho de Umberto Eco, pois, muitas vezes, é amparado nessa noção que se defende a infinitude de interpretações, e, ele próprio, em obra posterior à *Obra aberta*, fez ressalvas a essa defesa.

⁴⁰ Du point de vue de l'énonciataire, l'isotopie constitue une grille de lecture qui rend homogène la surface du texte, puisqu'elle permet de lever les ambiguïtés. [...] Ajoutons enfin que, pour un texte donné, il ne semble pas que le nombre des lectures possibles soit infini: il est simplement lié au caractère polysémémique des lexèmes dont les virtualités d'exploitation sont en nombre fini (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 199).

Segundo Eco (1993, p. 27-28), quando, em 1962, escreveu a *Obra aberta*, livro em que defendia o papel ativo do intérprete na leitura de textos que continham valor estético, seus leitores concederam extrema primazia para o “lado aberto” da questão. Em contrapartida, concederam pouco apreço ao fato de que a leitura aberta que Eco defendia tratava-se de uma atividade que uma obra provocava com relação a sua interpretação. Quer dizer, Eco estava pensando principalmente na dialética referente tanto aos direitos dos textos quanto aos dos intérpretes.

O autor ainda expôs que em seus escritos mais recentes foi elaborada a ideia peirceana da semiótica ilimitada. Em sua apresentação, no *Congresso Internacional Peirce*, na Universidade de Harvard (setembro de 1989), procurou mostrar que essa semiótica ilimitada não leva à conclusão de que a interpretação não tem critérios.

Eco (1993) ainda complementou que, quando se diz que a interpretação é potencialmente ilimitada, não se está dizendo que a interpretação não tenha objeto e que possa fluir de forma autônoma. Ou seja, ao afirmar que um texto virtualmente (ou potencialmente) não tem fim, não significa dizer que todo ato de interpretação possa ter êxito. Pois, como expôs Eco (1993), além da intenção do intérprete e da intenção do autor, ambas de difícil apreensão, existe a intenção do texto que, na comparação com as outras intenções, se apresenta como a mais palpável, portanto, mais sujeita a exame. Eco (1993, p. 93) resumiu: “[e]ntre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor está a intenção transparente do texto, que invalida uma interpretação insustentável”.

4.1.1 O conceito de isotopia na análise de textos

A discussão acerca da compreensão e da aplicação, promovida por pesquisadores⁴¹, do conceito isotopia, pode ser iniciada com o texto de Fiorin⁴² (2008), especificamente, com a parte intitulada “Dos planos de leitura metafóricos e metonímicos dos textos pluriisotópicos”.

⁴¹ É importante frisar que vários autores discutiram e difundiram as ideias de Greimas no Brasil. Sabe-se que “Greimas começou a ser estudado no Brasil por volta de 1970, quando estava em voga a análise estruturalista com base na escola francesa dedicada então aos problemas do signo; As escolas de Comunicação estavam tomando impulso no país. No eixo Rio-São Paulo deu-se mais atenção a Greimas, e as diversas visitas do autor incrementaram o entusiasmo por esses estudos. O interesse que suscitou foi devido ao modelo por ele criado; era palpável, no sentido de não se tratar apenas de uma teoria, mas de um modelo de análise prática do discurso. Este foi simplificado pelos brasileiros, sendo os actantes e os sistemas de valores muitas vezes somente transpostos e não aplicados para transformar o texto, revelando seu verdadeiro significado. Greimas deu origem a uma série de publicações e inclusive a uma revista *Significação*; do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, fundado em julho de 1973, em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo e publicada com apoio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá” (RECTOR, 1978, p. 123).

⁴² José Luiz Fiorin é um importante pesquisador da Linguística brasileira contemporânea e, também, um dos maiores conhecedores da obra de Greimas no Brasil (cf. SAMPAIO, s/d).

Fiorin tratou dos textos chamados pluriisotópicos, que são aqueles que permitem várias leituras, lembrando que todas essas leituras estão inscritas no texto como possibilidades.

Ele explicou que a razão disso é o fato de que, neles, os mesmos elementos possibilitam mais de uma interpretação, o que dependerá do plano de leitura em que forem analisados, e as variações nessas diferentes leituras ainda podem relacionar-se metafórica ou metonimicamente.

Com o intuito de elucidar o assunto, Fiorin (2008, p. 84) tomou como exemplo o seguinte trecho do poema “Alguns toureiros”, de João Cabral de Melo Neto.

Mas eu vi Manuel Rodriguez,
 Manolete, o mais deserto,
 o toureiro mais agudo,
 mais mineral e desperto,
 o de nervos de madeira,
 de punhos secos de fibra,
 o de figura de lenha,
 lenha seca da caatinga,
 o que melhor calculava
 o fluido aceiro da vida,
 o que com mais precisão
 roçava a morte em sua fímbria,
 o que à tragédia deu número,
 à vertigem, geometria,
 decimais à emoção
 e ao susto, peso e medida,
 sim, eu vi Manuel Rodrigues
 Manolete, o mais asceta,
 não só cultivar sua flor
 mas demonstrar aos poetas:
 como domar a explosão
 com mão serena e contida,
 sem deixar que se derrame
 a flor que traz escondida,
 e como, então, trabalhá-la
 com mão certa, pouca e extrema:
 sem perfumar sua flor,
 sem poetizar seu poema.

Fiorin (2008), em sua interpretação, enfatizou a condição do poeta, aquele que fala no texto sobre alguns toureiros que conheceu, frisando a figura de Manolete. Na primeira estrofe do trecho, Fiorin pontua que essa personagem recebe qualificações relativas à mineral. Já, na segunda, ela ganha qualificações referentes à vegetal. Ambas as qualificações referem-se ao interior e ao exterior de Manolete, e são coincidentes no que diz respeito à agudeza, a secura, e à contenção. As ações de Manolete, figurativizadas por termos da matemática, expõem a fragilidade da vida. Nos versos seguintes, é dito que Manolete cultivava sua flor secamente, a flor deve ser interpretada como emoção a ser contida, para então ser trabalhada.

A isotopia relativa à vida de um toureiro está muito bem estabelecida, mas o que dizer de “sem poetizar seu poema” e “lenha seca da caatinga”, que parecem não se integrarem àquela isotopia. Como Fiorin (2008) esclareceu, esse primeiro verso guia a outra leitura, referente ao fazer poético. Nela, o poeta deve ser seco, contido e agudo perante sua poética. Já, o segundo, leva a uma leitura social referente ao nordestino que, vivendo em condições extremas, torna-se seco e contido devido à adequação às circunstâncias existentes. Percebe-se que determinados termos (agudo, desperto, asceta, contida etc.) permitem essas interpretações por denotarem características referentes ao toureiro, ao poeta e ao nordestino.

Na conclusão de Fiorin (2008, p. 86), se definiu então que: “[e]sse texto admite, pelo menos, três leituras: a do tourear, a do poetar e a do viver no Nordeste brasileiro. Essas leituras relacionam-se metaforicamente, pois há uma intersecção de sentido entre elas: a contenção das emoções”.

Outro texto que trata do assunto é o de Diana Barros (2002), em que a autora seleciona, para exemplificar a conexão de isotopias, o lexema “discurso” no poema “Rios sem discurso” de João Cabral de Melo Neto:

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Segundo a análise da autora (BARROS, 2002), o lexema discurso é responsável por conectar as duas isotopias figurativas: a da água, não a estancada, mas a do curso do rio, e a

da palavra, não a guardada, mas a no discurso. Na isotopia da água, têm-se os rios do Nordeste, em combate com a seca. Na leitura da palavra, encontra-se o fazer discursivo.

Os traços figurativos, segundo Barros (2002), são responsáveis por assegurar, em ambas as leituras, ainda que variando de volume nelas, as oposições de: “continuidade (correr, discorrer, fio) vs. descontinuidade (corta-se o discurso-rio, a água se quebra, em pedaços, água estancada, cortou-se a sintaxe) [...] som (voz, comunica, grandiloquência) vs. silêncio (muda)” (BARROS, 2002, pp. 127-128).

Segundo Barros (2002), cada uma dessas isotopias figurativas vincula-se a pelo menos uma isotopia temática: a água recobre o tema da produção da vida, e a palavra investe o tema da criação operada pelo homem, no mesmo fazer ininterrupto e diligente. Metáforas se originam das relações instauradas entre a água-vida e a palavra-criação. Tem-se, no último verso, um exemplo de elemento desencadeador de isotopia, o lexema combate, que faz emergir mais um par de isotopias temáticas e figurativas, responsável por desencadear a isotopia figurativa de luta relacionada com questões sócio-econômicas e políticas.

A autora (BARROS, 2002) concluiu que, desse modo, relê-se o “discurso” em uma isotopia que vai englobar as outras. Esse é um ponto interessante para pensar a isotopia, pois, ao mesmo tempo em que se percebe que os modos de leitura apontam para seus respectivos rumos, há um modo que une todas essas isotopias, que só a princípio são diferentes.

Outra pesquisadora que utilizou o conceito de isotopia é Glauca Lara (s/d), que analisa o seguinte texto de Ítalo Calvino, presente na obra *Cidades invisíveis*:

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira onde as brigas de galo se degeneram em lutas sangüinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.

Há nesse texto, segundo Lara (s/d), uma isotopia maior, denominada de isotopia existencial, que transpassa dois percursos figurativos opostos, referentes à juventude e à velhice. A juventude é tematizada por: competência para o trabalho; sensualidade; energia/irresponsabilidade. Esses itens se articulam, respectivamente, às figuras: dos violinos e binóculos fabricados à perfeição; das três mulheres para um só estrangeiro; das brigas de galo/lutas sangrentas entre apostadores. Enquanto a velhice, na concepção da Lara (s/d), é

identificada através dos temas da recordação e do sonho. Esses temas são figurativizados pelos velhos, debruçados no murinho, que vivem do passado.

A autora ainda expõe que a isotopia existencial, metaforizada nas “escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos”, aponta para o ciclo da vida. Nesse ciclo, juventude e velhice se encaixam entre os momentos extremos do nascimento e da morte, “articulando-se às isotopias da circularidade e da dinamicidade, reiteradas pela figura do caracol (que aparece duas vezes) e da escada (que sugere movimento)” (LARA, s/d).

Com base nos trabalhos dos autores citados, pode-se dizer que a singularidade de um texto não está no fato de ter uma única isotopia, mas sim na peculiaridade dos arranjos de isotopias que possibilita, como que cada nota de um acorde. Continuando o paralelo com a música, o texto, como a partitura, está dado. Esta última permanece intacta e não impede que os instrumentos com diferentes afinações e as pessoas com as diferentes formações a interpretem.

Foi necessário tratar do conceito de isotopia isoladamente. A razão disso se deve ao fato de serem envolvidos muitos tópicos concernentes ao texto, dentre eles, inclusive, está um dos mais importantes assuntos relativos à semântica, a interpretação. Essa questão é inerente à isotopia, por isso foram discutidas de modo concomitante, ainda que o foco tenha recaído sobre essa última.

Nesse sentido, é importante frisar que ambos os pesquisadores, em suas análises, consideraram a isotopia como um plano de leitura e, em seus trabalhos, a busca por isotopias, em vez de conduzir a uma significação única dos textos analisados, demonstrou uma pluralidade organizada no que tange à significação desses. Assim, é possível afirmar que a responsável pelo fechamento dos textos não é a isotopia em si, mas sim a leitura rasa que, por exemplo, em um texto pluriisotópico, só possibilita discernir um plano de leitura, ou seja, uma isotopia, ou que não consiga discernir um plano sequer.

Greimas, em suas primeiras formulações, orientado por uma ótica mais formal, imprimiu sobre o conceito de isotopia um caráter fechado. Isso propiciou concepções de que a significação está pré-estabelecida no texto, e poucas referências ao ato enunciativo, isso porque, naquele momento, a teoria atribuía primazia ao enunciado. Porém, com o desenvolvimento do projeto semiótico greimasiano, traços relativos às operações de elaboração do sentido oriundos do exercício enunciativo dos indivíduos são agregados a essa definição.

Pode-se, portanto, afirmar que Greimas não concebia a isotopia como um “fenômeno” que funciona de maneira análoga a uma grade impositiva, pois, os elementos

compatíveis que ela permite reter, possibilitando com isso uma espécie de confluência discursiva, possuem como fonte os indivíduos leitores e escritores, e não uma estrutura imanente ao texto indiferente a eles.

4.2 A isotopia e seu sentido na *Semântica*

Dos conceitos expostos na *Semântica*, o referente à isotopia é possivelmente o que proporciona menos soluções de continuidade. A referência, externa à sua própria teoria, que Greimas fez, quanto ao termo, diz respeito à física. Nessa ciência, a isotopia é uma propriedade dos núclídeos, que são uma espécie de átomo que se caracteriza pelo número de nêutrons em seu núcleo atômico e também pelo número atômico.

A etimologia da palavra parece revelar mais acerca de seu emprego na *Semântica* do que seu significado. Isotopia é formado por “iso” e “topo” que juntos significam “mesmo lugar”. Tal palavra, que é um termo científico, ganhou difusão graças à própria expansão da ciência da qual ela faz parte, especificamente, dos trabalhos relacionados à física nuclear na primeira metade do século XX.

O conceito de isotopia, tal como Greimas o definiu, não possui vínculos com assuntos da física. O que se sabe é que ele está impregnado da ideia de “mesmo lugar”, seja esse lugar: o texto, o filme, o monumento etc. Ainda que o autor não faça mais referências quanto a essa escolha do termo, não se pode afirmar que a ideia de isotopia tenha sua origem na *Semântica*, em outras palavras, não é possível determinar se Greimas foi o primeiro a perceber que, nos textos em geral, há sempre uma linha ou mais que dirige a interpretação do leitor.

Se por um lado a opção pelo uso do termo isotopia não é muito evidente, por outro, a razão de ter-se ocupado do assunto parece bastante clara. Greimas tinha conhecimento dos estudos realizados pela linguística dinamarquesa, relativos à isotopia da mensagem. Para essa escola, tal fenômeno se fundamentava na redundância das categorias morfológicas, também conhecidas como concordância gramatical.

Greimas concordava com essa postulação, contudo, em seu projeto ela servia apenas de modelo para compreender o que ele queria propor com tal conceito que, como já foi mencionado, consistia não em recorrer às categorias morfológicas, mas sim às categorias classemáticas.

O estudo da isotopia configura um salto no nível de análise, pois, enquanto se ocupava dos semas, Greimas situou seus esforços em uma unidade mínima, cuja observação

só poderia ser feita com muito empenho. Já a isotopia é bastante ampla e os itens que a integram permitem uma melhor observação, o que torna mais fácil percebê-la na superfície textual. Esse salto torna possível a análise transfrástica, que era um dos objetivos iniciais do projeto de Greimas, pois a isotopia pode existir a partir do ponto em que dois termos-objeto se juntam até o estágio em que um extraordinário número de termos se reúna para integrar um enunciado, ou seja, a isotopia não se circunscreve aos limites da frase.

Ao discutir as questões relativas à isotopia, Greimas pensou na recepção dos textos, ou seja, na interpretação do enunciado. Se ele, nesse ponto, estava preocupado com o funcionamento do texto a partir desse viés, um pouco adiante procurará compreender o que se poderia chamar de funcionamento interno do texto em que os actantes e a transformação possuem papéis fundamentais.

4.3 Rumo à Semiótica

A *Semântica* desde o início parece se encaminhar à semiótica, mesmo que Greimas a tenha elaborado com o objetivo de suprir uma demanda, propriamente, relativa ao âmbito dos estudos linguísticos. Sabe-se que a palavra semiótica não aparece na respectiva obra, o que não quer dizer que aquilo que nela se apresenta não seja as bases de tal teoria, já que os textos posteriores pouco modificaram as convicções expostas na *Semântica*.

Além de Propp, um autor que foi muito importante por essa espécie de transição foi Hjelmslev⁴³. De acordo com Hénault (2006, p. 128), Greimas já havia elaborado uma primeira versão da *Semântica* em 1958 quando comprou (traduzido para o inglês) os *Prolegômenos* (1975). O impacto dessa obra foi grande o bastante para que o Greimas destruísse quase duzentas páginas de manuscrito. Se por acaso tal atitude não for suficiente para evidenciar, por si mesma, a força da obra de Hjelmslev sobre a *Semântica*, então que seja somada a ela a citação a seguir que aponta a impressão de Greimas acerca da obra do dinamarquês:

O rigor, a simplicidade do texto, no qual não havia uma só palavra inútil, a transparência dos conceitos... Dado que todos os conceitos são interdefinidos, sua justaposição produz um efeito singular... É como se, ao ler, tudo estivesse claro e finalmente a demasiada clareza nos obscurecesse, o que obrigaria a reler a frase três vezes... isso me fazia pensar naquelas casas de vidro [...] e o todo vazado nessa espécie de economia de meios que torna uma escrita científica (GREIMAS *apud* HÉNAULT, 2006, pp. 128-129).

⁴³ É interessante a seguinte afirmação de Greimas sobre a sua relação com o trabalho de Hjelmslev: “Não consigo me lembrar do exato momento de meu encontro com Hjelmslev. Não sei se foi o Barthes quem me disse que era importante, ou se fui eu quem disse isso a ele” (ARRIVÉ; COQUET, 1987 *apud* ARRIVÉ, 2010, p. 200).

Segundo Fiorin (2003, p. 48), a semiótica francesa buscou desenvolver o projeto do linguista dinamarquês. Mas essa se afasta dele quanto à ideia, concebida por Hjelmslev, de que o texto fosse a unidade do processo com a qual o linguista trabalharia, pretendendo que, a partir dele, se inferissem as unidades do processo linguístico e as categorias do sistema da língua no plano do conteúdo e da expressão.

Do mesmo modo, foi deixado de lado o objetivo de fazer uma análise exaustiva do plano do conteúdo das línguas naturais e de fazer a análise dos signos em figuras. Nesse sentido, também se abandonou o objetivo de construir matrizes semânticas análogas às da fonologia. Diferenças e semelhanças, entre métodos e objetivos, são constantes nos trabalhos de Hjelmslev e Greimas:

Parece haver aí, em chave greimasiana, sonoros ecos do empreendimento teórico hjelmsleviano, proposições que se voltam para a tarefa concreta de construção de uma teoria adequada ao objeto mais do que para as características formais desta, ênfase que, em Hjelmslev podemos ter a impressão de estar invertida. Julgamos possível entender essa aparente diferença entre Hjelmslev e Greimas como uma questão de momentos teóricos; não estaria envolvida aí uma eventual oposição, e nem mesmo uma descontinuidade entre as concepções, mas antes uma ampliação de horizontes na obra de Greimas, a partir das novas exigências de vários outros momentos que não existiram para Hjelmslev (SOBRAL, 2009, p. 69).

Fiorin (2003, p. 48) esclareceu que a semiótica, ainda que analise os textos em línguas naturais, não o faz com o intuito de obter uma descrição exaustiva do plano do conteúdo dessas línguas, mas sim com o objetivo de explicar a produção e a interpretação dos textos. Por outro lado, de acordo com Fiorin (2003), a semiótica vai atender às diferentes exigências do projeto de Hjelmslev. Uma delas é adotar uma perspectiva imanentista para a análise do texto, esse aspecto gera muitas críticas à semiótica, devido à questão histórica, só que se adota essa perspectiva em relação ao texto:

[...] não por negar que ele sofra determinações sócio-históricas, mas por estabelecer para si como tarefa inicial conhecer os mecanismos de estruturação textual; as leis que regem a construção do discurso, que se manifesta num texto. A semiótica sempre reconheceu que o texto se produz num dado contexto histórico. No entanto, não pretendia que a análise histórica de um texto fosse a descrição de um conjunto de “anedotas” que cerca sua produção. Pretendia sim, como foi fazendo, ao longo de sua elaboração teórica, ir reintegrando, com base em princípios teóricos coerentes, o que inicialmente foi descartado (FIORIN, 2003, p. 49).

Para Fiorin (2003, p. 49), ao se considerar que a língua é forma e não substância e que esta última é resultante da primeira, a semiótica busca realizar uma análise formal do texto, em outras palavras, um estudo do conjunto de relações que gera o significado, “aquilo

que o texto diz”. Em razão disso, ela não promove a análise da substância do conteúdo, mas sim da sua forma, ou seja, “como o texto diz o que diz”.

Na concepção de Hjelmslev, segundo Fiorin (2003, p. 49), a análise precisa evidenciar tanto invariantes quanto variantes, esse é um dos princípios seguidos pela semiótica no estudo do texto. Pois, esse último possui uma estruturação, o que faz dele um todo de sentido, ele também é a manifestação de singularidades, o que, de certa maneira, significa ser da ordem do acontecimento.

Em razão de se ver o texto como o lugar de regularidades subjacentes à variabilidade, a semiótica obedece à condição de ser gerativa ao compreender a “geração do texto como um percurso que vai das invariantes às variantes, das estruturas mais simples e abstratas às mais complexas e concretas” (FIORIN, 2003, p. 49).

Os aspectos já pontuados, relacionados à semiótica, demonstram uma progressão no projeto inicial de Greimas, mas entre os fatores, não presentes na *Semântica*, que vieram a ser acrescidos posteriormente, se destaca a enunciação:

O fato de a semiótica pensar-se como uma teoria do discurso faz que se introduza, na teoria, a questão da enunciação, entendida no sentido benvenistiano como a discursivização da língua. Assim, entende ela que a passagem das estruturas mais profundas e simples às mais superficiais e concretas se dá pela enunciação. Isso significa que a semiótica não se pretende uma teoria do enunciado, mas deseja integrar enunciação e enunciado numa teoria geral. Lembremos que o problema da enunciação não tinha sido desenvolvido por Hjelmslev (FIORIN, 2003, p. 51).

A ideia de enunciação ampliou consideravelmente o alcance da semiótica, pois passou-se, com mais clareza, a considerar o texto como uma situação, e segundo Fiorin (2003) pôde-se captar o emergir do sentido, que se constrói na interação com outro. Quanto ao percurso do projeto de Greimas, que principiou na *Semântica* é importante frisar seus movimentos que configuraram precisamente progressos:

Pouco a pouco, a semiótica vai ampliando seu objeto, de forma a reintegrar tudo o que inicialmente descartara. A semiótica operou uma redução metodológica provisória de seu campo de atuação. No entanto, nunca ignorou a História, o homem, as determinações sociais presentes na linguagem (FIORIN, 2003, p. 51-52).

A dificuldade de conceituar com precisão a imanência e a manifestação parece criar entre elas um abismo pelo qual não se tem passagem segura. Do mesmo modo, pode-se falar de dicotomias como natureza e cultura, sincronia e diacronia, ontológico e epistemológico. Não é exagero afirmar que essas, entre outras, foram dicotomias com as quais Greimas teve

que lidar em seus escritos durante quase toda a sua vida. Portanto, é necessário frisar que o autor não se colocou como indiferente a nenhuma delas e deu a relevância devida a cada uma.

CONCLUSÃO

O interesse de saber como a *Semântica* configurou uma ruptura epistemológica nos estudos da linguagem foi central neste trabalho. Essa é, como se viu, a obra fundamental do projeto semiótico de Greimas, não só em razão de sua anterioridade às demais obras que ele viria a publicar, mas também por existirem nela vários conceitos oriundos da continuidade histórica dos estudos da linguagem. Há em sua constituição, também, a inserção de um novo método que reorientou esses conceitos, isso possibilitou uma ruptura no cenário dos estudos semânticos vigentes, portanto, Greimas não operou simplesmente uma síntese dos trabalhos de outros autores em sua respectiva obra.

Em razão da *Semântica*, uma nova ordem relativa à abordagem da significação foi instaurada. Tornaram-se mais fortes as concepções de que os fatores extralinguísticos não explicam inteiramente a significação, e de que o texto não é totalmente singular e indescritível. Além disso, impulsionou-se o abandono do tratamento voltado à palavra isolada, e foi ressaltado que o estudo acerca da significação é possível, mesmo sob critérios científicos. Tais ações contribuíram profundamente para a construção de um espaço próprio, pertencente à semântica, em meio aos estudos da linguagem.

Esses, entre outros fatores, já bastam para afirmar o caráter fundador da *Semântica*. É evidente que na base dessa ruptura existe a égide de uma continuidade, integrada pelos trabalhos de Saussure, Hjelmslev e Propp. Contudo, a obra de Greimas, ao se constituir sobre tais fundamentos, não deixou de estabelecer outra tradição. Ao contrário, as ideias advindas da tradição precedente foram redirecionadas para atender novas demandas e, com isso, foi constituído um domínio novo de pesquisas no âmago dos estudos da linguagem daquele período, e que se sustenta, até os dias atuais, como ponto de referência para vários estudiosos.

Percebe-se o caráter seminal da *Semântica* não só nos aspectos novos que ela veio propor, mas também nas lacunas que ela apresenta. É necessário, todavia, explicar a razão de esses espaços vazios configurarem tal caráter. Antes de tudo, é preciso dizer que uma lacuna não compreende somente uma incapacidade relativa ao pesquisador, mas também uma impossibilidade referente ao objeto, ou seja, se por um lado Greimas possuía limitações por outro o seu objeto impunha dificuldades impossíveis de serem contornadas, afinal, trata-se da significação.

Porém, várias das lacunas foram preenchidas pelo próprio Greimas em obras posteriores, o que reafirma o caráter fundador da *Semântica*, quer dizer, ela propõe resoluções ao mesmo tempo em que instaura outras questões para serem solucionadas futuramente. Um

desses casos é o do percurso gerativo do sentido, que organiza os níveis apontados nessa obra (profundo e de superfície).

Uma leitura atenta da *Semântica* pode, portanto, perceber que, na linearidade dessa obra, existem hiatos. É o caso, por exemplo, do intervalo entre o estudo do sema e o do actante, mas, quando se fez a demonstração do tal percurso (GREIMAS; COURTÈS, 2008), esse vínculo se mostrou mais coerente e pôde-se perceber que ambos são componentes diferentes, só que interdependentes.

Outra questão importante se refere ao cenário dos estudos semânticos na Europa do século XX, antes e depois da publicação da *Semântica*. Vários trabalhos foram publicados sobre o assunto no período que a antecedeu, dentre eles, se destaca o de Bréal (1992 [1897]). Só que a maioria deles foi desenvolvida em uma perspectiva diacrônica, cujo interesse principal foi entender a mudança do significado das palavras através do tempo. Tais trabalhos tiveram grande importância para a linguística e Greimas não negou esse fato. A inclinação do autor para a perspectiva sincrônica ocorreu em razão das demandas do período, ou seja, Greimas percebeu que outras formas de descrição do texto eram necessárias e que, para isso acontecer, era preciso partir de uma abordagem diferente.

Depois da *Semântica*, e a partir dela, um novo campo de estudos foi criado e veio a ser denominado de semiótica, que surgiu fundamentada, também, na Linguística saussuriana, mas que não restringe seu interesse apenas ao sistema linguístico. A semiótica orientou e ainda orienta vários trabalhos que tem como objeto o texto. Juntamente com a análise do discurso francesa, a análise do discurso anglo-saxônica e a linguística textual, a semiótica é um dos campos que mais atraem pesquisadores do texto em suas várias formas de manifestação: cinema, pintura, publicidade etc.

Não é certo afirmar que a semântica de Greimas caiu no ostracismo enquanto sua semiótica obteve uma repercussão muito superior, pois, como se buscou demonstrar, ambas compõem um mesmo projeto. Em princípio, não é correto separá-las, principalmente, se o objetivo disso for expor saltos evolutivos da teoria. De fato, as obras subsequentes vieram acrescentar vários aspectos que a *Semântica* não contemplou, porém, é possível afirmar que as diretrizes principais já estavam contidas nela.

Mesmo que o discurso inicial de Greimas (1973) seja o de construir um espaço próprio para a semântica no âmbito da Linguística, sua obra não constituiu necessariamente uma teoria que se circunscreveu a tal teoria. Como se demonstrou, na *Semântica*, há uma base linguística bastante evidente, contudo essa não é a única existente. Os demais conteúdos, que o autor incluiu em sua obra, fizeram com que ele seguisse outras diretrizes, que se

distanciavam bastante da esfera linguística proposta naquele período. Esse é um fator que explica os desentendimentos entre Greimas e outros linguistas como, por exemplo, André Martinet.

A *Semântica* causou alterações no cenário dos estudos da significação em seu período. Essa é a forma mais precisa de se referir à sua difusão, pois tais modificações repercutiram além do âmbito próprio da semântica linguística tanto no que diz respeito ao objeto, a significação e não mais o signo, quanto no que se refere ao método, que se diferenciava drasticamente dos utilizados em Linguística até então. Um aspecto pontual que merece ser destacado diz respeito à atitude fundamental de Greimas ao pensar a significação a partir da língua em uso, ou seja, através da materialidade textual. O texto torna-se o centro das atenções na *Semântica* e isso, que já existia em Hjelmslev (1975), permanece na semiótica francesa.

Enfim, resta concluir se o termo estruturalista caracteriza bem o conteúdo da *Semântica*, já que a presença do termo estrutural no título da obra não é o bastante para elucidar tal questão. Baseado em tudo o que foi dito sobre o estruturalismo, ou sobre a atividade estruturalista (BARTHES, 1967), cumpre dizer que os conceitos integrantes dessa obra e a forma em que foi construído o método, nela apresentado, são bastante similares às das obras que receberam esse adjetivo (SAUSSURE, 1995; HJELMSLEV, 1975; JAKOBSON, 1963 etc.).

Em outras palavras, na dificuldade de se afirmar categoricamente o que é o estruturalismo ou, então, listar suas características intrínsecas para, posteriormente, procurá-las nessa ou naquela obra, resta a possibilidade de perceber, na continuidade, determinados traços em comum que caracterizam certo conjunto de obras. Se os trabalhos que serviram de fonte para Greimas formam um conjunto, ainda que heterogêneo, e que tal conjunto está sob o signo dominante da epistemologia estrutural, pode-se afirmar que a *Semântica* é notavelmente uma integrante do “evento” estruturalismo. Pois, no cerne de sua singularidade, ela veio mais afirmar e fortificar as diretrizes desse fenômeno do que negá-las.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- _____. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*. v. 2, n. 1, p. 115-136, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar>>. Acesso em: 14 dez. 2009.
- ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Ática, 1998.
- APRESJAN, J. D. *Idéias e métodos da lingüística estrutural contemporânea*. Tradução de Lucy Seki. São Paulo: Cultrix: UNICAMP, 1980.
- ARISTÓTELES. Da interpretação. In: *Órganon*. 2. ed. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2010. pp. 81-110.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. A atividade estruturalista. In: ESCOBAR, C. Henrique (org.). *O método estruturalista*. Tradução de C. Henrique Escobar. Rio de Janeiro: Zahar, 1967 [1963].
- BELIAUSKAS, Z. Algirdas J. Greimas in Lithuania and in the world. s/d. Disponível em: <http://www.crvp.org/book/Series04/IVA17/chapter_xvii.htm>. Acesso em: 30 dez. 2009.
- BLAINEY, G. *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Fundamento, 2008.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Thirteenth impression [1976]. London: George Allen & Unwin, 1933.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Tradução de F. Aída et al. São Paulo: Pontes: Educ, 1992.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- FIORIN, José Luiz. Semântica estrutural: o discurso fundador. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric. (org.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. 1 ed. São Paulo: EDUC, 1995, v. 1, p. 17-42.
- _____. Greimas e Propp: conjunções e disjunções. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric. (org.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. 1 ed. São Paulo: EDUC, 1995, v. 1, p. 71-79.
- _____. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*. n. 5, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1370/1135>>. Acesso: 31 dez. 2009.
- _____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973.
- _____. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.
- _____. *Maupassant - a semiótica do texto: exercícios práticos*. Tradução de Teresinha O. Michels e Carmem L. C. L. Gerlach. Florianópolis: UFSC, 1993.
- _____. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa e textual*. Trad. Leyla P. Moisés, Jesus A. Durigan, Edward Lopes. São Paulo: Cultrix: USP, 1977. pp. 179-195.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 2008.
- HÉNAULT, A. *História concisa da Semiótica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

- _____. “Por uma semântica estrutural”. In: _____. *Ensaio lingüísticos*. Tradução de A. de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991[1957]. Cap. 08, pp. 111-127.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Editions de Minuit, 1963.
- KATZ, J. J.; FODOR, J. A. Estrutura de uma teoria semântica. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977 [1963]. pp. 77-129.
- KETELE; ROEGIERS. Aspectos generales de la recogida de información. In: _____. *Metodología para la recogida de información*. Tradução de F. López Rupérez. Madrid: La Muralla, 1995. pp. 11-42.
- KOERNER, E. F. K. *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 1978.
- _____. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, pp. 45-70, 1996.
- LANDOWSKI, E. Le papillon tête-de-Janus: à propos de Sémantique structurale, quarante ans après. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Recherches sémiotiques. 2007. Disponível em: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=342>>. Acesso em: 03 dez. 2010.
- LARA, Gláucia M. P. A produtividade da noção de isotopia na construção de sentidos do texto. s/d. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_108.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- LEPSCHY, G. C. *A lingüística estrutural*. Trad. N. T. Feres. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LEROY, M. *As grandes correntes da lingüística moderna*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix: USP, 1971.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. Tradução de Lúcia P. da Silveira. In: PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p.145-180.
- LIMA, Jonas P. *A teoria glossemática de Louis Hjelmslev numa perspectiva historiográfico-lingüística*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- LIMA, L. C. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- LOBATO, Lúcia M. P. (org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MALMBERG, B. *As novas tendências da lingüística: uma orientação à lingüística moderna*. Tradução de Francisco da Silva Borba. São Paulo: Nacional: USP, 1971.
- MELETÍNSKI, E. M. O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso. Tradução de Lúcia P. da Silveira. In: PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p. 145-180.
- MILANI, Sebastião E. *Historiografia-Lingüística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.
- NETO, J. B. História da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos*. XXXIV, pp. 4-13, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/1-convidado-borges.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- NORMAND, Claudine. *Convite à lingüística*. Trad. Cristina de C. V. Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.
- OLIVEIRA, R. P. Semântica. In: MUSSALIM; BENTES (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 3. ed. v. 2. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORLANDI, Eni. Vão surgindo sentidos. In: _____. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto - Crátilo*. Belém, UFPA, 1973.

- POTTIER, B. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977 [1965]. pp. 21-31.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984a [1928].
- _____. Estudo Estrutural e Histórico do Conto de Magia. In: _____. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984b.
- RECTOR, Monica. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- SAMPAIO, Cristina. José Luiz Fiorin, Semiótica e Paixão. Entrevista concedida por Fiorin à Revista Eutomia. *Eutomia*. Ano I, n. 02. pp. 58-67. s/d. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volume2/especial-destaques/Jose-Luiz-Fiorin_Entrevista-a-Cristina-Sampaio.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2010.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Trad. A. Chelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVA, Daniel M. *Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William Labov*. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- SOURIAU, Étienne. *As duzentas mil situações dramáticas*. Trad. Maria L. Pereira e Antônio E. Cadengue. São Paulo: Ática, 1993 [1959].
- SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*. v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: < <http://www.rahl.com.ar>>. Acesso em: 10 jul. 2009.
- TAMBA, I. *A semântica*. Trad. Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- WEINREICH, U. Pesquisas em teoria semântica. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. pp. 165-273.